

Lig.

revista de psicanálise

26

Nº1 · 2025

ISSN 2238-9083

VERSÃO IMPRESSA

ISSN 2316-6010

VERSÃO ONLINE

Fig revista de psicanálise

ANO 14, Nº 1, JAN-JUN/2025 - PUBLICAÇÃO SEMESTRAL

SIG REVISTA DE PSICANÁLISE

REVISTA SEMESTRAL DA SIGMUND FREUD ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA

ANO 14, NÚMERO 1, JAN-JUN/2025

ISSN 2238-9083 VERSÃO IMPRESSA

ISSN 2316-6010 VERSÃO ONLINE

A SIG Revista de Psicanálise é a publicação científica da Sigmund Freud Associação Psicanalítica, editada regularmente desde 2012. Nos formatos impresso e on-line, em duas edições anuais, publica artigos teórico e teórico-clínicos, ensaios, resenhas, traduções de artigos de autores estrangeiros e entrevistas no campo psicanalítico. Publica, ainda, textos voltados à interlocução entre a psicanálise e outros campos do saber, como filosofia, literatura, história e outras áreas ligadas ao estudo crítico da sociedade e da cultura.

A submissão de originais para este periódico implica na transferência, pelos autores, dos direitos de publicação impressa e digital. Os direitos autorais para os artigos publicados são do autor, com direitos do periódico sobre a primeira publicação. Os autores somente poderão utilizar os mesmos resultados em outras publicações indicando claramente este periódico como o meio da publicação original. Em virtude de ser um periódico de acesso aberto, permite-se o uso gratuito dos artigos em aplicações educacionais, científicas, não comerciais, desde que citada a fonte.

As normas para a publicação e instruções para submissão de artigos estão disponíveis em:

<http://sig.org.br/revista-sig>

VERSÃO ONLINE DA REVISTA EM <https://ojs.sig.org.br>

TIRAGEM: 180 EXEMPLARES | IMPRESSÃO: JUNHO DE 2025

S574 Sig: revista de psicanálise / Sigmund Freud Associação
Psicanalítica. - Vol. 14, n. 26 (jan./jun.2025). - Porto Alegre:
Sigmund Freud Associação Psicanalítica, 2012-

Semestral
ISSN 2238-9083

1. Psicanálise - Periódicos. I. Sigmund Freud Associação
Psicanalítica.

CDU 159.964.2(05)

Bibliotecária responsável: Clarice da Luz Rodrigues, CRB 10/1333.

Sig revista de psicanálise

REVISTA DE PSICANÁLISE

PUBLICADA POR SIGMUND FREUD ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA

PORTO ALEGRE, RS - BRASIL

2025

SIGMUND FREUD ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA

GESTÃO 2024/2026

Presidente: Elenara Vaz Faviero

Diretora Administrativa: Renata Aspar Lima

Diretora de Ensino: Luciana Rechden da Rocha

Diretora Científica: Débora Marcondes Farinati

Diretora da Clínica Psicanalítica: Joana Nazário Schmidt

Diretora de Comunicação: Mariana Machado Felin

Secretária do Conselho Deliberativo e Fiscal: Isabel Cristina Moraes Doval

SIG REVISTA DE PSICANÁLISE

Editora: Mariana Steiger Ungaretti

CORPO EDITORIAL:

Adela Stoppel de Gueller	Edson Luiz André de Souza	Miriam Chnaiderman
Almerindo Boff	Eneida Cardoso Braga	Mônica Medeiros K. Macedo
Ana Lúcia W. dos Santos	Ernani Pinheiro Chaves	Nelson da Silva Júnior
Bárbara de Souza Conte	Eurema Gallo de Moraes	Patrícia Alkolombre
Bianca Savietto	Gabriela Xavier de Araújo	Patrícia Porchat P. S. Knudsen
Carolina N. de Barros Falcão	Julio Bernardes	Paulo Cesar de Carvalho Ribeiro
Charles Elias Lang	Karin Wondracek	Paulo Endo
Cláudia Perrone	Luciana Maccari Lara	Rafael Marucco
Clarice Moreira da Silva	Luís Claudio Figueiredo	Roberta Araujo Monteiro
Cristina L. Saint Martin	Magda Mello	Sérgio de Gouveia Franco
Christian Ingo Lenz Dunker	Maria Cristina Poli	Sidnei Goldberg
Daniel Kupermann	Marília Etienne Arreguy	Simone Perelson
Débora Farinati	Marina Lucia Tambelli Bangel	Sissi Vigil Castiel
Denise Costa Hausen	Marta Rezende Cardoso	Vera Blondina Zimmermann

COMISSÃO EXECUTIVA:

Adriana Silveira Gobbi

Ângela Segabinazzi
Rodrigues

Cristina Gudolle Herbstrith

Gabriele Honscha Gomes

Pâmela Soares Bratkowski

PROJETO GRÁFICO:

Débora Dutra

*Capa: arte sobre fragmento
da obra de Henri Matisse
(reprodução), Litografia para
a Verve, 1937.

DIAGRAMAÇÃO:

Marconbrasil
Comunicação Direta

SUMÁRIO

SUMMARY

EDITORIAL7

EM PAUTA/ON THE AGENDA

SILVIA BLEICHMAR: APORTES PARA A CLÍNICA PSICANALÍTICA COM CRIANÇAS9

Silvia Bleichmar: contributions to the psychoanalytic clinic with children

Silvia Bleichmar: aportes a la clínica psicoanalítica con niños

- *Marina Lucia Tambelli Bangel*

EL RETORNO DEL MODELO BIOLÓGICO Y LA AMENAZA A LA REVOLUCIÓN
FREUDIANA. AMPLIAR LOS SENDEROS DE SILVIA BLEICHMAR21

The return of the biological movement and the threat of the freudian revolution. Widening
the path of Silvia Bleichmar

O retorno do movimento biológico e a ameaça da revolução freudiana. Ampliando o
caminho de Silvia Bleichmar

- *Mara Sverdlík*

SOBRE A ÓTICA DE SILVIA BLEICHMAR: AS DIMENSÕES ÉTICA, POLÍTICA E SOCIAL NA
PSICANÁLISE29

Through Silvia Bleichmar's eyes: ethical, political, and social dimensions of psychoanalysis

Bajo la perspectiva de Silvia Bleichmar: las dimensiones ética, política y social en
psicoanálisis

- *Eurema Gallo de Moraes*

- *Mônica Medeiros Kother Macedo*

PSICANÁLISIS "DE FRONTERA" Y PROCESOS DE NEOGÉNESIS: EXIGENCIAS TEÓRICO-
CLÍNICAS PARA UNA PRAXIS TRANSFORMADORA39

"Frontier" psychoanalysis and neogenesis processes: theoretical-clinical demands for a
transforming praxis

Psicanálise "de fronteira" e processos de neogêneses: exigências teórico-clínicas para
uma práxis transformadora

- *Facundo Blestcher*

O BEBÊ NO SÉCULO XXI: A INTERSUBJETIVIDADE E AS TRAMAS CONSTITUTIVAS47

The baby in the 21st century: intersubjectivity and constitutive plots

El bebé en el siglo XXI: intersubjetividad y tramas constitutivas

- *Cristina Gudolle Herbstrith*

- *Daniela Piccoli Brasiliense*

- *Fernanda Dornelles Hoff*

- *Julia Elisabeth Salaverry Dattelkremer*

- *Juliana de Azevedo Medeiros*

- *Mariana Oliveira de Azevedo*

- *Sofia Acauan Simões Pires*

PSICANÁLISE, DISTOPIA E UTOPIA: CONSTRUINDO UM FUTURO MAIS-QUE-PERFEITO
COM SILVIA BLEICHMAR57

Psychoanalysis, dystopia and utopia: building a future perfect with Silvia Bleichmar

Psicoanálisis, distopía y utopía: construyendo un futuro pluscuamperfecto con Silvia
Bleichmar

- *Gisele Senne de Moraes*

ARTIGOS/ARTICLES

ENTRE A CULPA E O SILÊNCIO: A DEPRESSÃO A PARTIR DAS IDEIAS DE FERENCZI..... 67
Between guilt and silence: depression through Ferenczi's ideas
Entre la culpa y el silencio: la depresión desde las ideas de Ferenczi
- *Alexandre Patricio de Almeida*

AS BASES DO INCONSCIENTE COLONIAL..... 81
The foundations of the colonial unconscious
Las bases del inconsciente colonial
- *Jairo de Oliveira*
- *Ronald Lopes*

ENSAIO/ESSAY

CORPOREIDADES CONTEMPORÂNEAS... "HUMANAS, DEMASIADO HUMANAS" 97
Contemporary corporealities... "human, all too human"
Corporeidades contemporâneas... "humanas, demasiado humanas"
- *Rubens M. Volich*

ENTREVISTA/INTERVIEW

ENTREVISTA CON MARINA CALVO: HOMENAJE A SILVIA BLEICHMAR 109
Interview with Marina Calvo: tribute to Silvia Bleichmar
Entrevista com Marina Calvo: homenagem a Silvia Bleichmar
- *Marina Calvo*

RESENHAS/REVIEW

SUBJETIVIDADES CONTEMPORÂNEAS SOB A TELA: DO LIKE AO BURNOUT..... 117
Contemporary subjectivities under the screen: from like to burnout
Subjetividades contemporâneas bajo la pantalla: del gusto al burnout
- *Bruna Mello da Fonseca*

AS MÚLTIPLAS VOZES DA PSICANÁLISE BRASILEIRA..... 121
The multiple voices of brazilian psychoanalysis
Las múltiples voces del psicoanálisis brasileño
- *Júlia Gerhardt*
- *Guilherme Berti*

EDITORIAL

É com grande entusiasmo que apresentamos a edição número 26 da *Sig Revista de Psicanálise*, marcando o início da nova equipe editorial, formada em dezembro de 2024. Começamos este ciclo com o compromisso de dar continuidade ao trabalho rigoroso e sensível realizado pelas equipes anteriores, que souberam construir e sustentar este espaço fecundo de interlocução e transmissão da psicanálise.

Assumimos essa responsabilidade reconhecendo os desafios impostos pelo nosso tempo, frente a um momento histórico atravessado por demandas imediatistas e leituras simplificadas. Diante disso, reafirmamos nosso compromisso com a tarefa essencial de fazer a psicanálise trabalhar. Isso significa resgatar e problematizar os operadores conceituais fundamentais da psicanálise, colocando-os em diálogo com as tensões do contexto sócio-histórico que nos constitui e nos interpela.

Inspirados nessas ideias, escolhemos como eixo central desta edição a reflexão sobre a subjetividade — entendida não apenas a partir da singularidade do sujeito, mas também em sua articulação com os processos históricos e sociais que atravessam o psiquismo. Em consonância com essa abordagem, dedicamos uma homenagem à psicanalista Silvia Bleichmar, que completaria 80 anos em 2024, e cuja obra permanece atual, provocadora e inspiradora. Seus escritos seguem oferecendo ferramentas teóricas potentes e nos convocam a repensar a psicanálise em constante movimento, a partir das interrogações que emergem do nosso tempo. Nesse sentido, Bleichmar nos alerta para os processos de “dessubjetivação” historicamente presentes na América Latina, que contribuem para o desamparo psíquico e o esvaziamento do sujeito.

Nesta edição, reunimos trabalhos que aprofundam as complexidades desses temas. A seção “Em pauta” contempla importantes contribuições de psicanalistas, que homenageiam o legado teórico e clínico de Bleichmar. Além disso, apresentamos uma consistente entrevista com a psicanalista Marina Calvo, filha de Silvia Bleichmar, que oferece singulares reflexões sobre o pensamento e a trajetória da autora.

A revista também reúne artigos científicos, resenhas e um ensaio que abordam temas ligados à contemporaneidade.

Com alegria, convidamos à leitura deste número, desejando que ele provoque, inspire e reverbere em sua escuta e prática clínica.

Mariana Steiger Ungaretti
Editora

Adriana Silveira Gobbi
Ângela Segabinazzi Rodrigues
Cristina Gudolle Herbstrith
Gabriele Honscha Gomes
Pâmela Soares Bratkowski
Comissão Executiva

SILVIA BLEICHMAR: APORTES PARA A CLÍNICA PSICANALÍTICA COM CRIANÇAS

SILVIA BLEICHMAR: CONTRIBUTIONS TO THE PSYCHOANALYTIC CLINIC WITH CHILDREN

SILVIA BLEICHMAR: APORTES A LA CLÍNICA PSICOANALÍTICA CON NIÑOS

Marina Lucia Tambelli Bangel¹

Resumo: A clínica psicanalítica com crianças tramita em tempos fundamentais e fundantes do psiquismo, convocando os psicanalistas a uma prática precisa e ética diante da importância que suas intervenções têm para o futuro do sujeito. Silvia Bleichmar, partindo da metapsicologia freudiana, constrói uma proposta teórico-clínica sólida e profunda sobre os tempos originários da constituição psíquica. O objetivo do presente trabalho é apresentar um recorte destes, bem como o seu entrelaçamento com a psicopatologia infantil, com ênfase na importância do outro humano na constituição e nas recomposições psíquicas, bem como no caráter libidinal do sofrimento infantil, questões fundamentais no dessubjetivante contexto atual.

Palavras-chave: Silvia Bleichmar. Constituição psíquica. Clínica psicanalítica. Psicopatologia infantil.

Abstract: Psychoanalytic clinic with children operates within fundamental and foundational times of the psyche, calling psychoanalysts to a precise and ethical practice, given the importance of their interventions for the subject's future. Silvia Bleichmar, stemming from Freudian metapsychology, constructs a solid and profound theoretical-clinical proposal on the original times of psychic constitution. The objective of the present study is to present an excerpt of these and their intertwining with child psychopathology, emphasizing the importance of the human other in psychic constitution and recomposition, as well as the libidinal nature of childhood suffering fundamental issues in the current context, which tends to weaken subjectivity.

Keywords: Silvia Bleichmar. Psychic constitution. Psychoanalytic practice. Child psychopathology.

Resumen: La clínica psicoanalítica con niños transita en tiempos fundamentales y fundantes del psiquismo, convocando a los psicoanalistas a una práctica precisa y ética, dada la importancia que sus intervenciones tienen para el futuro del sujeto. Silvia Bleichmar, partiendo de la metapsicología freudiana, construye una propuesta teórico-clínica sólida y profunda sobre los tiempos originarios de la constitución psíquica. El objetivo del presente trabajo es presentar un recorte de estos y su entrelazamiento con la psicopatología infantil, con énfasis en la importancia del otro humano en la constitución y en las recomposiciones psíquicas, así como en el carácter libidinal del sufrimiento infantil, cuestiones fundamentales en el desubjetivante contexto actual.

Palabras clave: Silvia Bleichmar. Constitución psíquica. Clínica psicoanalítica. Psicopatología infantil.

¹ Psicanalista com atividade clínica em Porto Alegre e on-line. Psicóloga (UFRGS). Mestre em Teologia — Dimensões do Cuidado e Práticas Sociais, pela Faculdade EST. Coordenadora e supervisora na Formação em Psicanálise e membro do Grupo de Investigação: Constituição Psíquica e Patologias Graves na Infância na Sigmund Freud Associação Psicanalítica (SIG). Coordenadora e supervisora na Formação Psicanalítica, na Formação em Psicanálise de Crianças e Adolescentes e membro do Núcleo da Infância e da Adolescência (NIA) no Espaço Criar. Membro da rede de estudos com Facundo Blestcher. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-7007-7358>. E-mail: marinabangel@hotmail.com

Silvia Bleichmar possuía um entusiasmo pelo estudo e pela transmissão da psicanálise e, entre tantas e importantes contribuições desta autora, as suas investigações e propostas teórico-clínicas sobre as origens do psiquismo ocupam um lugar fundamental para a psicanálise com crianças, inspirando psicanalistas que compartilham o mesmo prazer pela clínica nos tempos da infância. Em uma entrevista ela destaca: “as crianças, para mim, são um campo central de descobrimento e de prazer também no trabalho. É muito prazeroso trabalhar com crianças” (Ferreira; Molloy, 2001, p. 202).

Esta posição subjetiva é fundamental para ancorar uma prática na qual o psicanalista precisa equilibrar variáveis complexas, com a habilidade de um verdadeiro malabarista. Além disso, conforme destaca Bleichmar (2020),² esta é uma prática sempre em risco. Questionada sobre os riscos das propostas a partir da biologia, afirma que o efetivamente preocupante ao ofício da psicanálise seria um modelo de produção de subjetividade em que não houvesse espaço para as questões centrais do processo de humanização, a partir do qual um sujeito se constitui como desejante.

O que, naquele horizonte, em 2002, poderia parecer distante observa-se na produção das subjetividades contemporâneas. Em seu legado, com vigor e lucidez, Bleichmar apresenta propostas teóricas e técnicas consistentes, permitindo aos psicanalistas ocuparem um lugar de resistência frente a essa dessubjetivação, salvaguardando o valor do sentido, dos processos de simbolização e complexização psíquica, bem como da determinação libidinal tanto na constituição psíquica quanto na patologia mental (Ferreira; Molloy, 2001).

Nos diversos espaços de transmissão da psicanálise aos quais se dedicou — seminários, supervisões, conferências, publicações —, Bleichmar preocupava-se em situar o seu ponto de partida teórico, deixando claro para seus interlocutores desde onde pensava os ordenadores que ancoravam a sua prática clínica. Esta, exercida com acuidade, fazendo “biópsia” (Bleichmar, 2005a, p. 233) naqueles elementos que permitiam o diagnóstico metapsicológico “fino” em situações clínicas complexas, fazia com que ela fosse procurada em situações clínicas de difícil diagnóstico.

Também encontramos nas produções de Bleichmar vinhetas e histórias clínicas que exemplificam sua empatia e seu posicionamento diante do sofrimento psíquico, questão fundamental no cenário atual dessubjetivante. A autora ressalta que, em tempos de traumatismos naturais e históricos, é fundamental ao psicanalista manter seu aparato de pensar, bem como afinar seus instrumentos teórico-clínicos (Bleichmar, 2010). Os espaços de troca e de transmissão são privilegiados para tal fim, de forma que este é um dos principais objetivos deste trabalho: fazer um recorte dentro do vasto legado de transmissão da autora, com o objetivo de fazer circular entre os psicanalistas, especialmente para aqueles que se dedicam à clínica com crianças, ordenadores importantes para o trabalho clínico contemporâneo.

METAPSIKOLOGIA DO ORIGINÁRIO

Cabe iniciar com uma definição de infância proposta por Bleichmar a partir de uma visão psicanalítica:

a infância é o tempo de instauração da sexualidade humana, e da constituição dos grandes movimentos que organizam seus destinos no interior de um aparelho psíquico destinado ao après-coup, aberto a novas ressignificações e em vias de transformação a novos níveis de complexização possível (Bleichmar, 1994, p. 148).

² Esta é uma publicação póstuma. Silvia Bleichmar faleceu em 2007 e muitos dos “Seminários de los lunes” realizados de 1996 até 2007, ano de seu falecimento, foram degravados e cuidadosamente organizados para publicação, especialmente a partir do trabalho de sua filha, Marina Calvo. O seminário que deu origem a esta publicação foi realizado no ano de 2002.

Sendo assim, a clínica psicanalítica com crianças transcorre em tempos de estruturação do aparelho psíquico e, como reforça a autora, os destinos da pulsão serão destinos do sujeito (Bleichmar, 1994). O compromisso clínico e ético da autora frente à importância da intervenção nos tempos da infância balizou o seu movimento de revisar teoricamente os tempos originários da constituição psíquica, porque a definição das condições e dos movimentos que a impulsionam possibilitaria aos psicanalistas uma intervenção oportuna e precisa, questão fundamental considerando-se que não se pode perder tempo, especialmente em situações de emergência e/ou quando a constituição psíquica esteja em risco. Operar de qualquer modo, “para ir vendo o que vai ocorrer”, faz com que se percam anos da infância nos quais as dificuldades avançam numa organização nem sempre possível de ser revertida. Sim, as potencialidades de transformação nos tempos da constituição do psiquismo são significativas, mas, apesar disso, nem tudo é reversível! (Bleichmar, 2020, p. 417).

Por esse motivo, é doloroso que pais, ao perceberem dificuldades em seu(sua) filho(a), escutem dos profissionais que não se preocupem porque “quando amadurecer um pouco mais isso vai passar”, como se os movimentos de constituição psíquica seguissem um caminho biológico que se modificaria exclusivamente a partir da passagem do tempo cronológico. Não é isso o que ocorre.

Em sua proposta teórica para os tempos originários do psiquismo, Bleichmar (2005a) apresenta a constituição psíquica como um processo complexo, efeito das operatórias humanizantes. Resgata o caráter sexualizado e sexualizante do outro humano, propondo a existência de uma “assimetria sexual e simbólica entre a criança e o adulto que transcende os modos históricos” (Bleichmar, 2005a, p. 102). Esta constituição também será atravessada pelas vicissitudes do histórico-vivencial, sempre singular, de cada sujeito. Com isso, a autora enfatiza a importância de um diagnóstico cuidadoso com vistas a tecer a direção da cura necessária a cada situação clínica, em específico.

Imbuída desta consciência e com um conhecimento profundo da teoria freudiana, Bleichmar (1994) parte da convicção de que as transformações nas expressões clínicas não invalidam os princípios que deram origem à psicanálise. Com isso, se debruça no importante trabalho de revisar e de fazer trabalhar o “corpus freudiano” (Bleichmar, 1994, p. 175), especialmente os textos da metapsicologia,³ selecionando fundamentos teóricos sobre a constituição do psiquismo e diferenciando-os daqueles que são decorrência das questões históricas da época, os quais foram cunhados por Freud.

A partir deste movimento, Bleichmar oferece um importante legado: uma proposta teórica sobre os tempos de constituição da tópica psíquica que servem como ordenadores para uma psicopatologia infantil ancorada na metapsicologia freudiana e em autores pós-freudianos, especialmente Laplanche (que foi orientador da sua tese de doutorado), e cuja proposta teórica lhe foi inspiradora e com a qual manteve proximidades, divergências e ampliações.

TEMPOS DA CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA: ENLACES COM A PSICOPATOLOGIA INFANTIL

A constituição do psiquismo, na visão de Bleichmar, é um processo que ocorre em tempos reais através do efeito das operatórias humanizantes (pulsão originária; ligação; pautação) realizadas por um outro humano sexualizado e sexualizante que toma sob a sua

³ Quando a autora explicita a que textos se refere, deixa claro que não são apenas os textos freudianos conhecidos como “metapsicológicos”, tais como: *O inconsciente* (1915), *Recalcamento* (1915), *Pulsão e destinos da pulsão* (1915). Utiliza também textos os quais considera que “oferecem reformulações gerais aos modelos do funcionamento psíquico”: *Projeto para uma psicologia científica* (1895), *Carta 52* (1896), *A interpretação dos sonhos* (1900) (capítulo VII), *Além do princípio de prazer* (1920) e *O ego e o Id* (1923) (Bleichmar, 2005a, p. 24).

responsabilidade a proteção e o cuidado da “cria”,⁴ do “filhote humano” para garantir que ele tenha não só uma vida biológica, mas também uma vida simbólica. São efetuadas a partir do seu aparelho psíquico clivado, ou seja, exercidas a partir das suas diferentes instâncias psíquicas numa “assimetria constitutiva” que é tanto “sexual” quanto “simbólica” (Bleichmar, 2005a, p. 102).

Bleichmar (2020) resgata o caráter sexualizado do outro humano e situa no prazer corporal erógeno do adulto com o corpo da criança o apoio para o surgimento do campo representacional. Essa questão traz duas consequências importantes: aponta que o corpo biológico, por si só, não é garantia de um corpo libidinal — “para que haja corpo no sentido libidinal tem que haver exterior libidinizante do outro” (Bleichmar, 2020, p. 33) — e situa o outro humano como “produtor” da tópica psíquica e não apenas um “suporte” para ela (Bleichmar, 2005a, p. 115).

Após essas considerações, cabe apresentar um recorte dos tempos da constituição psíquica propostos pela autora, bem como alguns dos alinhavos que efetua entre estes e a psicopatologia infantil.

PRIMEIRO TEMPO DA VIDA

Para Bleichmar (1994), esse primeiro tempo, que não corresponde ainda ao primeiro tempo da sexualidade, caracteriza-se pelo desamparo da “cria”, que nasce com um substrato biológico com maiores ou menores facilitações nos circuitos e conexões genéticas. Entretanto, a autora (2005a) aponta como discutível a ideia de uma transmissão genética dos conteúdos representacionais.

Bleichmar (2020) situa como momento inaugural a experiência de satisfação proposta por Freud, mas coloca um acento no prazer corporal erógeno do adulto com o corpo da “cria”, enfatizando que este é o elemento central capaz de promover uma ruptura com os circuitos biológicos, instaurando a pulsão e inaugurando a vida psíquica.

SEGUNDO TEMPO DA VIDA, PRIMEIRO DA SEXUALIDADE — PRIMEIRAS INSCRIÇÕES, PRIMEIRAS LIGAÇÕES

O segundo tempo da vida, primeiro tempo da sexualidade, é marcado por este “desencontro estruturante” (Bleichmar, 2020, p. 345) através do qual o “filhote humano” vai em busca do nutrição e recebe, junto com os cuidados autoconservativos, um “plus” de prazer, excitante, “traumático” (Bleichmar, 2005a, p. 131), que subverte os montantes biológicos de forma que “a experiência sensorial se vê subvertida de sua ordem natural, já que fica totalmente atravessada pela experiência libidinal oferecida pelo outro humano... um outro humano provido de desejo de sexualidade” (Bleichmar, 2005a, p. 256).

Para Bleichmar (2005a), a partir das primeiras inscrições, a pulsão já tem um caráter de atacante interno e o psiquismo incipiente necessitará novamente da ação do outro humano. Este, a partir do seu “narcisismo transvazante” — capaz de transvazar-se para outro ser ao ver a “cria” como um outro humano —, vai lhe atribuir pensamentos e desejos e realizar movimentos amorosos (através da fala, de cantigas, etc.) que auxiliarão nas primeiras ligações, produtoras de vias colaterais que servirão de base na qual o ego irá se assentar por ocasião do recalçamento originário. Assim, o outro humano, do lado do seu inconsciente, executa uma “função pulsante” e, a partir do seu narcisismo, exerce uma “função ligadora” (Bleichmar, 2005a, p. 137).

⁴ Bleichmar explica que escolheu as palavras “cria humana” ou “filhote humano” em vez de “infans” ou “lactante” para destacar que é “cria”, “filhote” que “tem que humanizar-se, constituir-se como sujeito humano... É potencialmente humano... Se não se produzem as condições de humanização a humanidade não se articula” (Bleichmar, 2016, p. 22).

Considerar as representações como não existentes desde as origens, ou seja, não transmitidas geneticamente e sim como efeito das operatórias humanizantes, significa ter em conta a possibilidade de que este processo pode, inclusive, em determinadas situações, não se produzir. Diz a autora: “sabemos que em geral não é assim, mas estão aí as creches romenas de Nicolás Ceausescu e outros exemplos históricos⁵ que nos indicam o contrário” (Bleichmar, 2021, p. 136).

A instauração do autoerotismo opera como um indicador importante: “Se há autoerotismo haverá pensamento... já está com um objeto mental com que pode obter prazer” (Bleichmar, 2005a, p. 270). Ou seja, a função biológica já foi subvertida e já existem restos do objeto sexual inscritos. Por outro lado, o autoerotismo, enquanto reativação desejante das marcas mnêmicas, constitui também um importante modo de ligação das excitações (Bleichmar, 2005a, p. 131).

A autora diferencia o autismo infantil primário das “formas autistizadas como formas secundárias defensivas nas psicoses” (Bleichmar, 2005a, p. 323). O primeiro decorre do fracasso na ruptura dos imediatismos biológicos, gerando quadros deficitários de humanização. É, portanto, mais grave, porque “é mais grave o que nunca se constituiu do que o que se constituiu como defesa” (Bleichmar, 2005a, p. 323). O trabalho, nessas situações, precisará detectar o que está obstaculizando as operatórias libidinadoras para poder promovê-las, considerando que as causas podem ser da ordem do substrato biológico da cria e/ou do psiquismo do outro humano cuidador.

SEGUNDO TEMPO DA VIDA PSÍQUICA: CONSTITUIÇÃO DO RECALCAMENTO ORIGINÁRIO, CLIVAGEM DA TÓPICA, FUNDAÇÃO DO INCONSCIENTE E INSTAURAÇÃO DO EGO ENQUANTO REPRESENTAÇÃO NARCISISTA

Bleichmar (1994) confere ao recalcamto originário⁶ um lugar de destaque na sua produção teórica, em função do seu caráter fundante para a tópica psíquica. Além disso, as falhas parciais ou significativas nos movimentos que o constituem estão na base de muitos dos fenômenos clínicos com os quais nos deparamos em nossa prática, especialmente nos tempos da infância:

Aparentemente distanciada da clínica cotidiana, tentamos demonstrar que a questão do recalcamto originário revela-se, no entanto, como a única via para a compreensão de certos fenômenos cuja frequência é maior do que um olhar não treinado poderia supor (Bleichmar, 1994, p. 192).

A autora enfatiza que as representações pré-existem ao recalcamto originário, mas encontram-se numa espécie de “loft” (Bleichmar, 2005a, p. 120), ou seja, “vagam pelo aparelho anímico sem ancoragem, sem fixação” (Bleichmar, 2005a, p. 117). Ao fixá-las ao inconsciente, o recalcamto funda-o. Esse movimento é reequilibrante para o psiquismo porque as representações, ao tornarem-se fixadas, passam a funcionar sob o princípio do prazer e, com isso, deixam de avançar de forma compulsiva. A clivagem tópica inaugura a presença de dois sistemas (inconsciente e pré-consciente-consciente) com funcionamentos diferentes (processo primário e processo secundário), condição fundamental para a existência do conflito intrapsíquico e para a produção das formações do inconsciente, enquanto formações de compromisso entre ambos. A presença delas é um dos indicadores da presença do recalcamto.

⁵ Bleichmar refere-se às crianças ferais ou selvagens (Bleichmar, 2005a, p. 130; 2020, p. 628).

⁶ A opção por “originário” (dá origem a) em vez de “primário”, na tradução da palavra *Urverdrängung*, decorre justamente do acento que a autora coloca sobre o caráter fundante que este tem para o inconsciente (Bleichmar, 1994, p. 179).

A pergunta “De onde o recalçamento originário extrai sua força?” provavelmente se constituiu como uma das mais inquietantes e recorrentes para aqueles que escutaram pessoalmente ou que tomaram contato com as ideias de Bleichmar através dos seus escritos. Resposta clara: “a força de contrainvestimento assim como a inscrição pulsional virá do outro” (Bleichmar, 1994, p. 183).

No outro, não só as nossas bocas, mas também as nossas mentes são alimentadas; dele recebemos, juntamente com o leite, o ódio e o amor, as nossas preferências morais e nossos valores ideológicos. O outro está inscrito em nós e isso é inevitável. É essa condição básica da transformação do filhote humano em ser humano que gera a expectativa de que o próximo não pode deixar de nos afastar do egoísmo com uma presença tensionante (Bleichmar, 2005b, p. 8).

Através da fala, os adultos transmitem à criança enunciados tais como: “Nossa! Tu és muito esperto, já sabes esperar!”. Ou, ao contrário: “Nossa! Como tu és brabo e impaciente, não sabes esperar!”. E, ao estarem atravessados pelas leis que regem os contatos inter-humanos e a civilidade nas relações, vão oferecer à criança também os enunciados proibitórios. As interdições primárias irão pautar o exercício autoerótico e as proibições secundárias possibilitarão as renúncias edípicas. As interdições primárias, como coloca Bleichmar (2005a), emprestam uma força para a criança efetuar a renúncia ao exercício da satisfação pulsional direta, o que é fundamental para que o recalçamento originário possa se instaurar.

Do lado do pré-consciente, o processo secundário permitirá ao aparelho psíquico a organização da lógica (tempo, espaço) fundamental para os processos de simbolização. O trabalho clínico nos tempos da infância coloca o psicanalista diante de crianças que podem não ter constituído ainda noções importantes, tais como frente/atrás, em cima/embaixo, demonstrando que o processo secundário e a posição de sujeito ainda não estão instaurados, pois, para a construção destas noções, a criança utiliza a si própria (em frente a mim, atrás de mim). O mesmo ocorre com as perguntas “Quem sou eu?”, ou com as afirmações, tais como “Eu não sou um boneco” ou “Eu não sou uma galinha”. Tais questões podem causar estranhamento nos adultos porque, para eles, isso parece óbvio. Do ponto de vista da criança, apontam para um ego tentando situar-se/afirmar-se. Assim, conforme Bleichmar:

não é difícil perceber que os mais graves transtornos de aprendizado da primeira infância fazem, em geral, evoluções psicóticas ou a déficit e não podem ser considerados como simples transtornos maturativos do desenvolvimento (Bleichmar, 2005a, p. 117).

É importante o fato de que a presença do pré-consciente, por si só, não é garantia de que haja um sujeito psíquico e Bleichmar (2009) nos aponta situações clínicas, especialmente as psicoses infantis, em que é possível encontrar um pré-consciente, ou seja, a lógica operando, mas este encontra-se desabilitado de um sujeito:

É o caso das esquizoidias graves ou dessa coisa tão estranha que foi a Síndrome de Asperger, da qual temos deixado de ouvir falar, mas que se caracteriza justamente pela existência da lógica do pré-consciente desabilitado de um sujeito amoroso (Bleichmar, 2009, p. 322).

O contato com a realidade confronta permanentemente o psiquismo com a tarefa tanto de regular os estímulos advindos do mundo externo quanto de dar um destino às excitações internas. Nas psicopatologias graves, as falhas na constituição da tópica psíquica e na representação narcísica, totalizante de si, impedem a constituição de um campo diferenciado tanto no interior do psiquismo quanto deste com relação ao exterior, gerando sofrimentos intensos na criança. Bleichmar (1994) exemplifica esta questão através do pequeno Alberto que, diante do barulho da moto que passava na rua, em vez de fechar o ouvido, fechava a porta do consultório:

Só podia então fechar as portas do espaço exterior, porque ele mesmo não se separava como objeto daqueles objetos que o rodeavam; sua representação egoica não estava constituída e por isso seu corpo podia ser facilmente atravessado sem que ele pudesse controlar seus próprios buracos de entrada e saída (Bleichmar, 1994, p. 96).

A compreensão metapsicológica possibilita que a intervenção de Bleichmar se distancie do “senso comum” — “a moto não pode voar e entrar pela janela” —, ineficaz do ponto de vista de possibilitar transformações psíquicas. Ancorada metapsicologicamente, aproxima-se com delicadeza:

Pus minhas mãos sobre sua cabeça, enlaçando-a (como constituindo uma proteção), e lhe falei dos objetos que entravam nela, de como sentia sua cabecinha aberta a todas as coisas que entravam e saíam e me propus a ajudá-lo a conseguir, juntos, que sentia que podia abrir e fechar sua cabeça para receber aquilo que hoje o invadia partindo-o em pedacinhos. “A moto não pode entrar na minha cabeça, não é verdade?”, respondeu-me (Bleichmar, 1994, p. 96).

Nas crianças com falhas na constituição da tópica psíquica, tais como Alberto, bem como nas crianças “hipersensíveis”/“hiperconectivas” (Bleichmar, 2009, p. 228), o trabalho psicanalítico precisará auxiliar nos processos de ligação das intensidades e na constituição de um eu enquanto representação de si, com recursos para apropriar-se dos vividos, transformando o que ingressou de forma traumática em uma história própria. Nesse sentido, os escritos de Bleichmar (1994) sobre seu paciente Alberto são inspiradores.

Um computador, afirma Bleichmar (2009), consegue rechaçar o que não é compatível com o sistema. O ser humano não. Assim, em muitos casos, a defesa psicótica, mesmo que extrema, será a forma possível encontrada como proteção frente ao efeito que o excesso gera no psiquismo. A constituição da tópica psíquica tem um papel protetor:

O complexo jogo entre as instâncias psíquicas, uma vez diferenciadas, a constituição da tópica psíquica, permitiria um funcionamento filtrado através de um funcionamento simbólico no qual as significações articuladas pela linguagem jogam um lugar central (Bleichmar, 2009, p. 229).

TERCEIRO TEMPO DA VIDA PSÍQUICA

Os dois tempos apresentados anteriormente são requisitos fundamentais para que uma neurose possa se estruturar a partir deste terceiro tempo, que é marcado pela fundação das instâncias ideais e da consciência moral, bem como da identificação sexuada através “da articulação desejanse a um dos pais e à rivalidade com o outro” (Bleichmar, 2005a, p. 139). O recalamento secundário e a constituição do superego permitirão um novo reequilíbrio do aparelho psíquico, e a tópica psíquica ficará organizada pela angústia de castração, em vez da angústia de aniquilamento. Inclusive, para a autora, o tipo de angústia predominante no aparelho psíquico servirá como diagnóstico diferencial para uma estrutura predominantemente neurótica.

O extenso trabalho de Bleichmar sobre os fundamentos metapsicológicos nos tempos da origem do psiquismo e do sujeito psíquico⁷ tem consequências importantes para a clínica. A autora faz uma diferenciação entre dois tipos de fenômenos psicopatológicos: “transtorno” e “sintoma” (Bleichmar, 1994, p. 178).

⁷ Apresento aqui como separados — origem da tópica psíquica e origem do sujeito psíquico — porque, como demonstrado anteriormente, e essa é uma questão importante para o trabalho clínico, a partir das inscrições há um psiquismo sem que necessariamente haja um sujeito capaz de habitar esta tópica e apropriar-se dela.

O sintoma, neurótico, originado a partir da formação de compromisso entre as instâncias psíquicas, só poderá ocorrer a partir de uma tópica constituída, ou seja, que tenha efetuado os movimentos constitutivos do recalçamento originário, bem como os do recalçamento secundário. Enquanto realização velada de um desejo inconsciente, o sintoma é uma produção psíquica altamente simbólica. Já o transtorno é uma expressão sintomática decorrente do efeito de falhas, de fracassos na constituição da tópica psíquica (Bleichmar, 1994).

Bleichmar (2021) observava que a maioria das expressões psicopatológicas infantis, em sua época, não era decorrência de sintomas. Nos tempos atuais, isso segue vigente e as dificuldades na constituição da tópica psíquica vêm se ampliando vertiginosamente. Isso tem consequências importantes para a clínica, pois a diferença metapsicológica entre o sintoma (formação de compromisso) e o transtorno (falhas parciais ou significativas na constituição da tópica psíquica) põe em jogo o tipo de estratégia a ser escolhida para definir o início do tratamento e a direção da cura. Esse movimento levará em conta a predominância estrutural, pois, para Bleichmar (2005a), em um psiquismo podem coexistir elementos neuróticos e não neuróticos, demarcando que a tópica psíquica não é homogênea. Nela existem diferentes tipos de representação (signos de percepção, representação-coisa, representação-palavra) que necessitarão de diferentes formas de trabalho técnico:

o analista de crianças deverá ser extremamente preciso em sua técnica para justificar suas intervenções: momentos fundantes do aparelho, momentos ligadores que tendem a instaurar o não constituído, momentos interpretantes para tornar consciente o inconsciente (Bleichmar, 1994, p. 147).

No processo de análise, o trabalho de desvelamento do inconsciente realizado através da interpretação será corroborado pela resposta associativa da criança. Já na intervenção psicanalítica frente às falhas na constituição da tópica psíquica, assim como em situações de traumatismos severos, o trabalho não será interpretativo, e sim de ligação a partir de intervenções simbolizantes. Nessas situações clínicas, a corroboração da ação do psicanalista se fará a partir dos saltos estruturais acompanhados *in situ*. Nesses casos, tais movimentos serão produzidos pelo próprio analista através de suas intervenções ligadoras: “o analista artesão criou com os materiais existentes algo diferente daquilo que encontrou inicialmente” (Bleichmar, 1994, p. 202).⁸

Assim, para Bleichmar, o processo de neogênese ocupa um lugar central.

Neogênese quer dizer produção de algo novo que não está em cada um dos elementos, mas sim nas possibilidades de articulação de novas pontes simbólicas e na sua combinação, possibilidades estas que não se pode dizer que antecedem o fenômeno produzido (Bleichmar, 2005a, p. 63).

Mas os processos de neogênese não são exclusividade da clínica e podem ocorrer de forma espontânea (Ferreira; Molloy, 2001). Sendo assim, o que diferencia os processos de neogênese espontâneos daqueles a partir da intervenção analítica? Justamente o fato de que, a partir de uma teoria sólida sobre a constituição da tópica psíquica, o psicanalista conduz o processo de neogênese numa determinada direção, possibilitando saltos estruturais ou uma composição menos patológica (Bleichmar, 2005a).

Ao considerar a constituição da tópica psíquica como efeito das operatórias humanizantes, a intervenção clínica precisará cercar e intervir sobre o que esteja obstaculizando

⁸ Embora o presente trabalho tenha como enfoque a clínica psicanalítica com crianças, cabe ressaltar que essa premissa é válida também para pacientes adultos com psicopatologias graves e/ou que tenham vivido situações traumáticas extremas, o que reforça a relevância das propostas teóricas da autora.

esse processo, considerando tanto as determinações do lado da criança quanto as do adulto. Sendo assim, o trabalho clínico não poderá prescindir da escuta dos pais, que auxiliarão no cercamento do histórico vivencial, mesmo que o trabalho psicanalítico seja sobre o “calombo” (Bleichmar, 2005a, p. 89), sobre o efeito metabólico, singular, na criança.

A complexidade da clínica psicanalítica com crianças, enquanto um terreno de transferências múltiplas (da criança e dos pais), faz com que muitos psicanalistas desistam desta prática clínica. Nesse sentido, pode-se encontrar em Bleichmar (2005a) uma postura benevolente acerca dos pais, que é tanto inspiradora quanto fundamental para os psicanalistas que trabalham com crianças.

Cabe reproduzir com suas palavras:

E considero fundamental levar em consideração que as falhas dos pais são efeito de histórias edípicas pessoais, e que não têm que ser colocadas a partir de uma perspectiva empobrecedora como se fossem erros de criação cometidos por brutalidade ou estupidez. Uma das piores coisas que podemos fazer com os pais é não entender que eles também são sujeitos de inconsciente. E quando digo que são sujeitos de inconsciente, digo também que são sujeitos suscetíveis de serem cuidados pelos analistas e que merecem respeito e delicadeza com relação aos seus aspectos infantis — aspectos infantis no sentido de desejos inconscientes, aqueles que dão origem à neurose, mas que constituem também o reservatório da criatividade (Bleichmar, 2005a, p. 238).

CONSTITUIÇÃO DO PSIQUISMO EM TEMPOS DESSUBJETIVANTES

Bleichmar ancora-se na metapsicologia freudiana, como um corpo teórico central, para propor uma metapsicologia das origens capaz de instrumentalizar a compreensão e a intervenção clínica na infância enquanto tempo privilegiado de constituição da tópica psíquica. Resgatar a assimetria libidinal e simbólica do outro humano como vetor fundamental na constituição e na complexização da tópica psíquica serve, conforme pontuado no início do trabalho, como movimento de resistência à simplificação brutal que Bleichmar já denunciava, mas que tem alcançado parâmetros exponenciais em nossos tempos.

Em tempos de hiperconexões, os movimentos protetores e ligadores tornam-se fundamentais. Tais movimentos, como apresentado neste trabalho, decorrem do “narcisismo transvazante” que permite perceber o outro como um igual, porque humano, mas diferente em termos de recursos, e, com isso, ir em auxílio diante do que ele necessita.

Entretanto, o contexto atual é marcado por um paradoxo constituído por um excesso de exposição acompanhado de um déficit no “narcisismo transvazante” frente à infância. Há uma dificuldade dos adultos de perceberem a diferença de recursos existentes entre o seu psiquismo (já constituído) e o psiquismo da criança (em constituição) para a metabolização do excesso com o qual ela se vê confrontada. Nas famílias, situações tais como a criança dormir na cama com os pais, banho compartilhado, os pais deitarem-se com a criança até ela adormecer em vez de oferecerem substitutos simbólicos (ursinho, histórias), entre outras, expõem a criança a uma presença corporal excessivamente erogenezante e produzem uma quantidade de excitação difícil de ser tramitada psiquicamente. Não estamos falando aqui de pais perversos nem desconsiderando o prazer que o contato com o corpo da criança mobiliza no adulto e sim apresentando que o déficit no “narcisismo transvazante” — ou seja, de perceber que os recursos de metabolização psíquica da criança são diferentes dos seus — tem sido também um importante fator para a dificuldade dos pais frente ao exercício da sua função de pautação.

O acesso fácil às telas e à internet também tem confrontado a criança com um excesso tanto pela quantidade quanto pelo tipo de informação com a qual ela se depara:

O acesso a um programa pornográfico ou a uma grande cirurgia (sem que seja tão fácil distinguir quanto de voyeurismo há neste último caso, já que o corpo alheio convoca, na sua exibição e mesmo na sua estripação, a excitação dos aspectos sadomasoquistas subterrâneos de tantos seres humanos) está ao alcance das crianças, juntamente com informações sobre os últimos avanços da astrofísica ou a projeção de espécies ameaçadas num zoológico do Primeiro Mundo. A presença precoce da morte e da sexualidade em suas formas não assimiláveis pelo psiquismo dos primeiros anos constitui um fator traumático de amplas consequências na infância (Bleichmar, 2021, p. 199).

Por sua vez, o déficit no “narcisismo transvazante” tem tornado o terreno da infância árido de elementos simbólicos. Aqui, a diferenciação que Bleichmar (2021) faz entre frase e enunciado é importante: a frase pode ser apresentada sem um sujeito. O enunciado, ao contrário, é uma frase habitada pelo sujeito, ou seja, tem uma implicação subjetiva e, sendo assim, é capaz de oferecer elementos simbólicos.

Chama atenção o fato de que muitos dos programas “infantis” oferecidos às crianças lhes apresentam um conjunto de frases (nesta cesta tem dois ovos, no cercado tem cinco galinhas) com um objetivo meramente informacional. Corresponderiam, tecendo um alinhavo com a constituição do psiquismo apresentada neste trabalho, aos cuidados meramente autoconservativos. Vazias libidinalmente, desprovidas de enunciados, não consideram a criança como um sujeito a quem é importante que se ofereçam histórias com enredo, conflitos vividos pelos personagens, elementos simbólicos com os quais a criança possa construir suas teorias infantis.

E todos sabemos que podemos ser perfeitamente devorados pela informação, em particular por aquela que se torna uma espécie de “trivial”, que não serve para nada, porque é tão excessiva que não conseguimos organizá-la ou nos fornece uma quantidade tão grande de dados que não conseguimos codificar (Bleichmar, 2021, p. 192).

Esse aspecto trivial, esvaziado, é encontrado também em memes e nas músicas “chiclé” às quais a criança fica aderida e que, sem compreensão e sem elementos simbólicos onde enlaçá-las, geram um excesso de excitação e de angústia que acaba tendo como destino possível a repetição evacuativa ou a agitação motora. A função protetora do adulto é muito importante tanto no cuidado de observar quais são os conteúdos que a criança está acessando quanto no auxílio à regulação do tempo de exposição. E, especialmente, o contato com as telas não pode roubar os tempos de encontros reais entre humanos, pois estes promovem exercícios de prazer e de conflitos, fundamentais à constituição e complexização psíquica.

Este trabalho procurou demonstrar, mesmo que em um recorte, a complexidade necessária para que um psiquismo se constitua e tem como objetivo a resistência à trivialização dessubjetivante que avança sobre a infância a passos largos. Busca devolver, na vida e na clínica, o lugar fundamental que o outro humano ocupa tanto nos processos de constituição da tópica psíquica quanto na sua recomposição frente aos fenômenos psicopatológicos nos tempos da infância.

A profundidade dos conhecimentos teóricos sobre a metapsicologia dos momentos originários de um psiquismo que Bleichmar nos oferece, bem como a complexidade das intervenções clínicas diante das diferentes expressões do sofrimento psicopatológico infantil, contrastam com a trivialização/simplificação dessubjetivante do contexto atual.

Finalizo com uma frase impactante de Bleichmar que segue convidando a pensar:

As crianças — excitadas, penduradas nos cipós da selva de cimento, sem conseguirem conter a excitação que produz o excesso de estímulos que não podem ser metabolizados — são medicadas e isso resulta na diminuição de todas as possibilidades produtivas (Bleichmar, 2021, p. 199).

REFERÊNCIAS

- BLEICHMAR, Silvia. *A fundação do inconsciente: destinos de pulsão, destinos do sujeito*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- BLEICHMAR, Silvia. *Aportes del psicoanálisis para una teoría de la inteligencia*. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2021.
- BLEICHMAR, Silvia. *Clínica psicanalítica e neogênese*. São Paulo: Annablume, 2005a.
- BLEICHMAR, Silvia. *El psicoanálisis en debate*. Diálogos con la historia, el lenguaje y la biología. Buenos Aires: Paidós, 2020.
- BLEICHMAR, Silvia. *Inteligencia y simbolización: una perspectiva psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós, 2009.
- BLEICHMAR, Silvia. *Psicoanálisis extramuros*. Puesta a prueba frente a lo traumático. Buenos Aires: Entreideas, 2010.
- BLEICHMAR, Silvia. Un modo de pensar nuestro tempo. In. BLEICHMAR, Silvia. *La subjetividad en riesgo*. Buenos Aires: Topia, 2005b.
- BLEICHMAR, Silvia. *Vergüenza, culpa, pudor*. Relaciones entre la psicopatología, la ética y la sexualidad. Buenos Aires: Paidós, 2016.
- FERREIRA, Jacirema C.; MOLLOY, Carmem. Entrevista com Silvia Bleichmar. *Psychê*, v. 5, n. 8, p. 193-203, jul./dez. 2001. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=30700814>.

Artigo enviado: 5 de março de 2025

Artigo aceito: 11 de março de 2025

EL RETORNO DEL MODELO BIOLÓGICO Y LA AMENAZA A LA REVOLUCIÓN FREUDIANA. AMPLIAR LOS SENDEROS DE SILVIA BLEICHMAR

THE RETURN OF THE BIOLOGICAL MOVEMENT AND THE THREAT OF THE FREUDIAN REVOLUTION. WIDENING THE PATH OF SILVIA BLEICHMAR

O RETORNO DO MOVIMENTO BIOLÓGICO E A AMEAÇA DA REVOLUÇÃO FREUDIANA. AMPLIANDO O CAMINHO DE SILVIA BLEICHMAR

Mara Sverdlik¹

Resumen: El artículo presenta una revisión del modelo epistemológico y metapsicológico de Silvia Bleichmar con el objetivo de poner énfasis en la originalidad y vigencia de sus planteos y profundizar, a partir de las condiciones subjetivas contemporáneas, ejes conceptuales que requieren ser abiertos para ampliar el pensamiento de los orígenes. Retomamos a Silvia mencionando a Derrida donde el autor, antes de morir, está muy preocupado por las resistencias internas del Psicoanálisis a su propia renovación y la posibilidad de volver a ser una teoría desestabilizante.

Palabras clave: Represión primaria. Neogénesis. Narcisismo. Subjetividad contemporánea.

Abstract: The article presents a revision of Silvia Bleichman's epistemological and metapsychological model with the goal of emphasizing the originality and validity of her proposals and deepening, through contemporary subjective conditions, conceptual axes that need to be unfolded in order to amplify the thinking on origins. We resume Silvia mentioning Derrida where the author, before death, worried about the internal resistance within Psychoanalysis against its own renovation and the possibility of being, once again, a destabilizing theory.

Keywords: Primary repression. Neogenesis. Narcissism. Contemporary subjectivity.

Resumo: O artigo apresenta uma revisão do modelo epistemológico e metapsicológico de Silvia Bleichmar, com o objetivo de enfatizar a originalidade e vivência de suas propostas e aprofundar, a partir das condições subjetivas contemporâneas, eixos conceituais que precisam ser abertos para ampliar o pensamento sobre as origens. Retomamos Silvia mencionando Derrida quando o autor, antes de morrer, demonstra preocupação em relação à resistência interna da Psicanálise a sua própria renovação e à possibilidade de voltar a ser uma teoria desestabilizante.

Palavras-chave: Recalque primário. Neogênese. Narcisismo. Subjetividade contemporânea.

¹ Directora de tesis de doctorado y Jurado de tesis de maestría en la facultad de psicología de la Universidad de Buenos Aires (UBA). Docente de Patologías Tempranas en el posgrado de la Facultad de Psicología de la UBA. Docente y supervisora en la Escuela de Psicoterapia Psicoanalítica de Maringá (Brasil) y en la Asociación Clínica Contemporánea de Sevilla. Supervisora en el Equipo de Atención al Menor del Pere Claver Group — Barcelona. Docente en el área de investigación y docencia e innovación del Pere Claver Group — Barcelona. Autora del libro La Creación del Pensamiento en los orígenes. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-6382-4552>. E-mail: marasverdlik@gmail.com

INTRODUCCIÓN

Hacer un homenaje nos vincula al legado, y, en el caso de Silvia Bleichmar, esa hermosa herencia se renueva y actualiza una y otra vez en la clínica en general, pero fundamentalmente en la clínica con niños.

La idea de una Represión Primaria (Bleichmar, 1996) que se construye en una dimensión procesual, y donde se pueden rastrear sus vicisitudes y dificultades en el ejercicio de las funciones parentales en el marco de la crianza, ha sido una enorme apertura para el pensamiento contemporáneo. Una Represión Primaria que se puede construir y sostener en el encuadre y que implica Neogénesis (Bleichmar, 2000), una novedad que surge y se estructura en el campo analítico y obviamente fuera de él, en las aventuras de ser niña/o. Voy a destacar estas dos grandes contribuciones, ya que abrieron el terreno para pensar los procesos de estructuración del Yo y, por ende, luego los trastornos narcisistas.

Recuerdo que, en los años 1980 y 90, cuando las dinámicas clínicas con niños se tornaban difíciles y no lográbamos producir transformaciones, Silvia Bleichmar decía “entonces es un trastorno narcisista” y ahí se abría una gran incógnita que sería luego un motor de búsqueda conceptual en mi propia investigación clínica. Eso que quedaba planteado allí, tenía una razón de ser... eran momentos donde las subjetividades empezaban un proceso de transformación que posteriormente, avanzado el milenio, se haría observable, y que han requerido modificar los modelos freudiano y pos-freudiano para hablar de un modelo metapsicológico contemporáneo (Urribarri, 2011). Es en esa frase de Silvia que nos quedaban planteados enormes desafíos a los jóvenes que éramos en ese momento. Había que seguir trabajando los conceptos freudianos porque lo requería la clínica, y era importante, para eso, mantener una actitud no dogmática y una apuesta a seguir pensando.

Los modelos pos-freudianos se cerraban y retroalimentaban una fuerte rigidez conceptual. La perspectiva de predominio endógeno de la Escuela Kleiniana, donde el sujeto nace con fantasías, defensas y temores, o bien la perspectiva de la Escuela Lacaniana, donde el predominio del otro empobrecía la dinámica intra-psíquica, dejaba caminos conflictivos sin recorrer.

Los modelos contemporáneos se abren en esas tensiones con los senderos transicionales propuestos por Winnicott y profundizados por Bion.

Se va gestando una construcción pluralista, no totalizadora, con matices contradictorios que hacen aportes que permiten ir avanzando en la comprensión de las transformaciones subjetivas de época en el fin de siglo e inicios del siguiente. Gran cantidad de autores originales se animan a seguir pensando y cuestionando algunos conceptos base del Psicoanálisis sin que el edificio se caiga. Y, al contrario, proponiendo aire fresco revitalizador. Allí encontramos a Silvia y su capacidad innovadora y profunda para pensar el mundo que se avecinaba.

Supervisar con Silvia era una verdadera práctica de pensamiento, y su intuición y bagaje clínico una luz siempre sorprendente. No había una hoja conceptual rígida a ser llenada burocráticamente. Invitaba a pensar y cambiar hipótesis cuando no eran fructíferas. La articulación de la historia libidinal con las modalidades de la actividad lúdica abría el diagnóstico a ser pensado en la dinámica psíquica desplegada en el campo clínico. Sin certezas, pero creyendo que el pensamiento clínico era una fuente preciosa de conocimiento.

Nos encantaría dialogar con ella en estos días de febriles transformaciones subjetivas, pero quien deja un precioso legado genera la capacidad de diálogo interno y de seguir pensando la clínica, charlando y discutiendo con ella.

TRANSFORMACIONES SUBJETIVAS QUE ESTIMULAN RENOVACIONES TEÓRICAS

Para pensar las transformaciones subjetivas en este cuarto de siglo XXI podemos ver su génesis en los pacientes que empiezan a llegar a consulta a partir de los años 1980 y que no se adecuan al modelo neurosis-psicosis descrito anteriormente. Es aquí donde se ubican los autores, que, junto a Silvia, produjeron modificaciones en la teoría para pensar el Psicoanálisis Contemporáneo.

Era necesario revisar distintos aspectos de la teoría a partir de la ampliación de la base empírica con las novedades que traían los pacientes y extender lo que André Green denominó la ampliación de los límites de la analizabilidad. Era momento de dar cuenta de estas nuevas modalidades subjetivas que actualmente se consideran no neuróticas o fronterizas (Green; Urribarri, 2015).

Hacemos referencia a los aportes de Piera Aulagnier, Cornelius Castoriadis, Jean Francois Lyotard, Frances Tustin, Joyce Mc Dougall, Didier Anzieu, Jean Laplanche y André Green, entre muchos otros.

Se ha mencionado también que fue Donald Winnicott, en la oferta de transicionalidad teórica, quien abrió las puertas para poder pensar en una activa apertura de la producción psicoanalítica.

No se trata de una teorización homogénea, sino una posición no dogmática de cada uno de ellos, que con gran esfuerzo fueron pensando las nuevas realidades de su propia época y abriendo caminos conceptuales para poder contar con una excelente capacidad regenerativa del tejido teórico del Psicoanálisis, que le permita abordar aquellas y nuestras nuevas realidades.

Todos estos autores nos fueron contando en sus textos que se iban encontrando con pacientes que no se ajustaban a las categorías existentes. Hablaban de *pacientes heterónomos*, como los denominaba Piera Aulagnier (1994), o bien *normopatas*, en los textos de Joyce McDougall (1993), o hacían largas descripciones, como detallaba Didier Anzieu (1995) acerca de pacientes con mucha *sensibilidad respecto del cuerpo* y *depresiones raras y prolongadas*, o también mencionaban las formas de *pensamiento no ordinario*, en los relatos de André Green (1993).

En un principio estas novedades se pensaban como rarezas patológicas, y luego fueron nutriendo la teoría y expandiendo el campo de comprensión de la subjetividad humana, que es tan variada y diversa. La ampliación del campo clínico que constituyeron esas nuevas demandas exigió renovar la teoría y generar un modelo contemporáneo cuya complejidad pueda dar herramientas para pensar la extensión del campo subjetivo y patológico.

Allí la encontramos a Silvia Bleichmar, pensando la infancia y las formas de crianza e incluyendo las problemáticas de la sexualidad infantil, que ampliaban el campo de lo sexual a las realidades de las crianzas y las vicisitudes del intercambio con los adultos.

LA AUDACIA Y CREATIVIDAD DE SILVIA BLEICHMAR

MÉTODO Y OBJETO

Pocos psicoanalistas han insistido tanto como Silvia Bleichmar en trabajar la relación específica del objeto con el método. Punto de vista derivado del Capítulo 1 del libro primero de *El Capital*, de Carlos Marx, esta mirada epistemológica ha sido opacada por el avance de los modelos de las Ciencias duras y su expansión en las Ciencias destinadas a pensar la subjetividad (Alvarez; Sverdlik, 2018).

Silvia Bleichmar insistía en reafirmar que *No hay un método único*, sino que el método

se tiene que adecuar al objeto de estudio. La validez no está garantizada por el método, sino por la adecuada articulación de objeto y método (Bleichmar, 1996).

En estas épocas donde se argumenta con la “evidencia empírica” como si fuera una única y homogénea verdad revelada, donde se insiste en un Psicoanálisis que solo es científico si “se observan bebés” o se hacen diseños doble ciegos, produce alivio releer que el método en sí mismo no es garantía de verdad, y que la tan mentada evidencia empírica es concordante con el método y el objeto singular y específico de estudio.

LA ESTRUCTURACIÓN DEL INCONSCIENTE COMO UN PUNTO DE LLEGADA

Silvia Bleichmar ha discutido con vehemencia, en su habitual estilo, tanto con las posiciones Kleinianas como con aquellas derivadas de la teoría de Lacan, el punto del origen de las representaciones o, de manera más específica, de qué se tratan las representaciones en los orígenes del aparato psíquico.

El niño no nace con representaciones, ni tampoco estas se derivan de la combinatoria significativa vinculada a la estructura del lenguaje. Las representaciones se inscriben en la dinámica de los encuentros sexualizantes del sujeto con el otro.

Es en la ausencia o pérdida de las fuentes de excitación erógena que se producen inscripciones a ser metabolizadas. Y estas inscripciones generan modos fantasmáticos de despliegue representativo. Formas que serán posteriormente secundariamente reprimidas.

Correlativa a la diferenciación tópica, en un nuevo acto psíquico, la Represión Primaria construye el modelo del aparato psíquico que conocemos como Primera Tópica: Icc-Preconsciente/Consciente.

Esta es la importancia de plantear la Neogénesis (Bleichmar, 2000); hay creación de representaciones en el psiquismo de los orígenes, y, al ser producto de la experiencia, son de calidad singular.

EL VALOR DEL ESTATUTO DEL PRECONSCIENTE

Silvia Bleichmar destacaba la condición de apertura del aparato psíquico. La apertura se refería tanto al vínculo con la realidad como a la posibilidad de generar nuevos sistemas de inscripciones de las representaciones. Aperturas internas y externas (intersubjetivas e intrapsíquicas) que derivan en complejidad representativa.

Ambas aperturas vectorizan el encuadre clínico hacia la producción de novedades y no dejan al sujeto atado a la mera repetición. Dan lugar también al juego como instrumento de producción semiótica. La transformación psíquica implica generar nuevas inscripciones que se traducen en un régimen diferente de funcionamiento, y ya no se trata de esperar a las manifestaciones del Inconsciente, sino producir recursos representativos para el despliegue del aparato psíquico. Es a nivel del preconsciente que podemos trabajar para modificar formas rígidas de repetición y descarga. Nuevas ofertas para los destinos pulsionales en las vías de la simbolización (Bleichmar, 1998).

VÍNCULO ENTRE LO INTRAPSÍQUICO Y LO INTERSUBJETIVO

Este aspecto del modelo de nuestra autora es sumamente importante, ya que va en la línea de lo que hoy denominamos codeterminación. Si bien en el modelo hay predominio del otro en el sentido de la determinación de la sexualidad adulta en la pulsionalidad infantil, Silvia Bleichmar juega todo el tiempo en un campo abierto de intercambios entre el infans y los padres. El psiquismo infantil es producto de un encuentro singular donde la modalidad y calidad de los intercambios son fundamentales. No es un Inconsciente filogenético ni una estructura axiomática lo que determina la tramitación psíquica. Es la

realidad del encuentro lo que produce una organización nueva, y ahí tenemos el concepto de neogénesis.

NEOGÉNESIS

Este concepto hace referencia a aquello que nunca estuvo, sin preformación; trata del surgimiento de lo enteramente nuevo. Algo que ha llegado a instalarse por sí mismo. Frente a las teorías de reafirmación de las determinaciones estructurales o filogenéticas, enfatizar la creación del psiquismo en los orígenes es una posición audaz, de enfrentar las críticas de posible psicologización del Inconsciente o pérdida de la densidad del concepto.

La neogénesis ha permitido salir de la herencia idealista de las concepciones freudianas y concordar con las aperturas que ha ofrecido el modelo de la complejidad, donde la autoorganización permite pensar la singularidad, la creatividad y las transformaciones del aparato psíquico. Los factores de inicio intervienen en la determinación, pero el sujeto es el nacimiento de lo nuevo, que no responde a patrones de determinación anterior (Alvarez; Sverdlik, 2018).

NARCISISMO

Silvia Bleichmar introdujo la problemática narcisista cada vez que la Neurosis fallaba. Si bien no desarrolló una teoría específica del Narcisismo, puso énfasis tanto en el narcisismo materno, con su concepción del Trasvasamiento Narcisista, como en la propuesta del Trastorno Narcisista, cuando la Represión Primaria era fallida. Ambas dimensiones serán articuladas en conceptualizaciones actuales de las problemáticas no neuróticas.

LA SUBJETIVIDAD CONTEMPORÁNEA

Vamos a hacer un breve recorrido por las transformaciones de este cuarto de siglo XXI, fundamentalmente de los últimos cinco años, para poder pensar la vigencia del pensamiento de Silvia Bleichmar, pero también la necesidad de seguir ampliando los horizontes teóricos.

En el trabajo clínico con niños y adolescentes, se hace necesario pensar la articulación de los cambios en las formaciones económico-sociales respecto de las modificaciones en la subjetividad, pero, fundamentalmente, la incidencia directa que tiene en los modos de educación y crianza y las formas de ejercicio de la parentalidad.

Es decir, que las formaciones económico-sociales del Capitalismo Tardío (que implican la globalización y el despliegue del capital financiero asociado a las formas de tecnologías de la comunicación e información) producen consecuencias en la subjetividad y obviamente en los procesos de subjetivación implicados en la crianza (Fisher, 2016), (Sadín, 2022), (Vogl, 2023).

Asistimos a un colapso de la atención (Fernández Savater, 2023) que tiene implicancias en la oferta y regulación de estímulos desde el primer año de vida en adelante. Tanto la captura de la atención por los dispositivos tecnológicos como las vicisitudes de la vida moderna (enfermedades, duelos, dificultades laborales, preocupaciones por un hijo que no permite despliegue libidinal para otro, etc.) alteran los dispositivos rítmicos lúdicos necesarios para la construcción compleja de la imaginación en el origen de la vida psíquica, lo que altera la construcción de recursos de pensamiento (Sverdlik, 2023).

Son las dificultades en la simbolización, en las que puso especial énfasis Silvia Bleichmar, las que están en la base de expresiones sintomáticas que nos llegan hoy en día.

El dispositivo rítmico del Fort Da presenta diversos niveles: motor (de motricidad gruesa y fina), lenguaje, perceptivo, de presencia-ausencia y de regulaciones del placer-displacer

(Green, 2001). Cuando hay dificultades en la oferta con ausencia de algún nivel o exceso de oferta en una sola modalidad de juego, o bien la dinámica rítmica se interrumpe (por estímulos excesivos sin pensar la edad del niño, o repeticiones por adaptación a la dinámica familiar, o por ceder a formas de cierre propias de la infancia) se generan dificultades tempranas que dan lugar más tarde a déficits en la construcción del Yo, con las consecuencias de cierres o aperturas extremas del despliegue del Narcisismo de vida (Green, 1999).

Las retracciones del espectro autista, las formas de excitación sin regulación de la hiperactividad o las modalidades negativistas desafiantes se pueden entender en función de estas desregulaciones de la oferta de los adultos que, junto a las dificultades en la oferta lúdica, producen alteraciones en la interiorización de límites y despliegue de recursos representativos.

DEL CONFLICTO ENTRE LOS PRINCIPIOS DEL PLACER-DISPLACER A LA TENSIÓN ENTRE LOS PRINCIPIOS DE CONSTANCIA Y NIRVANA

Los cambios en las modalidades subjetivas han producido formas específicas de sufrimiento psíquico que adquieren formas sintomáticas diversas.

Tiempo atrás, se ha centrado el conflicto psíquico en el eje deseo-prohibición. Derivación de esta conflictiva, se presentaban niños con dificultades para las pérdidas ligadas a las zonas erógenas. La renuncia a la satisfacción sexual, la capacidad de generar recursos transicionales sustitutivos y los riesgos de fijación ligadas al placer se ponían de manifiesto en estas problemáticas.

La descarga de placer y la intolerancia para tolerar el displacer se tornaba un eje teórico explicativo. La falta de mediaciones transicionales en los distintos momentos vitales abría el campo clínico cuando padres y niños estaban dificultados para crear espacio y sentido en la actividad intermediaria.

El horizonte de trabajar las pérdidas para generar Represión Primaria ordenadora y estructurante del aparato psíquico guiaba la actividad clínica.

En la medida que el siglo XXI fue avanzando, se incrementaron dificultades en los niños que requirieron una renovación del modelo. ¿Qué nuevos cuestionamientos y desafíos teórico-clínicos generan las nuevas patologías tempranas?

Se hizo necesario revisar el modelo metapsicológico para pensar no solo el eje del despliegue representativo y las fallas en la simbolización, sino que fue necesario ampliar los procesos anteriores al establecimiento de la Represión Primaria y ampliar los vínculos entre los procesos representativos para ofertar un modelo complejo que permita entender las nuevas problemáticas.

Ya no solamente se ha avanzado (y arrasado) en criterios biologizantes, como el aislamiento del síntoma para sostener el criterio diagnóstico y medicalizar, sino que se ha avanzado, a partir de los modelos neurocognitivos, para biologizar las problemáticas psíquicas, desprenderse de la singularidad de la naturaleza psíquica, y que finalmente se termine en cuadros neurodivergentes donde lo psíquico ya no tiene espacio.

APUNTES PARA ABRIR UN MODELO CONTEMPORÁNEO

Las modificaciones subjetivas actuales nos traen el trabajo de extender tanto los límites del encuadre como el alcance del modelo metapsicológico. No es aquí donde corresponde desarrollar los modos en que se han desplegado estos límites para ampliar el modelo contemporáneo. Sí vamos a enfatizar cuatro cuestiones que se abren con el trabajo conceptual de Silvia Bleichmar, que sin duda fue una "abre-caminos". En nuestra caminata, frente a los nuevos desafíos clínicos, las contribuciones de André Green se presentarán de gran valor.

A. LA MODIFICACIÓN DEL CAMPO DE LO SEXUAL DE INICIO HACIA LA PREDOMINANCIA DE LA ACTIVIDAD PULSIONAL

La pulsión como concepto límite entre el soma y el objeto fue planteada por André Green (1996) para poder pensar esa fuerza sin forma ni dirección que, en su encuentro con el objeto, deja como resto huellas mnémicas que conforman las primeras representaciones que abren la constitución del sujeto.

Se hace necesario un arduo trabajo de objetalización para que predomine el Principio de placer-displacer en la constancia de investimentos del Yo. Cuando la constancia como Narcisismo de vida no aloja y sostiene el placer-displacer, el conflicto psíquico se lleva a cabo en la tensión con el principio de Nirvana, que implica descarga a cero. No partimos de lo sexual, sino que lo sexual requiere de un proceso de trabajo objetizador para su funcionamiento.

B. LA CONCEPTUALIZACIÓN DEL NARCISISMO COMO ESTRUCTURA ENCUADRANTE DEL YO

La tensión entre la pulsión de vida u objetalización y la pulsión de muerte o destructividad de la desobjetalización, se lleva a cabo según André Green en el terreno del andamiaje que implica el narcisismo (Green, 1999).

Si en la dinámica de la estructuración psíquica las defensas se organizan al servicio de la objetalización, el Narcisismo de vida se hará cargo de la predominancia del principio de constancia. En el caso contrario, el Narcisismo de muerte conformará una unidad relativa e inestable con predominio del acto y las formas de descarga a cero (Green, 2014).

La Represión Primaria es una defensa de lo negativo fundamental en esta dinámica, pero su potencial despliegue depende de un conjunto de defensas anteriores que conforman los primeros límites del Yo.

C. EL TRABAJO DE LO NEGATIVO

El trabajo de lo Negativo hace referencia a las pérdidas, pero no solamente referidas a las zonas erógenas, sino al arduo trabajo del Yo respecto de todas las actividades de ausencia, pérdida, falta, separación y demás figuras de lo negativo. El trabajo de lo negativo genera un doble límite (Green, 1993) interno y externo, y, si da lugar a la capacidad sustitutiva, tendremos un predominio de la objetalización. Un trabajo de lo negativo positivo es el motor de la simbolización como capacidad sustitutiva.

D. LA CONCEPTUALIZACIÓN DE LOS LÍMITES

La conceptualización de los límites permite comprender los procesos psíquicos anteriores a la Represión Primaria y extender el campo de comprensión del pensamiento de los orígenes a la articulación de los registros representativos con la actividad de construcción de límites.

CONCLUSIÓN

Sin dudas Silvia Bleichmar fue una "Abre-caminos", y los que seguimos sus huellas tuvimos que tomar decisiones por dónde seguir para poder responder a los nuevos desafíos clínicos y continuar defendiendo la potencia explicativa y simbolizante del Psicoanálisis.

Gracias a su incansable trabajo, siguió formando varias generaciones de jóvenes y no tan jóvenes clínicos que siguen haciendo florecer su legado.

Creo que siempre, la mejor manera de recibir un legado es ponerlo a trabajar, evitando la repetición que produce vaciamiento de sentido y recibiendo la audacia de nuestra autora para cuestionar y animarse a recrear y crear nuevas formas de pensamiento clínico.

REFERENCIAS

- ALVAREZ, Patricia; SVERDLIK, Mara. *El pensamiento clínico en la investigación psicoanalítica en psicoanálisis latinoamericano contemporáneo*. Buenos Aires: Fernando Martín Gomez y Jean Marc Tausik Editores; APA editorial, 2018.
- ANZIEU, D. *El yo piel*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1995.
- AULAGNIER, Piera. *Un intérprete en busca de sentido*. México: Siglo Veintiuno, 1994.
- BLEICHMAR, Silvia. *Clínica psicoanalítica y neogénesis*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2000.
- BLEICHMAR, Silvia. *En los orígenes del sujeto psíquico*. Del mito a la historia, Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1996.
- BLEICHMAR, Silvia. *La fundación de lo inconsciente*. Destinos de pulsión. Destinos del sujeto. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1998.
- BLEICHMAR, Silvia. *Nuestra práctica con los niños del 2000*. 3 maio 2006. Disponible em: <https://silviableichmar.com/nuestra-practica-con-los-ninos-del-2000/>.
- FERNÁNDEZ SAVATER, Amador et al. *El eclipse de la atención*. Madrid: Ned Ediciones, 2023.
- FISHER, Mark. *Realismo capitalista*. Buenos Aires: CajaNegra, 2016.
- GREEN, André. *¿Por qué las pulsiones de destrucción o de muerte?* Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2014.
- GREEN, André. *El tiempo fragmentado*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2001.
- GREEN, André. *La metapsicología revisitada*. Buenos Aires: Eudeba, 1996.
- GREEN, André. *La nueva clínica psicoanalítica y la teoría de Freud*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1993.
- GREEN, André. *Narcisismo de vida, narcisismo de muerte*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1999.
- GREEN, André; URRIBARRI, Fernando. *Del pensamiento clínico al paradigma contemporáneo*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2015.
- MCDUGALL, Joyce. *Alegato para una cierta anormalidad*. Buenos Aires: Paidós, 1993.
- SADIN, Eric. *La era del individuo tirano*. Buenos Aires: Caja Negra, 2022.
- SVERDLIK, Mara. Las barreras autistas. Un infortunio de orden sensorial. *Revista de Psicopatología y Salud Mental del Niño y del Adolescente*, Barcelona, Fundación Orienta Publicaciones, n. 42, 2023.
- SVERDLIK, Mara. Oposición y desafío en los niños. Reflexiones acerca de las vicisitudes del yo en la infancia. *Revista de Psicopatología y Salud Mental del Niño y del Adolescente*, Barcelona, Fundación Orienta Publicaciones, 2014.
- URRIBARRI, Fernando. André Green: pasión clínica, pensamiento complejo. *Revista de Psicoanálisis: Voces del Pluralismo*, Buenos Aires, APA Editorial, 2011.
- VOGL, Joseph. *Capital y resentimiento*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2023.

Artigo enviado: 5 de março de 2025

Artigo aceito: 14 de março de 2025

SOBRE A ÓTICA DE SILVIA BLEICHMAR: AS DIMENSÕES ÉTICA, POLÍTICA E SOCIAL NA PSICANÁLISE

THROUGH SILVIA BLEICHMAR'S EYES: ETHICAL, POLITICAL, AND SOCIAL DIMENSIONS OF PSYCHOANALYSIS

BAJO LA PERSPECTIVA DE SILVIA BLEICHMAR: LAS DIMENSIONES ÉTICA, POLÍTICA Y SOCIAL EN PSICOANÁLISIS

Eurema Gallo de Moraes¹

Mônica Medeiros Kother Macedo²

Resumo: A partir do reconhecimento do inestimável legado de Silvia Bleichmar, o artigo explora a psicanálise na interface com as dimensões ética, política e social a partir de proposições presentes em suas obras. Consideramos que, por meio dessas dimensões, é possível ilustrar a forma pela qual, na escrita de Silvia, se faz presente, com reconhecida clareza, a impossibilidade de dissociar a pessoa das condições com as quais exerce sua função profissional. Em cada linha de seus argumentos encontramos a coerência de sua posição como sujeito, cidadã e psicanalista. Assim, com inspiração no espírito interrogativo e não dogmático que marcou o modelo de transmissão da psicanálise por Silvia, consideramos que exercer o ofício de psicanalisar é reconhecer o valor de revisar, nos trâmites e nas intercorrências da clínica e da cultura, os fundamentos e os desdobramentos da teoria psicanalítica. Buscamos, portanto, neste escrito, eleger pontos na obra de Silvia Bleichmar que pudessem fazer jus à densidade, à originalidade e à complexidade de seu pensamento.

Palavras-chave: Silvia Bleichmar. Psicanálise. Clínica. Cultura. Ética. Política.

Abstract: Acknowledging Silvia Bleichmar's immeasurable legacy as a starting point, the present work explores psychoanalysis in relation to the ethical, political and social dimensions, based on propositions from Bleichmar's work. Through the aforementioned dimensions, we consider it possible to illustrate the clear impossibility of separating someone from the conditions in which one practices one's profession, according to Bleichmar. In every line she wrote, we can find her coherent position as a subject, as a citizen, and as a psychoanalyst. Therefore, inspired by Bleichmar's remarkably inquiring and non-dogmatic model of psychoanalytic transmission, we consider that practicing psychoanalysis is acknowledging the value of revising the foundations and outcomes of psychoanalytic theory, in the paths and interurrences of both clinic and culture. In sum, we have attempted to select key points in Silvia Bleichmar's

¹ Psicanalista. Doutora em Fundamentos e Desenvolvimento em Psicanálise pela Universidade Autónoma de Madrid — UAM. Membro Pleno da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. Autora e coautora de publicações na área da psicanálise. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7069-8266>. E-mail: euremagallo@gmail.com

² Psicanalista. Doutora em Psicologia. Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq — Nível 1D. Professora do Programa de Pós-Graduação Psicanálise — Clínica e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Membro do Grupo de Trabalho Psicanálise, Subjetivação e Cultura Contemporânea da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação (ANPEPP). Membro do Grupo Brasileiro de Pesquisa Sándor Ferenczi (GBPSF) e da International Sándor Ferenczi Network. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9347-8537>. E-mail: monicakothermacedo@gmail.com

work, in order to highlight the depth, originality and complexity of her thought in the present work.

Keywords: Silvia Bleichmar. Psychoanalyses. Clinic. Culture. Ethics. Politics.

Resumen: A partir del reconocimiento del invaluable legado de Silvia Bleichmar, el artículo explora el psicoanálisis en la interfaz con las dimensiones ética, política y social a partir de proposiciones presentes en sus obras. Consideramos que, a través de estas dimensiones, es posible ilustrar la manera en que, en la escritura de Silvia, está claramente presente la imposibilidad de disociar a la persona de las condiciones en las que desempeña su rol profesional. En cada línea de sus argumentos encontramos la coherencia de su posición como sujeto, ciudadana y psicoanalista. Así, inspirados en el espíritu interrogativo y no dogmático que marcó el modelo de transmisión del psicoanálisis de Silvia, consideramos que ejercer la profesión de psicoanalista es reconocer el valor de revisar, en los procedimientos e inconstancias de la clínica y la cultura, los fundamentos y desarrollos de la teoría psicoanalítica. Por lo tanto, al escribir este ensayo buscamos elegir puntos en la obra de Silvia Bleichmar que pudieran hacer justicia a la densidad, originalidad y complejidad de su pensamiento.

Palabras clave: Silvia Bleichmar. Psicoanálisis. Clínica. Ética. Política.

Silvia Bleichmar marcou sua trajetória em ser e estar no mundo por uma posição reconhecidamente autêntica, implicada e esclarecida. Encontram-se em suas observações, sempre atentas aos acontecimentos que contornam a cultura e a sociedade, tanto a disposição de resistência e oposição a qualquer forma de violência e injustiça quanto a cautela na convocatória às reflexões críticas e às problematizações necessárias. Ao reconhecer a relevância do conhecimento daquilo que pode obturar vias criativas ao devir, afirma que

talvez nossa tarefa como intelectuais consista na recomposição das vias para evitar que o mal-estar em excesso devore nosso pensamento, na possibilidade de instrumentar novas perguntas com respeito pela história, mas sem nostalgia do passado ou a reificação do presente inundando as possibilidades criativas (Bleichmar, 2007, p. 38).³

É nessa direção que consideramos o legado de Silvia Bleichmar como sinônimo de uma psicanálise marcada pelo valor atribuído à formulação incessante de novas perguntas. É inquestionável sua potente proposição de que o trabalho de um psicanalista não se restringe a (re)produzir apenas respostas frente à repetição de interrogantes. Assim, tomando como ponto de partida o convite a uma reflexão crítica localizado em seus textos, encontramos em sua obra testemunhos infundáveis de seu distanciamento das condições que, tanto no espaço social como no espaço clínico, podem conduzir ao aprisionamento a convicções, ao submetimento a crenças ou ao empobrecimento de paixões.

A complexidade de sua obra assenta-se, principalmente, na nomeação de contradições internas da psicanálise, e sobretudo no fértil trabalho empreendido a partir dessas constatações. A assunção da provisoriedade do conhecimento, associada a seu incansável trabalho intelectual, concretiza-se na tessitura permanente de seu labor em direção a ampliar os fundamentos teóricos e a fomentar a vitalidade no modo de conceber a prática analítica. A originalidade de seu pensamento faz-se evidente em cada uma de suas produções. É a partir do destaque à potência de suas ideias que Nora Elichiry escreve no prólogo ao livro de Silvia,

³ Todas as traduções para o português das citações de livros de Silvia Bleichmar em idioma espanhol foram realizadas por nós.

Subjetividad y aprendizaje: problemáticas educativas y psicoanálisis, publicado em 2022: “Bleichmar transfere o registro do patológico a uma concepção de conjunto, de contexto e da constituição do sujeito, mais além das características de ordem nosológica e terapêuticas” (Elichiry, 2022, p. 13).

Na generosidade do compartilhamento de seu pensamento ágil, livre e criativo, sustentado no conhecimento não apenas da psicanálise, mas no contagiante entusiasmo com aportes das mais diversas disciplinas, situamos a abertura necessária para seguirmos inspirados no compromisso crítico de interrogação e de criação em psicanálise. O convívio e a proximidade com seu legado produziram marcas indelévels a respeito do valor imprescindível da liberdade na forma de pensar a psicanálise sem se furtar de, frente ao reconhecimento de controvérsias clínicas e teóricas, empreender estudos e esforços a fim de explorar a convocatória ao trabalho intelectual demandado. Tais condições fomentam a identificação com o seu profundo respeito à escuta ao sofrimento do semelhante. A concepção de respeito, inerente a essa forma de escuta, grifa a incontornável necessidade de pensar o sujeito psíquico a partir da complexidade metapsicológica que vem sendo construída e ampliada ao longo da história da psicanálise. Sendo assim, o exercício da psicanálise situada no marco da ética sustenta tanto o reconhecimento da complexidade humana na produção de seus padecimentos psíquicos como a implicação da pessoa do analista em sua prática de escuta.

Com inspiração no espírito assertivo que marcou o modelo de transmissão da psicanálise por Silvia, consideramos que exercer o ofício de psicanalista é reconhecer o valor de revisar, nos trâmites e nas intercorrências da clínica e da cultura, os fundamentos e os desdobramentos da teoria psicanalítica. No legado de Silvia Bleichmar, cabe destacar, os conceitos não operam como ferramentas de repetição ou como salvo-conduto frente às complexas situações da clínica. Ao contrário, eles precisam ser claramente situados em seus nascedouros, devendo ser percebidos em suas condições de vigência, tanto quanto em suas demandas inadiáveis de revisão e reformulação.

Nesse sentido, na obra de Silvia Bleichmar é perceptível, sob diferentes formas, o exercício de pensar a clínica e a cultura a partir da metapsicologia tensionada, contemplando, sistematicamente, fundamental reflexão sobre o alcance ou o limite dos conceitos existentes. Nessa direção, Bleichmar (2020) considera que “em psicanálise é preciso clivar os elementos de permanência e os que entram em crise devido à mudança das condições históricas” (p. 18). Logo, seu legado traduz a força de sua inteligência e de sua sagacidade clínica na direção de repensar e propor novos enlances teóricos e clínicos. Destarte, é clara ao afirmar que “os conceitos transcendem o conhecimento que geram e tornam-se articuladores que podem ser preenchidos com novos sentidos (Bleichmar, 2009, p. 46)”.

A advertência sobre a necessidade de recompor vias criativas para seguir produzindo interrogantes, pautada de maneira precisa na escrita de Bleichmar, marca, nos contornos da delicadeza de sua transmissão, a necessária liberdade para se construir um pensamento clínico próprio e um devir abastecido no compartilhamento entre pares. Assim, tanto a clínica quanto a transmissão em psicanálise são experiências que instrumentalizam o exercício da liberdade entre diferenças subjetivas.

Buscamos, portanto, nesta escrita, eleger pontos na obra de Silvia Bleichmar que façam jus à densidade, à originalidade e à complexidade de seu pensamento. Consideramos que, por meio do trabalho com argumentos que contemplem as dimensões ética, social e política, é possível ilustrar suas particularidades e complexidades adquiridas sob a ótica de Silvia Bleichmar. Reconhecemos, assim, na escrita de Silvia, a presença e a clareza a respeito da impossibilidade de dissociar a pessoa das condições com as quais exerce sua função profissional. Em cada linha de seus argumentos, encontramos a coerência de sua posição como sujeito, como cidadã e como psicanalista.

Silvia percorre com admirável destreza os fundamentos da psicanálise freudiana, por meio de uma interlocução sistemática e consistente com o pensamento de relevantes autores

das mais variadas disciplinas. Nesse exercício de interlocução, como ela mesma afirma, não se trata de ceder em um campo autônomo de pensamento, ficando a psicanálise subordinada em suas possibilidades de autonomia e criação. Ao contrário, no exercício de pensar exercido no campo interdisciplinar, abordar problemáticas compartilhadas requer, precisamente, não ceder naquilo que marca a essência da psicanálise.

A dimensão ética, por exemplo, é explorada em muitos de seus textos, abrindo caminho para enunciar sua singular compreensão do que nomeia como *sujeito ético* (Bleichmar, 2008; 2011; 2016). A premissa que sustenta no decorrer do seu raciocínio é a *presença do semelhante* necessariamente percebido em um espaço alteritário. Assim,

o fato de o ser humano ser uma cria destinada a se humanizar na cultura [...] articula um ponto inevitável de todas as tensões subjetivas que o articulam com o mundo: a presença do semelhante é inerente à sua própria constituição. No outro se alimentam não somente nossas bocas, mas nossas mentes; dele recebemos junto com o leite o ódio e o amor, nossas preferências morais e nossas avaliações ideológicas; o outro está inscrito em nós, e isto é inevitável (Bleichmar, 2007, p. 56).

Nesse sentido, para Bleichmar (2007), é na percepção e no tensionamento incontornável da presença do semelhante que se encontra “o próprio fundamento da Ética” (p. 56).

Ao inaugurar seus seminários sobre a construção do sujeito ético, Bleichmar (2011) antecipa o eixo da sua proposta de transmissão e de reflexão na qual está evidente a intenção de “revisar a teoria sobre as premissas da constituição subjetiva” (p. 16). Nessa proposta de investigação no campo da psicanálise, pontua a diferença de pensar sobre o sujeito ético e o sujeito disciplinado. Sem digressão, afirma que “o sujeito disciplinado não é o sujeito ético” (p. 17). Portanto, o que está no eixo de sua investigação não é a discussão sobre *colocar limites*, mas, sim, as *legalidades* que constituem o sujeito psíquico. Seus aportes permitem constatar que são as inscrições de legalidades que permitirão “construir respeito e reconhecimento ao outro e pela forma como se define o universo do semelhante” (Bleichmar, 2008, p. 38). Em sua escrita, afirma com precisão: “gosto da ideia de seguir trabalhando com o conceito de semelhante. Tem a ver com quem considero eu como semelhante, até onde o outro é meu semelhante” (Bleichmar, 2011, p. 330). Cabe destacar, portanto, que “neste jogo alteritário, as peças identificatórias movimentam a observância a regras e se tornam garantias de proteção ilimitada do objeto amado e de empatia com suas dores e aflições” (Moraes; Macedo, 2024, p. 91).

Ainda sobre a constituição do sujeito ético, refere Silvia:

insisto em que a ação exterior primeira que constitui ao sujeito ético é o amor ligador do outro, enquanto capaz de transvasar⁴ e de ligar aquilo que se inscreve como pulsional ou como da ordem do que faz efração no psiquismo sobre a base de sexualidade que se produz (Bleichmar, 2011, p. 186).

Logo, para ela, a única garantia do sujeito ético remete ao fato de que “a lei seja de acordo ao amor e respeito que se tem a quem a transmite” (p. 186). No desenrolar de sua concepção de ética é, portanto, evidente o valor atribuído às condições da experiência alteritária, tanto no que ela inaugura para o sujeito psíquico quanto na possibilidade da instauração de condições que se referem ao reconhecimento e nomeação do universo do outro.

Ao propor que se pense sobre a ética, a violência, a crueldade, as obrigações e o amor, Silvia traça com firmeza as problematizações que marcam o eu e o semelhante e cujos desdo-

⁴ Ler a respeito no conceito de narcisismo transvasante em *La construcción del sujeto ético* (Bleichmar, 2011).

bramentos, metabolizados nesse marco alteritário, registram o sujeito tanto na sua perspectiva de tópica psíquica quanto na sua condição ética de ser e estar com o outro. Esclarece Silvia que

a ausência do adulto é vivenciada na criança como atacante, porque sua indiferença é mais brutal que a própria agressão que pudesse causar-lhe. Há crianças que perdoaram aos pais agressores, porém outros não perdoaram a pais ausentes psiquicamente ou desinteressados (Bleichmar, 2011, p. 326).

Poderíamos afirmar que, em tais experiências de indiferença, há, paradoxalmente, uma ausência cruel na “presença” dessubjetivante do adulto em relação à criança. Essa operação dessubjetivante do semelhante, ao não o reconhecer como tal, encontra-se na realidade material da sociedade na qual o desmentido da desigualdade e da violência torna milhares de pessoas invisíveis, matáveis e desnecessárias.

Assim, para Bleichmar (2011), a amplitude e a complexidade relativas à relação com o semelhante convocam a pensar sobre a forma como o Eu define o “universo de pertinência do outro” (p. 188). Longe de enfatizar as condições morais ou repressivas de uma sociedade, Silvia destaca a importância atribuída pela psicanálise ao “outro interiorizado de onde provém o questionamento ou a convalidação”, destacando o quanto a ausência dessas condições causa danos às possibilidades de um encontro intersubjetivo (Bleichmar, 2011, p. 213). Tal constatação é evidente quando, por exemplo, afirma que

o altruísmo é efeito de uma projeção sobre o outro, mas de uma projeção humanizante da qual um foi objeto nos tempos de sua constituição. [...] Com o qual se não se constitui uma instância intrapsíquica, não há possibilidade de que isso ocorra, mas tal instância intrapsíquica se constitui através de enunciados muito firmes e de formas de transmissão destes enunciados que às vezes não são verbais. [...] A lei se incorpora precisamente porque a criança é amada (Bleichmar, 2011, p. 214).

No domínio do egoísmo, segundo afirma, “o ego prazer purificado pode funcionar coletivamente gerando territórios de obrigações, expulsões e invisibilidade” (Bleichmar, 2011, p. 327). Logo, são os efeitos de experiências que marcam tanto os recursos como os danos no sujeito psíquico que operam no ordenamento das tópicas psíquicas, na construção da sua subjetividade e nas condições de reconhecer o universo do semelhante.

Na medida em que se delineiam os contornos da dimensão ética, também sob a ótica de Silvia, evidencia-se a intrínseca relação de tais contornos com as dimensões sociais e políticas. Como escreve Bleichmar (2008), “a ética está sempre baseada no princípio do semelhante, ou seja, na forma com a qual eu enfrento minhas responsabilidades para com o outro. A ética consiste em ter em conta a presença, a existência do outro” (p. 28). Assim, nos diferentes espaços relativos aos encontros intersubjetivos, definem-se tanto os pactos intersubjetivos necessários como também as formas de violência vigentes. Inspirada nas ideias de Levinas, Silvia refere-se ao contrato inter-humano que contempla não apenas o que alude aos direitos de um, mas, fundamentalmente, suas obrigações ilimitadas com o semelhante (Bleichmar, 2011, p. 275).

Nesse sentido, a leitura de Silvia aborda de forma singular a temática da violência, tecida com suas concepções a respeito da forma como se constrói a noção de semelhante. Segundo ela, a violência não está no acontecimento em si, mas em seus desdobramentos a partir de como é significada no interior das relações intersubjetivas. A violência está no desamparo, na indiferença, nas intensidades provocadas pelos excessos de ausência, mas também de intromissão. O trabalho de um psicanalista com a violência e seus desdobramentos não é, portanto, desconsiderado por Silvia. Ao contrário, sua obra aborda de forma direta,

sem poupar críticas, os devastadores acontecimentos por ela gerados. A partir da ótica clínica, também é clara ao afirmar que “nossa tarefa não é por um limite à violência, senão construir sujeitos capazes de definir os limites da própria violência e capazes de articular sua individualidade com o conjunto” (Bleichmar, 2008, p. 60). Na incontornável indissociabilidade das funções profissionais da condição cidadã, escreve:

Claro que não podemos modificar as regras econômicas do sistema; ao menos não como docentes ou psicólogos, mas, sim, como sujeitos sociais. Cada um decidirá qual é a maneira de lutar. Mas, optemos pelo caminho que optemos, desde nossa tarefa profissional, podemos, sim, lutar contra os efeitos dessubjetivantes dessa economia (Bleichmar, 2008, p. 133).

Os desdobramentos da violência como fraturas no contrato social levam Silvia Bleichmar a denunciar a falácia de atribuir à pobreza a causa da violência. Tal concepção preconceituosa, na verdade, escamoteia e tenta naturalizar as condições que efetivamente produzem a violência. Segundo Silvia, a violência é produto do ressentimento pelas promessas não cumpridas e da falta de perspectiva de futuro (Bleichmar, 2008, p. 36). São inúmeros os fatores implicados tanto na origem quanto na vigência dos mais diversos tipos de violência. Assim, é essencial reconhecer em sua repetição a complexidade de fatores que aludem às dimensões éticas, políticas e sociais, os quais promovem equações cujo somatório resulta tanto no ressentimento quanto na desesperança.

Ao abordar o tema da falta de amor, Bleichmar (2016) é categórica ao afirmar que uma das formas iniciais de exercer um domínio sobre o outro se dá através de sua dessubjetivação. Em sua escrita, a menção a uma modalidade de violência silenciosa permite identificar as devastadoras marcas da falta de amor próprias à indiferença.

A questão política é abordada por Bleichmar (2005) no mesmo contorno crítico e interrogativo presente nas diversas reflexões que desenvolve. Assim, ao escrever sobre “uma forma de pensar o nosso tempo” (p. 9), alerta para a necessidade de que, no marco de uma democracia política, não se confunda respeito com relativismo intelectual. Ressalta que “se sustenta ainda um hiato entre a ação política e a informação; hiato que, mais além de uma ou outra tentativa isolada, assinala a carência de uma reflexão profunda acerca da condição humana nas circunstâncias históricas que nos toca viver” (Bleichmar, 2005, p. 9).

É exatamente a prática reflexiva sistemática e consistente que faz com que o raciocínio de Silvia Bleichmar localize com rigor as coordenadas nas quais os conceitos psicanalíticos, pensados e tensionados em seus alcances, limites e possibilidades, estão implicados. Seu intuito é o de desacomodar uma concepção de sujeito considerado em uma posição ideológica e antropológicamente situado, para pensá-lo em uma dimensão de construção subjetiva que o torna humano e psiquicamente em condições de ser em si mesmo, ser com o outro e estar com o outro.

A coerência de tais fundamentos faz com que o pensamento de Silvia se apresente sempre com muita clareza e consistência, independentemente do espaço no qual desenvolvia sua compreensão como psicanalista. Pretendemos ilustrar, na sequência, como, na leitura que realizou sobre as produções da cultura sobre o espaço social da escola, ou até mesmo em atividades que desenvolveu junto a agentes carcerários, as dimensões éticas, políticas e sociais se entrelaçam, desvelando a potência do pensamento e da sagacidade clínica que permitiram a Silvia Bleichmar instaurar efeitos de questionamento, desacomodação e entusiasmo em seus privilegiados interlocutores.

Ao discorrer sobre as contemporâneas classificações subjetivas evidenciadas por meio dos atributos identitários de *losers e winners*, Bleichmar (2007, p. 76-77) discorre sobre os graves efeitos que tais nomeações trazem para a subjetividade. Reconhece nessa *classificação* a imoralidade extrema e gestada socialmente. Com notável acuidade, assevera que, dessa

forma, “a sociedade civil inflige uma nova lesão àqueles a quem o funcionamento econômico do sistema já produziu um grave dano, despojando-os de suas possibilidades de trabalho e marginalizando-os em seus lugares habituais de sobrevivência moral e material” (p. 76).

Nesse sentido, localizamos a vitalidade de seu pensamento desvelando, nos mais diversos ambientes, aspectos que, por vezes, são banalizados e minimizados na complexidade que comportam. Para Bleichmar (2008), por exemplo, a escola tem uma função que não pode ser cumprida por nenhuma tecnologia, uma vez que também opera como espaço de produção de subjetividade. Afirma, portanto, ser fundamental no espaço escolar a construção de interrogantes a respeito de um projeto educativo referente à transmissão de “uma capacidade de pensar e de inserção com o outro para um país que se queira construir” (Bleichmar, 2008, p. 42). Ao se deter na reflexão sobre a relação aluno-professor, enuncia uma questão fundamental:

[S]e a assimetria de saber deve conservar-se, deve ser no marco de uma igualdade ontológica, de que todos somos sujeitos. Considero que isto é o que primeiro os pais se colocam em relação a seus filhos: que são pessoas. Depois cada um fará com os filhos o que pensa que se deve fazer com as pessoas (Bleichmar, 2022, p. 40).

Podemos constatar, no decorrer da apresentação de seus argumentos, a presença evidente de sua forma de conceber tanto o sujeito como o campo social. Por ocasião de uma conferência proferida em atividade organizada pelo serviço penitenciário de uma grande cidade argentina, Silvia abordou o tema da ética e da subjetividade no âmbito carcerário (Bleichmar, 2008, p. 163). Dentre muitos aspectos desenvolvidos em sua fala, destacamos sua menção ao que reconhecia existir na função desempenhada pelos guardas. Ao identificá-los como sendo, em muitos casos, “os principais interlocutores dos presos” (p. 183), passa a discorrer sobre a possibilidade de que eles recebessem uma formação especial para poderem dialogar e ajudar. A partir do reconhecimento de que, naquele espaço social, lhes tocava trabalhar “com uma grande quantidade de seres humanos muito danificados e muito capazes de produzir dano” (p. 188), também assinalava a possibilidade de resgatar a condição humana. Acima de tudo, em sua fala é possível identificar a coerência de suas ideias como psicanalista e como cidadã: “como vocês podem ir manejando e metabolizando isto para não se desgastarem, para não desanimar tanto, para não se desumanizarem, para não se contagiar com a desesperança e para poder recuperar o que possam recuperar de vocês e dos outros” (p. 189). No entusiasmo que lhe era característico e motivava às mais diversas interlocuções, encerra sua fala nessa atividade dizendo:

Vocês não sabem o reparador que é para mim também no sentido de que este é um encontro muito importante no país que queremos construir, onde todos pensemos o que fazemos com tudo o que nos ficou nas mãos, com toda a herança horrorosa que arrastamos de tanto sofrimento e de tanta devastação (Bleichmar, 2008, p. 190).

Naquele cenário de “mal-estar sobranter”, sobrecarregado pelos efeitos banalizados da injustiça, da corrupção e da indiferença, danos evidentes tanto nos agentes como nos apenados, Silvia propõe um contrato que ultrapasse as vicissitudes do inter-humano, na direção de possíveis inscrições de premissas de humanização, “ali onde o outro é, em princípio, infinito para mim, pode-se, até certo ponto — mas apenas até certo ponto —, limitar a extensão dos meus deveres, mais do que defender meus direitos” (Bleichmar, 2005, p. 8). Assim, sustenta que, no hiato entre o sujeito e o exercício de sua função de agente carcerário, por exemplo, reside a possibilidade de criar uma representação de semelhante que possa promover uma interlocução mediada pela percepção e consideração do outro como semelhante. Logo, diante do reconhecimento da condição danificada em que o outro se encontra, a proposta da psicanálise não está regulamentada no poder que emana do exercício de autoridade, mas, sim, na expectativa de recomposição de laços intersubjetivos.

A escrita deste artigo entrelaça nossa satisfação de retorno às valiosas produções psicanalíticas de Silvia Bleichmar sobre as dimensões da ética, do social e da política na perspectiva da psicanálise, com nosso reconhecimento da vigência de suas inquietações. Revisitar seus textos alimenta e vitaliza seguir acreditando na relevância de sistemática reflexão a respeito das condições implicadas em nosso labor analítico.

Nesse sentido, consideramos interminável a formação de um psicanalista. É esse caráter contínuo de formação que opera como substancial abastecimento nos reordenamentos e na ampliação dos conceitos da psicanálise. Encontramos, no dia a dia da clínica, essa fonte de recursos através das surpresas geradas na escuta de narrativas, nos tensionamentos do vivido, na complexidade dos encadeamentos identificatórios, os quais permeiam a singularidade histórica constituinte da aparelhagem psíquica de cada analisando. Assim, nessa tessitura e no a posteriori que o encontro transferencial representa, a escuta do analista poderá vir a ser uma experiência permanente de recomposição transformadora.

Identificamos na obra de Silvia um posicionamento claro em relação ao trabalho da análise, afirmando que “isto nos leva a recusar a ideia de que o sentido da análise seja a ‘construção de uma história’. Pelo contrário, a análise dedica-se à desconstrução do fixado, da ‘história oficial’ do sujeito, abstendo-se de oferecer totalidades que reensemblam o todo” (Bleichmar, 2015, p. 63). Assim sendo, a abstinência do analista consiste também em não oferecer interpretações fechadas, nem intervenções absolutas no sentido de que levem apenas a remontar as peças em um todo.

Ao abordar a insistência repetitiva do inconsciente, organizando continuidades sob o modo do descontínuo, alerta Bleichmar (2015) que, “na especificidade do funcionamento psíquico e das leis de seu funcionamento, explicitemos, antes, que a história-problema deve ser considerada como ‘história-conflito’, sendo esta última não uma circunstância particular do devir, mas o modo mesmo no qual este se constitui” (p. 65-66). A escuta do analista flutua atentamente nas repetições, mas também nas produções psíquicas de um aparelho aberto, no qual “ao recuperar a historicidade fundante do sujeito psíquico e considerar o inconsciente como resíduo metabólico de inscrições exógenas, a atemporalidade do inconsciente faz a sua indestrutibilidade, porém, não a possibilidade de reensamblagem de suas representações” (Bleichmar, 2015, p. 65).

Assim sendo, os movimentos de retorno às produções teóricas recebem tensionamentos criativos a partir de inquietações da clínica, quando as vertentes dos enunciados podem ser aproximadas às inevitáveis interrogações de um saber necessariamente incompleto e na recusa de interpretações elaboradas na imediatez da demanda. Enfim, é o espírito científico do saber em aberto que, como psicanalistas, nos proporciona encontrar, nesses necessários retornos, pontos de apoio ao já pensado, que também operam como dispositivos que ampliam a perspectiva de criação e de produções de teorias. Dessa forma, como desdobramento do processo de escrita deste artigo, reconhecemos na abertura e no estímulo às condições imprescindíveis para a “neogênese” no trabalho de um analista a potência de uma psicanálise aberta à produção de interrogantes.

Nessa direção, a forma com que Silvia Bleichmar aborda as dimensões ética, social e política em suas obras pareceu-nos contemplar um preciso contorno daquilo que constitui a prática de um psicanalista. A incontornável incidência ética no labor de um analista implica a denúncia da banalidade de ajuste às fórmulas que não visam a qualquer processo de transformação do sofrimento. Como alerta Bleichmar (2015),

não há, talvez dano maior à vida humana (exceto a morte) que o seu desperdício. Por isso, os longos anos de análise malsucedida, pelos quais atravessam muitos seres humanos, não podem ser catalogados, frívolamente, apenas como “perda de tempo e dinheiro”, se considerarmos que o tempo é, precisamente, aquilo que marca as possibilidades de realização da vida no contexto da finitude da existência (p. 15).

Para concluir, ressaltamos que, neste escrito, reconhecemos no legado de Silvia Bleichmar a genuína preocupação com a prática de uma psicanálise marcada pelo persistente compromisso em identificar as condições necessárias a “uma estratégia de cura menos livre de um empirismo espontâneo e mais afastada, na mesma forma, do dogmatismo limitante” (Bleichmar, 2015, p. 28). A escolha pelas dimensões ética, social e política como marcadores centrais na escrita de nosso texto, ancorada na sempre vitalizante revisita ao admirável legado de Silvia Bleichmar, deu-se por considerarmos que, no privilégio do convívio que com ela tivemos, tais escolhas traduzem sua forma de considerar a implicação de um psicanalista em um campo de ação que inclui e ao mesmo tempo extrapola os limites de sua clínica.

Na obra de Silvia não há evasivas para enunciar conceitos e proposições que precisavam ser revisados em psicanálise, tampouco existem subterfúgios ao encarar e denunciar a face mais cruel da realidade social e política, seja na história, seja no presente. Silvia é uma presença atemporal com sua obra consistente, sua escrita assertiva, sua sensibilidade, sua inteligência e sua generosidade na partilha realizada em diversos espaços sociais. Em todos eles, seu pensamento, em permanente continuidade, ancora-se no respeito ao universo de pertinência do semelhante: “em cada lugar que estamos hoje nos estão pedindo que digamos algo, e em cada lugar temos que dizer algo com responsabilidade” (Bleichmar, 2008, p. 109).

Seus textos e suas falas abordam a violência cotidiana, a violência de Estado, a violência econômica e a violência psíquica, dentre outras. Rejeita explicações simplórias a respeito de suas variadas etiologias, não recua em enunciar seu desejo de trabalhar em prol de melhores condições para seu país. Acima de tudo, Silvia mantém em seu horizonte a crença na potencialidade da psicanálise como prática no marco de uma ética, frente ao devastador impacto psíquico decorrente de qualquer ação humana que tenha como meta promover a des-sujeitização do semelhante. A pertinência e a atualidade de suas preocupações parecem-nos inegáveis.

REFERÊNCIAS

- BLEICHMAR, Silvia. *Do motivo de consulta à razão de análise*. São Paulo: Zagodoni, 2015.
- BLEICHMAR, Silvia. *Dolor país y después...* Madrid: Libros del Zorzal, 2007.
- BLEICHMAR, Silvia. *El desmantelamiento de la subjetividad: estallido del yo*. Buenos Aires: Topía Editorial, 2009.
- BLEICHMAR, Silvia. *El psicoanálisis en debate: diálogos con la historia, el lenguaje y la biología*. Buenos Aires: Paidós, 2020.
- BLEICHMAR, Silvia. *La construcción del sujeto ético*. Buenos Aires: Paidós, 2011.
- BLEICHMAR, Silvia. *La subjetividad en riesgo*. Buenos Aires: Topía Editorial, 2005.
- BLEICHMAR, Silvia. *Subjetividad y aprendizaje: problemáticas educativas y psicoanálisis*. Buenos Aires: Noveduc, 2022.
- BLEICHMAR, Silvia. *Vergüenza, culpa, pudor*. Buenos Aires: Paidós, 2016.
- BLEICHMAR, Silvia. *Violencia social: violencia escolar de la puesta de límites a la construcción de legalidades*. Buenos Aires: Noveduc, 2008.
- ELICHIRY, Nora. Prólogo. In: BLEICHMAR, Silvia. *Subjetividad y aprendizaje: problemáticas educativas y psicoanálisis*. Buenos Aires: Noveduc, 2022. p. 10-20.
- MORAES, Eurema Gallo; MACEDO, Mônica Kother. Construção de legalidades. In: FLORSHEIM, David B. (Org.). *Vozes da psicanálise: clínica, teoria e pluralismo* (Vol. 4). São Paulo: Blucher, 2024. p. 89-93.

Artigo enviado: 25 de fevereiro de 2025.

Artigo aceito: 10 de março de 2025.

PSICOANÁLISIS “DE FRONTERA” Y PROCESOS DE NEOGÉNESIS: EXIGENCIAS TEÓRICO-CLÍNICAS PARA UNA PRAXIS TRANSFORMADORA

“FRONTIER” PSYCHOANALYSIS AND NEOGENESIS PROCESSES:
THEORETICAL-CLINICAL DEMANDS FOR A TRANSFORMING PRAXIS

PSICANÁLISE “DE FRONTEIRA” E PROCESSOS DE NEOGÊNESES: EXIGÊNCIAS
TEÓRICO-CLÍNICAS PARA UMA PRÁXIS TRANSFORMADORA

Facundo Blestcher¹

Resumen: Las problemáticas clínicas contemporáneas interpelan nuestra praxis en su capacidad de resolución del sufrimiento humano. Allí donde el método analítico clásico resulta insuficiente para el abordaje del padecimiento psíquico, se despliega un psicoanálisis “de frontera”, que aspira a producir reordenamientos de la tópica psíquica. La conceptualización de Silvia Bleichmar acerca de las “simbolizaciones de transición” apunta a ampliar el alcance de nuestros instrumentos clínicos, incluyendo intervenciones que se orientan a producir una simbolización para aquello que no ha logrado ese estatuto, promoviendo la recomposición del entramado psíquico. Esta perspectiva inaugura la posibilidad de desplegar, en el marco mismo del tratamiento analítico, procesos de neogénesis que propician la constitución de lo no constituido y el clivaje y reorganización de lo inscripto psíquicamente en nuevas tramas simbolizantes.

Palabras clave: Psicoanálisis. Clínica. Simbolizaciones de transición. Neogénesis.

Abstract: Contemporary clinical problems challenge our praxis in its capacity to resolve human suffering. Where the classical analytical method is insufficient for the approach of psychic suffering, a “frontier” psychoanalysis is deployed that aspires to produce rearrangements of the psychic topic. Silvia Bleichmar’s conceptualization of “transitional symbolizations” aims at widening the scope of our clinical instruments, including interventions that are oriented to produce a symbolization for that which has not achieved this status, promoting the recomposition of the psychic framework. This perspective inaugurates the possibility of deploying, within the same framework of the analytical treatment, processes of neogenesis that propitiate the constitution of the unconstituted and the cleavage and reorganization of what is psychically inscribed in new symbolizing plots.

Keywords: Psychoanalysis. Clinical. Transitional symbolizations. Neogénesis.

Resumo: As problemáticas clínicas contemporâneas interpelam nossa práxis em sua capacidade de resolução do sofrimento humano. Onde o método psicanalítico se prova insuficiente para abordar o sofrimento psíquico, utiliza-se uma psicanálise “de fronteira”, que aspira a produzir reorganizações da tópica psíquica. A conceitualização de Silvia Bleichmar acerca

¹ Psicoanalista. Máster en Clínica Psicoanalítica. Past President de la Federación Latinoamericana de Asociaciones de Psicoterapia Psicoanalítica y Psicoanálisis Psicoanálisis (FLAPPSIP). Profesor en grado y posgrado en universidades de Argentina, Brasil, México, Uruguay y España. Presidente de la Asociación Argentina de Psiquiatría y Psicología de la Infancia y la Adolescencia (ASAPPIA) y de la Asociación de Psicoanálisis “Sigmund Freud” del Litoral. E-mail: facundoblestcher@gmail.com

das “simbolizações de transição” visa ampliar o alcance de nossos instrumentos clínicos, incluindo intervenções que se orientam a produzir uma simbolização para aquilo que não alcançou esse estatuto, promovendo a recomposição do tecido psíquico. Essa perspectiva inaugura a possibilidade de implementar, no próprio marco do tratamento analítico, processos de neogênese que propiciam a constituição do não constituído e a clivagem e reorganização do que está inscrito psicologicamente em novas tramas simbolizantes.

Palavras-chave: Psicanálise. Clínica. Simbolizações de transição. Neogênese.

No es por cierto esperando en la plaza desierta
que se encuentra a alguien.
Cesare Pavese

En su conferencia “La psicoterapia analítica como lugar de producción simbólica”, en el marco de una jornada sobre el cambio psíquico realizada en Montevideo en 2004, Silvia Bleichmar se preguntaba:

[...] ¿qué tiene hoy para ofrecer el psicoanálisis?, ¿qué puede aportar al sufrimiento humano del siglo XXI? Vale decir, ¿hasta qué punto nuestro pensamiento, nuestras teorías, nuestras maneras de encarar el sufrimiento, nos permiten enfrentar los problemas que aborda la subjetividad del siglo XXI? [...] ¿Cómo operar en el marco de un proceso analítico que pueda al mismo tiempo incrementar la simbolización sin rigidizar la defensa? [...] Lo cual podría ser formulado también en los siguientes términos: ¿Cómo incrementar las posibilidades de la productividad psíquica evitando, al mismo tiempo, los riesgos a los cuales se ven sometidos nuestros pacientes, en particular cuando se confrontan a procesos de deconstrucción psíquica?

Este cuestionamiento, que sigue siendo incitante en el presente, se abre en dos direcciones: por un lado, la necesaria revisión de nuestras teorías y nuestra praxis para resolver o mitigar los sufrimientos actuales; por el otro, las transformaciones en las subjetividades que interpelan nuestra tarea. Para quienes inscribimos nuestra práctica en una serie de las generaciones en la que Silvia Bleichmar constituye una referencia fundamental, construir respuestas para estos interrogantes deviene una exigencia de trabajo teórico y de refinamiento de nuestras herramientas clínicas para intervenir sobre el padecimiento psíquico de las personas que nos consultan.

Una tarea crítica, que permita discernir lo permanente y lo accesorio, la novedad y la repetición, lo pertinente y lo incoherente, requiere exponer al propio psicoanálisis a sus instrumentos, pasando el cepillo de la crítica a contrapelo. Para ello, resulta necesario someter a caución las fórmulas canónicas que poseen ya un escaso alcance explicativo —siguiendo la propuesta de “sostener los paradigmas desprendiéndose del lastre” (Bleichmar, 2005, p. 107)— y recuperar la pasión que estimula la pregunta productiva: saber para interrogarse mejor.

Mucho se ha escrito con relación a las mutaciones actuales de las subjetividades y los nuevos horizontes que se despliegan a partir de ellas. La abundancia de descripciones y diagnósticos provenientes de las más diversas disciplinas —sociología, antropología, filosofía, teoría política, historia, etnografía, entre otras— alienta, en muchas ocasiones, una deriva del psicoanálisis y de los psicoanalistas que diluye la pertinencia de nuestras concepciones. Por supuesto que podemos afirmar que el sujeto psíquico es indisociable de su referencia al otro, a la cultura y a la historia, pero sin renunciar a la especificidad de nuestro objeto y de nuestro

campo de intervención. Cuando este extravío ocurre, no es infrecuente advertir una ideologización de la práctica, que, justificada en las “mejores intenciones” o en un presunto “sentido común”, pretende compensar la insuficiencia de los propios recursos teóricos y clínicos. La apelación recurrente a las condiciones de época como determinante fundamental —y hasta exclusivo— del sujeto psíquico acaba por disolver la causalidad intrapsíquica —libidinal, representacional, fantasmática y defensiva— sobre la cual podemos operar a partir de nuestro método.

En función de esto, la distinción propuesta por Bleichmar entre *constitución del psiquismo* y *producción de subjetividad* ofrece una perspectiva productiva para deslindar los diversos órdenes de determinación y recuperar la congruencia de nuestra posición con respecto a los fenómenos y procesos psíquicos sobre los que nos corresponde trabajar. Siguiendo a la autora, la *producción de subjetividad* concierne a la construcción del sujeto en términos sociales e históricos, en tanto efecto de una serie de significaciones y propuestas discursivo-ideológicas del imaginario social instituido e instituyente que particularizan a la sociedad de pertenencia en un momento dado:

Lo que se llama producción de subjetividad es del orden político e histórico. Tiene que ver con el modo con el cual cada sociedad define aquellos criterios que hacen a la posibilidad de construcción de sujetos capaces de ser integrados en su cultura de pertenencia. Hay proyecto de producción de subjetividad en cada sociedad y estos proyectos de producción de subjetividad de cada sociedad tienen ciertas características (Bleichmar, 2009, p. 33).

Por otra parte, la *constitución del psiquismo* corresponde a los procesos constitutivos propios de la estructuración y funcionamiento del sujeto psíquico, que el psicoanálisis ha discernido como relativamente invariantes y que se mantienen más allá de las mutaciones históricas, conformando el núcleo duro de nuestra metapsicología:

[...] la diferenciación tópica en sistemas regidos por legalidades y tipos de representación es del orden la constitución psíquica. De ahí que lo constitutivo del psiquismo da cuenta de aspectos científicos del psicoanálisis y que se sostienen con cierta trascendencia por relación a los distintos períodos históricos (Bleichmar, 2009, p. 33).

Si bien ambos procesos pueden ser diferenciados, sobre todo en términos epistémicos de nuestra disciplina, también se trata de poder articularlos, advirtiendo la forma con la que los cambios en la producción de subjetividad impactan sobre la tópica psíquica y se insertan en la serie traumática libidinal que define la etiología de los síntomas.

Sabemos que las presentaciones clínicas del padecimiento psíquico van mutando al calor de las transformaciones históricas, y que sus modalidades nos confrontan constantemente con los alcances de nuestras teorías y las posibilidades de aplicación del método. Más allá de la sintomatología neurótica que concebimos como más “clásica” —que podemos advertir en retroceso en las consultas que recibimos—, abundan otros fenómenos clínicos que dan cuenta de trastornos producidos por fallas parciales o globales en la constitución del psiquismo: fracasos en la formación de síntomas en sentido estricto, compulsiones y pasajes al acto producidos por desregulaciones de la economía psíquica, intentos de supresión tóxica del dolor, estados de angustia masiva que tienden a cronificarse sin encontrar vías de ligadura —sea bajo la forma de ataques de pánico o crisis de ansiedad—, afecciones psicósomáticas y somatizaciones severas, depresiones y vivencias profundas de vacío, déficit en los procesos de simbolización que dejan al sujeto librado al efecto desligante de la pulsión de muerte. La emergencia de la excitación desamarrada de los sistemas representacionales resulta disruptiva por la insuficiente elaboración psíquica y se anuda con la dimensión del traumatismo a la que el sujeto queda fijado en una repetición que lo excede:

El psiquismo tiene un entramado simbólico que permite o no el ingreso de ciertas significaciones, sobre todo, de aquellas que lo pueden poner en riesgo. El impacto que produce en él lo absolutamente desconocido y amenazante es del orden de lo que no encuentra entramado simbólico (Bleichmar, 2011, p. 410).

Nuestra inquietud acerca de los modos actuales del sufrimiento psíquico debe apuntar más a la ampliación del campo de nuestros conocimientos e intervenciones, con el propósito de desplegar una práctica efectivamente transformadora, que a sostener a toda costa la supervivencia de nuestro quehacer en un contexto de disputa pragmática en el mercado de las ofertas psicoterapéuticas. Pensar qué tiene para ofrecer hoy el psicoanálisis no es una mera cuestión técnica, en el marco de propuestas cada vez más mercantilizadas y reductivas que pretenden acallar el padecimiento subjetivo por medio de un bombardeo de consejos, tareas y modificaciones conductuales superficiales, que incrementan la adaptación a las mismas condiciones que generan y sostienen ese malestar, o recurren a los psicofármacos como la alternativa para suplir aquello que las propias intervenciones no alcanzan a producir. Tanto el dogmatismo como el eclecticismo de ciertos sectores del psicoanálisis pueden pensarse como modos defensivos al servicio de generar una ilusión de dominio ante la agitación fantasmática de los propios analistas frente al sufrimiento de quienes se aproximan demandando auxilio. Estas auténticas resistencias contrantransferenciales ofician como “mecanismos autoinmunes” (Bleichmar, 2011) con los cuales ciertos sectores del movimiento psicoanalítico rechazan el planteamiento de nuevas preguntas o maquillan de novedad lo que en realidad representa la aplicación de viejas respuestas, sin someter a prueba los enunciados de partida.

Como ha señalado Bleichmar, el mayor peligro que acecha al psicoanálisis no proviene de la capacidad y lucidez de sus oponentes, sino de la fosilización de nuestras teorías y el riesgo de implosión que acarrearán debido a sus propias carencias internas. De aquí deriva una auténtica exigencia: “¿Podremos recuperar el entusiasmo de los orígenes a partir de la convicción de que las nuevas tareas ameritan no sólo una ‘puesta al día’ sino una verdadera puesta sobre sus pies de los enunciados de base?” (Bleichmar, 2006, p. 10).

De estas orientaciones se desprende un verdadero programa de trabajo para aunar el rigor teórico con la fecundidad en la praxis. Esto implica la necesidad de pensar una clínica fundada en la metapsicología, no dissociada de los fenómenos histórico-sociales, respetuosa de los modos con los cuales el ser humano busca paliar los malestares que lo aquejan (Bleitcher, 2007). En este sentido, por una parte, sostenemos la motivación libidinal —representacional— del padecimiento anímico y sus determinaciones intrapsíquicas; por otra, no desconocemos la incidencia de las condiciones históricas en la conformación de los síntomas o en el reforzamiento y cristalización de fallas en el funcionamiento psíquico.

Las situaciones clínicas que enfrentamos hoy revelan la insuficiencia de un prescriptivo que pretenda encorsetarse en supuestos principios inamovibles, como así también ciertas categorías conceptuales que entorpecen la comprensión metapsicológica. Ante las limitaciones que derivan de una teórica rigidizada, que se reitera ecolálicamente, renunciando a toda aspiración de entendimiento —ya que se ha denostado todo afán de comprensión o explicación, suponiendo que esto correspondería a una voluntad totalizante y a un extravío imaginario que ofuscaría el “deseo del analista” en su pureza ascética—, se despliega una práctica mistificada —saturada de clisés, intervenciones erráticas y silencios que encubren la impotencia bajo un halo enigmático que poco auxilia frente a la angustia— que debilita la potencia de la práctica misma. No es infrecuente escuchar enunciados que promueven un engañoso alivio bajo la forma de proposiciones tales como “no hay demanda”, “no se instaló la transferencia”, o “el sujeto no se implicó en su síntoma”. Muchas de estas expresiones configuran una coartada que mitiga la angustia que genera la conmoción frente al padecimiento del otro y son compatibles con la propuesta que reduce al analista a una mera función deshabitada del sujeto real que la encarna.

En una dirección muy diferente se inscribe una comprensión metapsicológica, una orientación clínica y una posición ética sostenida en los desarrollos de Silvia Bleichmar. La relación entre objeto y método resulta un vector fundamental para la dirección de la cura. La aplicación del método exige una serie de requisitos que determinan sus posibilidades de ejercicio: inconsciente constituido a partir del clivaje tópico instaurado por la represión originaria, organización del yo y de las instancias ideales, conflicto intrasubjetivo, sujeto capaz de posicionarse ante el inconsciente, operatoria de la represión propiamente dicha, retorno de lo reprimido y formación simbólica de síntomas (Bleichmar, 1999). La libre asociación supone un procedimiento detraductivo, desligante, asociativo-disociativo, que reclama ciertas condiciones de la estructuración subjetiva para poder desplegarse sin que el activamiento de lo reprimido ponga en riesgo la estabilidad psíquica. La presencia del analista, soporte vivo de la transferencia —en nada comparable a un muerto—, se ofrece como sostén ante el desprendimiento de angustia que inevitablemente acompaña el transcurso del análisis.

En virtud de las formas con las que se manifiesta el padecimiento psíquico en la actualidad, cada vez más, nos vemos obligados a examinar las posibilidades y márgenes de nuestro quehacer. En numerosas situaciones sabemos que el trabajo analítico consiste en crear las condiciones para la futura introducción del método. Aquello que tradicionalmente hemos entendido como “analizabilidad”, la aptitud de un sujeto para beneficiarse de la aplicación del procedimiento analítico —y que supone una serie de requisitos metapsicológicos, psicopatológicos y técnicos—, no siempre está presente desde el inicio, sino que debe ser construida. Ya sea en la clínica en tiempos de infancia como en sujetos adultos cuya dominancia estructural no es neurótica, o en aquellos atravesados por vivencias traumáticas importantes, sabemos que se trata de constituir un sujeto analítico en el marco mismo del tratamiento. Para ello son necesarias una serie de intervenciones que propicien procesos de recomposición psíquica a partir de los cuales sea posible la operatoria interpretativa. El trabajo de ligazón y simbolización se nos presenta como un prerrequisito para que el sujeto alcance un equilibrio menos sufriente de su economía psíquica, que le permita un posicionamiento diferente con relación a lo inconsciente.

Ya no parece viable permanecer pasivamente a la espera de que el sujeto se instale por sí mismo en el dispositivo analítico, dando por descontada su condición a priori, sino que es necesario desplegar una serie de gestos instauradores que pongan en marcha el proceso del análisis. Quienes practicamos el psicoanálisis no nos limitamos a ir al encuentro de un inconsciente que estaba allí desde siempre. La imagen del analista-intérprete de un inconsciente que está allí desde toda la eternidad y que simplemente aguarda su epifanía para abrir la boca impresiona como una ficción —un mito de los orígenes, quizás— que hoy se asemeja dramáticamente a una parodia. En ciertas situaciones clínicas, nuestra intervención apunta a generar las condiciones de fundación de la tópica o su estabilización estructural, inaugurando oportunidades de complejización psíquica para que lo pulsional encuentre un emplazamiento más o menos definitivo en el marco de un psiquismo abierto a lo real, regido por la metábola, sometido al traumatismo y al *après-coup*. Se trata de

[...] la posibilidad de que se produzcan a través de la práctica psicoanalítica nuevas constelaciones simbólicas [...] Pero esta articulación simbólica no es necesariamente el efecto de la libre asociación en sentido estricto —aun cuando pueda ser articulada mediante entramados discursivos previos del paciente mismo— ya que su sentido no puede ser hallado a partir de la aparición de un contenido reprimido inconsciente. Se trata de un entretejido en la membrana psíquica desgarrada, y esto no se puede lograr mediante el método clásico (Bleichmar, 1999, p. 63-64).

En esta dirección, Bleichmar se ha referido a un psicoanálisis “de frontera”, que no hace alusión a las llamadas patologías fronterizas o limítrofes, sino a una praxis que se despliega “[...] en las fronteras de la tópica, en las fronteras de la relación intersubjetiva con el semejante” (Bleichmar, 1993, p. 295):

A lo largo de nuestro trabajo hemos ido desplegando la idea de que la cura analítica no se reduce, en tiempos de infancia —ni con pacientes gravemente perturbados o atravesados por situaciones traumática extremas—, a la extracción de lo inconsciente, sino a la recomposición de las relaciones entre los sistemas psíquicos. Es el trabajo sobre lo desligado y su recaptura analítica lo que da posibilidad al sujeto de una instalación en la tópica psíquica (p. 294).

Cuando las inscripciones psíquicas que producen el sufrimiento no corresponden a lo secundariamente reprimido y no son articulables en el código de la lengua a partir de la asociación libre, se halla acotado el empleo del método en sentido estricto. Con respecto a aquellas inscripciones no transcritas, nunca tramitadas por el lenguaje ni fijadas a los sistemas psíquicos, que operan como fragmento de realidad psíquica en el sentido más estricto, la interpretación no resulta apropiada para su tramitación o elaboración.

Gran parte de los objetos de la pulsión —en su contingencia—, de los modos fijados de las compulsiones, de los elementos discretos [...] que aparecen como representaciones sobre las cuales no son posibles las asociaciones, son de este orden. Es una ilusión del psicoanalista creer que todo aquello sobre lo cual la asociación se imposibilita es efecto de la resistencia: se trata, en la mayor parte de los casos, de elementos sobre los cuales la asociación es imposible porque se ven desligados (Bleichmar, 2009, p. 64).

Justamente por esto, las problemáticas clínicas que mayormente nos convocan en la actualidad nos reclaman ampliar el repertorio de nuestros instrumentos para permitir la recomposición del tejido psíquico. Silvia Bleichmar (2009) ha introducido el concepto de **simbolizaciones de transición** para designar a estas intervenciones cuyo propósito es posibilitar un nexo para la captura de los restos de lo real y permitir la apropiación de un fragmento de lo vivencial inscripto a partir del empleo de autotransplantes psíquicos, es decir, de la oferta de puentes representacionales que enlacen el material ya ofrecido por el paciente en el proceso de la cura con ese elemento emergente con el fin de propiciar su simbolización.

Este procedimiento se orienta a producir una simbolización faltante o ausente, evitando saturar su contenido con una simbólica transindividual —muy corriente en otros tiempos, en que se apelaba sistemáticamente a la interpretación simbólica que iba la búsqueda del fantasma universal y convertía al analista en un traductor simultáneo del inconsciente—, pero tampoco dejando este ensamblaje simbolizante exclusivamente en manos del propio paciente y a la espera de que él mismo lo efectúe espontáneamente en algún momento —alternativa presente en muchas otras posiciones que entienden la cura como algo que se produce por añadidura y al analista como una estatua marmórea que solo cobra vida cuando eventualmente brinda su palabra oracular para volver inmediatamente a recluirse en su enigmático mutismo—. Las simbolizaciones de transición se aproximan a la elaboración de una hipótesis de carácter abductivo: el establecimiento de una relación hipotética término a término, una conexión entre elementos que se torna probable como explicación para la génesis de aquello que se pretende simbolizar:

Antes que darle entonces una interpretación hay que reconocerlo como resto del real vivido, significarlo en ese orden, y ensamblarlo respecto al objeto originario en el marco de la relación de transferencia. De no hacerlo de este modo, la interpretación no tiene el menor valor para el sujeto. En esto consiste la operatoria que yo llamo “simbolizaciones

de transición”, puentes, auto-transplantes, en los cuales inevitablemente el analista incluye la perspectiva teórica, pero la entreteteje con los restos vivenciales y excitantes de las representaciones de quien las padece (Bleichmar, 2009, p. 72).

Como puede advertirse, este enfoque ensancha las posibilidades de modificación del funcionamiento psíquico a partir de intervenciones simbolizantes que precipitan nuevas formas de reequilibramiento y recomposición de la tópica psíquica. De esta manera, la praxis adquiere una vitalidad y capacidad transformadora que se distancia de otros modelos deterministas que insisten en la inmutabilidad de la estructura psíquica o de sus dominancias. Conocemos bien la proliferación de enunciados que sostienen la imposibilidad de generar cambios estructurales, sometiendo a los analistas a un conformismo paralizante que se parece mucho a la resignación —la misma que se les propone a los pacientes con respecto a sus padeceres, aun cuando se la enmascare en una suerte de pastoral de la castración que el sujeto debería aceptar para testimoniar su reconocimiento de la falta simbólica—. Por el contrario, dando continuidad a las conceptualizaciones de Bleichmar, podemos dar lugar a procesos de **“neogénesis”**, de construcción de lo no constituido y de clivaje y recomposición de lo inscripto en nuevas tramas simbolizantes.

Consideramos insoslayable la fecundidad del concepto de neogénesis si pretendemos desplegar una práctica que no quede esterilizada en los estructuralismos —sean biologicistas o lenguajeros— que clausuran toda posibilidad de modificación de la estructura subjetiva. Entiendo que la subordinación a una perspectiva que inmoviliza las variaciones y restringe la producción de lo inédito puede resultar pacificadora frente a la extenuación de una práctica empobrecida y asfixiante cuyos efectos desubjetivantes se extienden a ambos lados del diván.

Neogénesis implica, entonces, que el análisis no se reduce a un develamiento de lo reprimido encontrando lo ya dado, ni a una lectura —por más a la letra que esta se proponga— de aquello que ha alcanzado valor significativo, sino que introduce procesos capaces de generar algo no fundado previamente, capaz de constituir lo no constituido sobre la base de lo ya existente, pero que no se hubiera generado sin el trabajo analítico. Esto conduce a pensar la posibilidad de transformaciones, puntos de bifurcación y saltos estructurales en momentos decisivos de la constitución del sujeto en el marco mismo del tratamiento analítico.

Hemos tenido la ocasión, formidable, de acompañar esos momentos instauradores donde un sujeto se constituye y donde un punto de fuga abre una hendidura para un destino que parecía fijado. Momento sobrecogedor, de alta intensidad emocional, en que las intervenciones simbolizantes han promovido una recomposición psíquica que no se hubiera producido espontáneamente. Recuerdo a Joaquín, un niño con una patología autistizada que al llegar al consultorio la primera vez deambulaba sin mirarme, hablaba sin dirigirse a mí, repetía mecánicamente enunciados inconexos bajo una apariencia robotizada y con una desconexión brutal, producto de traumatismos precoces. Avanzado ya el tratamiento, llega a una sesión muy enojado. Se tira sobre el diván y me recrimina: “Esto ha sido un gran error”. Le pregunto a qué se refiere, e insiste: “Esto ha sido un gran error”. Le pido que me cuente cuál es ese error. Me dice: “Venir acá”. Con un poco de sorpresa, le pregunto por qué. “Porque ahora lloro”, me responde. Entendí entonces qué me estaba diciendo. Momento de enorme conmoción afectiva y de profundo contacto humano, en el que hablamos de que efectivamente ahora él lloraba porque sentía cosas que antes no sentía, que eso lo hacía un ser humano y no un robot —como en tantas ocasiones habíamos hablado antes— y que, así como lloraba más, también podía experimentar la alegría de sentirse querido y disfrutar de la compañía de otros cuya existencia ahora reconocía.

Pensar al espacio analítico como lugar de neogénesis nos devuelve la capacidad de trocar la repetición en novedad, de dar origen a nuevas posibilidades simbolizantes que alejen al sujeto de una inercia mortificante: “la cura es lugar de neogénesis del sujeto sexuado: tanto en las nuevas vías que abre para el establecimiento de lo sexual como en su ordenamiento en

sistemas que inauguran destinos diversos para el placer y la sublimación” (Bleichmar, 1993, p. 295). Y, simultáneamente, experimentar también una transformación profunda como analistas —es decir, como sujetos— que nos arranque de la pasividad y la parálisis para cooperar con quienes nos consultan buscando auxilio en la creación de experiencias subjetivas que hagan más habitable la vida y en la ampliación de los márgenes de libertad para el despliegue de la potencia imaginativa y deseante.

Aquí reside el vector fundamental de la ética y de la transferencia:

la práctica psicoanalítica no es ajena a una ética, la que atañe a la ampliación de los márgenes de la libertad de decir, de la libertad de pensar. Hay que haber atravesado el desgarramiento de un proceso analítico para reconocer lo difícil que es el movimiento de conquista de esta libertad de pensamiento, movimiento realizado siempre en una lucha intensa contra los abrochamientos imaginarios con que las pasiones anudan el pensamiento (Bleichmar, 1987, p. 6).

Como bien recuerda la sentencia de Goethe, tantas veces citada por Freud: “Lo que has heredado de tus padres, adquiérela para hacerlo propio” (*Was du ererbt von deinen Vätern hast, erwird es, um es zu besitzen*). Menos conocidos resultan los versos que prosiguen: “Lo que no se utiliza se convierte en una carga pesada; solo puede ser de provecho aquello que crea el momento” (*Was man nicht nützt, ist eine schwere Last, / Nur was der Augenblick erschafft, das kann er nützen*). Para quienes recuperamos las teorizaciones de Silvia Bleichmar, aspirando a animar nuestra praxis con inteligencia y sensibilidad, también se trata de un proceso de metabolización y simbolización para hacer trabajar su pensamiento y aun para poner en cuestión sus ideas, reafirmando nuestro compromiso con la resolución del padecimiento humano.

REFERENCIAS

- BLEICHMAR, Silvia. *En los orígenes del sujeto psíquico*. Buenos Aires: Amorrortu, 1987.
- BLEICHMAR, Silvia. *La fundación de lo inconsciente*. Buenos Aires: Amorrortu, 1993.
- BLEICHMAR, Silvia. *Clínica psicoanalítica y neogénesis*. Buenos Aires: Amorrortu, 1999.
- BLEICHMAR, Silvia. *Inteligencia y simbolización*. Buenos Aires: Paidós, 2009.
- BLEICHMAR, Silvia. Sostener los paradigmas desprendiéndose del lastre. Una propuesta respecto al futuro del psicoanálisis. In: BLEICHMAR, Silvia. *La subjetividad en riesgo*. Buenos Aires: Topía, 2005.
- BLEICHMAR, Silvia. *Paradojas de la sexualidad masculina*. Buenos Aires: Paidós, 2006.
- BLEICHMAR, Silvia. Simbolizaciones de transición: una clínica abierta a lo real. In: *El desmantelamiento de la subjetividad*. Estallido del yo. Buenos Aires: Topía, 2009.
- BLEICHMAR, S. Producción de subjetividad y constitución del psiquismo. In: BLEICHMAR, Silvia. *El desmantelamiento de la subjetividad*. Estallido del yo. Buenos Aires: Topía, 2009.
- BLEICHMAR, Silvia. *La construcción del sujeto ético*. Buenos Aires: Paidós, 2011.
- BLESTCHER, Facundo. Las huellas de una existencia apasionada. Homenaje a Silvia Bleichmar. *Actualidad Psicológica*, n. 358, p. 9-11, 2007.

Artigo enviado: 25 de febreiro de 2025.

Artigo aceito: 6 de março de 2025.

O BEBÊ NO SÉCULO XXI: A INTERSUBJETIVIDADE E AS TRAMAS CONSTITUTIVAS

THE BABY IN THE 21ST CENTURY: INTERSUBJECTIVITY AND CONSTITUTIVE PLOTS

EL BEBÉ EN EL SIGLO XXI: INTERSUBJETIVIDAD Y TRAMAS CONSTITUTIVAS

Cristina Gudolle Herbstrith¹

Daniela Piccoli Brasiliense²

Fernanda Dornelles Hoff³

Julia Elisabeth Salaverry Dattelkremer⁴

Juliana de Azevedo Medeiros⁵

Mariana Oliveira de Azevedo⁶

Sofia Acauan Simões Pires⁷

Resumo: O presente trabalho originou-se de um estudo em grupo, buscando aprofundar o tema da constituição psíquica em suas diferentes formas de cuidado, conforme propõe a contemporaneidade. Para isso, alguns participantes realizaram a observação de bebês em seus lares, e outros em escolas de educação infantil. A pesquisa teve como ponto de partida a forte referência dos estudos de Silvia Bleichmar sobre os movimentos fundantes do psiquismo, bem como a teoria Freudiana sobre o desamparo do início da vida. Assim, refletimos sobre a origem do sujeito, e, pensando que não basta nascer para viver, o intuito é trazer reflexões que promovam uma aproximação da complexidade e importância do imprescindível encontro do bebê com o outro, que promove ações específicas através das funções humanizantes que se

¹ Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Psicanalista. Membro efetivo da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. ORCID: 0009-0003-5281-4604. E-mail: cristinaherbstrith@gmail.com

² Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). cursando a Especialização em Psicologia Escolar e da Educação (PUCRS). ORCID: 0009-0004-1466-1798. E-mail: danielabrasiliense@gmail.com

³ Psicóloga pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Psicanalista. Membro pleno da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. Membro da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul, atual presidente do conselho. Membro da Rede Municipal da Primeira Infância em São Leopoldo. ORCID: 0000-0001-6676-5215. E-mail: fernandadh@gmail.com

⁴ Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Psicanalista em formação e membro associado da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. ORCID: 0009-0003-9892-0509. E-mail: juliadattelkremer@hotmail.com

⁵ Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Psicanalista em formação e membro associado da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. ORCID: 0009-0001-5828-470X. E-mail: julianamazevedo@hotmail.com

⁶ Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Psicanalista em formação pelo CEPdePA. ORCID: 0009-0002-5008-564X. E-mail: marianapsioliveira@outlook.com

⁷ Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). ORCID: 0009-0005-4221-7528. E-mail: sofiacauan@hotmail.com

dão na intersubjetividade. Através desses encontros, marcas de satisfação se instauram, inaugurando, dessa forma, a sexualidade do sujeito do porvir e organizando o psiquismo.

Palavras-chave: Intersubjetividade. Constituição psíquica. Relação cuidadores-bebês. Sexualidade.

Abstract: This work originated from a collaborative study aimed at examining the theme of psychic constitution in its various dimensions of care, in alignment with contemporary relevance. Participants conducted observations of infants in their home environments as well as in early childhood education settings. The research is fundamentally informed by the significant contributions of Silvia Bleichmar regarding the foundational movements of psychic development, alongside Freudian theory concerning the state of helplessness at the beginning of life. It is essential to reflect on the origin of the subject, for it is insufficient to simply be born to experience a meaningful existence. This study seeks to articulate reflections that underscore the complexity and critical nature of the essential interaction between the infant and the caregiver, which facilitates specific actions through humanizing functions that arise within the context of intersubjectivity. Such interactions establish enduring impressions of satisfaction, thus initiating the development of the future subject's sexuality and effectively organizing their psychic structure

Keywords: Intersubjectivity. Psychic constitution. Caregiver-baby relationship. Sexuality.

Resumen: El presente trabajo se originó a partir de un estudio grupal, buscando profundizar en el tema de la constitución psíquica en sus diferentes formas de cuidado, conforme propone la contemporaneidad. Para eso, algunos participantes realizaron la observación de bebés en sus casas y otros en escuelas de educación infantil. La pesquisa tuvo como punto de partida la fuerte referencia de los estudios de Silvia Bleichmar sobre los movimientos fundantes del psiquismo, bien como la teoría Freudiana sobre el desamparo del comienzo de la vida. Así, reflexionamos sobre el origen del sujeto, y, pensando que no basta nacer para vivir, el intuio es traer reflexiones que promuevan una aproximación de la complejidad e importancia del imprescindible encuentro del bebé con el otro, que promueve acciones específicas a través de las funciones humanizantes que se dan en la intersubjetividad. A través de estos encuentros, se establecen signos de satisfacción, inaugurando así la sexualidad del sujeto del futuro y organizando el psiquismo.

Palabras clave: Intersubjetividad. Constitución psíquica. Relación cuidadores-bebês. Sexualidad.

Chegamos ao século XXI com mudanças socioculturais. O núcleo familiar necessitou expandir os cuidados primários para além dos seus muros. A atividade laboral, com suas exigências de dedicação e tempo, faz com que as famílias recorram a babás e espaços institucionais — como as creches e ambientes de educação infantil — desde muito cedo no suporte aos bebês. Logo, nos convoca a pensar quais efeitos na constituição do psiquismo as mudanças na cultura pós-moderna, do amparo em diferentes espaços, podem gerar no bebê — este sujeito do porvir.

Freud, em *Projeto para uma psicologia científica* (1996a, p. 379), nos diz que “o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte dos motivos morais”. Assim, o autor nos convida a refletir sobre as dinâmicas que se dão a partir do desamparo, afirmando ser no encontro com o outro — cuidador — que a motivação ao sujeito do porvir está. Sílvia Bleichmar, em *A fundação do inconsciente* (1994), nos aponta que, embora a subjetividade passe por alterações, justamente por ser um produto histórico, a constituição e a organização psíquicas se

mantêm com premissas invariantes. A autora parte do pressuposto de que o inconsciente não está dado desde as origens, mas é um produto do encontro com os cuidadores primordiais (semelhantes), fundando a sexualidade e a díade prazer/desprazer. Além disso, traz a ideia de que são as funções sexualizantes e narcisizantes de quem cuida as premissas iniciais para a estruturação dos sistemas psíquicos da criança.

O presente trabalho é o produto de um estudo semanal iniciado em agosto de 2023 por este grupo de profissionais identificadas com a psicanálise, ampliando as possibilidades de escuta, de pensamentos e de questionamentos acerca de como se dá a constituição psíquica na cultura da atualidade. As observações ocorreram de forma semanal, com duração de uma hora. Os bebês observados apresentam uma média de idade de 30 dias a dois anos. Seguindo o método de Esther Bick de observação de bebês, buscamos ampliar a compreensão dos movimentos da cultura contemporânea ao cuidar dos bebês em sua constituição psíquica, bem como dos efeitos transferenciais presentes nessa experiência.

A importância do método proposto por Bick (1964) está na possibilidade de ampliar a compreensão dos movimentos que se dão nos primeiros tempos da constituição de um aparelho psíquico, no que tange à intersubjetividade e ao intrapsíquico. A abstinência faz parte da técnica utilizada nesse método, em que os observadores se colocam no interior do contexto familiar e/ou escolar, vivenciando os impactos emocionais, porém sem desempenhar os papéis que possam lhes ser demandados. Freud (1996b), em *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*, descreve que precisamos escutar a partir da atenção flutuante, sem destacar previamente qualquer elemento apresentado a partir de suas próprias expectativas; Freud refere-se à clínica, porém. Nessa mesma perspectiva encontra-se o método de Bick, em que o pesquisador observa sem realizar anotações durante a atividade, de forma análoga ao exercício clínico. É parte do método ocorrer semanalmente o relato ao grupo das observações e percepções vivenciadas pelo observador no encontro com o bebê e seus cuidadores. A partir dessas narrativas, produzidas a posteriori, os integrantes compartilham suas perspectivas e efeitos transferenciais, sendo assim possível aprofundar as discussões teóricas.

Buscamos em Freud (1996a) o entendimento sobre os destinos das intensidades no aparelho psíquico em constituição. Conforme o autor, do ponto de vista econômico, os processos psíquicos são ativados por quantidades de energia e intensidade. A vivência do nascimento de um bebê é permeada por um estado de completo desamparo. Esse desamparo nos convida a ponderar sobre como se desenvolve a trama da constituição de um sujeito psíquico. Primeiramente, há demandas autoconservativas a serem atendidas, como, por exemplo, a fome, demonstrada através do choro ou outras expressões que o bebê consiga expressar, possibilitando a comunicação com o mundo externo e um adulto em cena. Este adulto precisa reconhecer urgências e, junto a isso, direcionar o seu investimento e olhar. Através do seu próprio narcisismo, o adulto inaugura o psiquismo do bebê, permeado por investimentos libidinais que se inscrevem. Portanto, um “plus” do que anteriormente era apenas alívio de tensões orgânicas instaura, assim, a pulsão e a sexualidade (Bleichmar, 1994).

Sendo assim, além do autoconservativo, o que complexifica a circulação de energia no aparelho psíquico é o colo, o cheiro, a voz e o toque do outro; através da sensorialidade cria-se a possibilidade de o humano ser animado. Isso significa que a necessidade do alimento que convoca o outro produz uma ação específica e a experiência de satisfação, imprimindo a sexualidade. Entretanto, para que esse movimento parental ocorra, é imprescindível que as quantidades de energia acumuladas no bebê sejam utilizadas com o objetivo de comunicar ao outro aquilo de que precisa, uma comunicação que, num primeiro momento, ocorre especialmente através do choro. Dessa forma, o desconforto do bebê é o que convoca a ação específica do adulto em cena (Freud, 1996a).

A convocatória concebida por Freud é aprofundada por Silvia Bleichmar (1994), que segue esse raciocínio ao argumentar que esse tempo inaugural também é constituído a partir do narcisismo e da sexualidade do cuidador. E a libido desligada — quantidade de energia

que ingressa no psiquismo incipiente do bebê — será ligada através das vias colaterais que são geradas a partir do narcisismo proporcionado por um vínculo amoroso.

A fala e os movimentos da mãe ou cuidador, enquanto ação específica para Freud (1996a) e investimento narcísico para Bleichmar (1994), são o que permite que o choro ou o grito tenham sentido e não sejam apenas ruídos, convocando o movimento de cuidado do adulto em cena. Logo, é uma ação que possibilita a criação de representações para o bebê, que futuramente buscará o objeto desejado, a fim de seguir vivendo. A partir dessas vivências, são possibilitadas as experiências de satisfação. Assim, fica catexizada a inscrição da imagem do objeto que satisfaz. As primeiras inscrições da fantasmática do bebê marcam, mas ainda não estão colocadas em palavras. É o outro que nomeia, pois as inscrições se estruturam a partir desta comunicação, esse outro com o seu aparelho psíquico clivado entre sistemas e que possui, conforme Bleichmar (1994), representações egoico-narcísicas que lhe permitem ver seu bebê como um todo. Em uma das observações realizadas por uma componente do grupo, na casa da família, a bebê, que chamaremos de Alice, com um mês de idade, faz uma expressão que sugere um sorriso enquanto boceja, o que provoca um riso na mãe, que nomeia: “Será que foi uma tentativa de sorriso? Um sorriso sem jeito... sorriso com bocejo”. Isso nos faz pensar que é essa nomeação de um sorriso que ainda não é que fará o bebê, em resposta ao que fora expressado pela mãe, sorrir de fato.

Portanto, de acordo com Bleichmar (1994, p. 23), é no encontro do recém-nascido com o outro humano da ação específica, dos cuidados autoconservativos e do narcisismo, que o infante é inundado por uma quantidade de energia da ordem do sexual, e, quando não houver entraves, deságua na atividade autoerótica do bebê. E a possibilidade de que essa energia somática se transforme em psíquica é consequência da existência de um comutador: “O comutador está no movimento que leva a que, na busca do nutrição, o bebê encontre-se com o seio — objeto sexual inicial, na medida em que é oferecido pelo outro humano provido de inconsciente”. À vista disto, é este outro adulto que imprime uma marca da sexualidade.

Foi possível perceber tais movimentos fundantes em uma das observações do grupo, em que o infante busca o seu próprio corpo ou o do adulto para satisfazer a oralidade, ou seja: o que é do autoconservativo, em um primeiro momento, passa a ser da ordem sexual, do autoerotismo e da satisfação e, portanto, uma expressão ativa do bebê. A pequena Alice, com dois meses de idade, está sob os cuidados atentos de sua mãe. Em uma dada altura, o bico escorrega de sua boca e ela emite um som, que a mãe interpreta como uma reclamação. A mãe prontamente o devolve, e Alice para de gemer, voltando a dormir tranquilamente. Em outras ocasiões, quando a bebê chora, a mãe suavemente coloca o bico em sua boca, a embala nos braços e murmura palavras de conforto. O som da voz materna e o movimento de sugar a acalmam, trazendo-lhe serenidade.

Em outra cena, Alice segue sugando o ar quando o bico escorrega, e, em outra situação, inclusive suga o ombro da mãe. Intrigada, a mãe comenta: “Ué, fome não é! Acabou de mamar, filhota. Hmm... está fazendo força. Vamos esperar”. Permite que a filha continue sugando e, passado algum tempo, Alice interrompe por si só, passando a observar o ambiente ao redor.

Assim, é possível perceber como a experiência de satisfação possibilita que a pulsão seja instaurada — a partir do cuidado e investimento do adulto, da sexualidade impressa, a criança vai à busca do prazer em si mesma, como ao sugar o dedo ou ir ao encontro com o cuidador em cena. A atividade e passividade, propostas por Freud, estão presentes enquanto movimento dos destinos pulsionais. É na riqueza desses detalhes que vão acontecendo que o grupo pôde observar a vivência de satisfação na troca amorosa mãe-bebê, exemplificando a complexidade da função materna, pois “quando a mãe estrutura um filho, ela estrutura com um duplo sistema de desejos e de proibições, narcisista e de fantasmas, o qual está dividido em seu próprio aparato e em conflito” (Bleichmar, 2010, p. 47). Assim, é através da relação

da mãe com sua própria sexualidade e da relação que ela estabelece de maneira inconsciente com o corpo do seu filho que a humanização tem origem.

Silvia Bleichmar (2010) propõe que a origem da humanização pode ser dividida em duas partes: sexualidade e prazer e, por outro lado, a angústia. À medida que a mãe apazigua o autoconservativo, ela introduz a sexualidade no filho, ou seja, ela excita. No entanto, também acalma e organiza o bebê no tempo e no espaço — este é o paradoxo do vínculo materno.

Em mais um momento de observação do grupo, na residência de outra família, o bebê de cerca de dez meses enxerga a mãe e estende os braços; a mãe prontamente oferece o seio à criança, mas não sem antes dizer: “Vamos lá, vamos lá! Eu sei que tu quer mamar, espera um pouquinho”. Esse movimento acontece com frequência durante as observações e, assim, percebe-se que a fala da mãe produz um efeito na criança, que parece excitar-se na medida em que ouve a urgência do adulto. Já a figura paterna parece buscar outros caminhos, principalmente na ausência da mãe, oferecendo outras formas de satisfação que não o seio ao bebê. Assim, podemos pensar as possibilidades de vias colaterais, quando mais de um personagem entra em cena.

Retomamos, através das observações, que os cuidados primordiais vão além da figura materna. Bleichmar (2010) discorre uma correlação entre a função materna como função de contenção, de *holding*, enquanto a função paterna seria o estabelecimento de regras. Em uma das observações chamou-nos a atenção a importância da presença do pai, enquanto um terceiro, nos cuidados, em que a mãe dizia ser difícil ver a criança crescer, por vezes mantendo o bebê no seio ou dormindo em sua cama, enquanto o pai já reconhecia a possibilidade de o bebê criar outros recursos para lidar com suas angústias para além do seio materno, propondo brincadeiras no chão, por exemplo. Com isso, não estamos nos referindo à presença necessária da figura real do pai, como na família heteronormativa, mas sim à importância da pluralidade dos vínculos.

Considera-se relevante trazermos à luz o conceito de identificação, em que Bleichmar (2010) retoma Freud ao discorrer que os primeiros modelos surgem a partir da “identificação primária da mãe, que dará origem à constituição do eu”. A respeito da identificação com o pai ou figura terciária, define-a como a origem da consciência moral, do superego e do ideal do eu. Desse modo, para a autora (Bleichmar, 2005), as representações internas que se constituem em cada sujeito são resultado de um processo de identificação; portanto, esta é inevitável. Freud (1996b, p. 109) postula a identificação como “expressão primária de uma ligação afetiva com outra pessoa”.

Esclarecer-se-á que o uso dos termos “mãe” e “pai” vai além das concepções comuns, considerando que Bleichmar não se remete a uma questão de gênero ou laço consanguíneo, e sim de funções que humanizam o sujeito — funções sexualizantes e narcisizantes —, conforme referido acima. Afirmamos, portanto, a importância desses encontros na constituição psíquica do sujeito, sendo o investimento afetivo e a posição assimétrica que possibilitam que as identificações se deem, o que de fato é essencial para a construção do sujeito.

Seguindo nessa importante discussão, Iaconelli (2023) compreende que o amparo inicial à vida vai além das funções materna e paterna ou funções parentais. Assim, a autora discorre sobre o uso de “funções constituintes da subjetividade”:

Quem pode exercer as funções? Pais, mães, demais parentes, cuidadores/as profissionais (educadores de serviços de acolhimento institucional, por exemplo). Mas não se trata de uma tarefa eventual, pois implica uma relação com profundo investimento afetivo, de responsabilização pela criança e que requer continuidade no tempo e comprometimento afetivo de quem cuida (Iaconelli, 2023, p. 189).

Portanto, há desafios que se colocam quanto a essas funções, pois é imprescindível que haja entrega afetiva por parte do(s) cuidador(es), responsabilização e tempo. Há escolhas dos cuidadores primordiais quanto ao tempo e formas de cuidar, além das tantas demandas da contemporaneidade. Porém, ampliando a rede de pessoas que exercem esses cuidados, percebe-se que a complexidade também se amplia, especialmente quando o bebê vai à instituição escolar.

Debruçamo-nos sobre um material não utilizado comumente, mas com rico conteúdo, intitulado *Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar* (Freud, 1969, p. 256), em que Freud relembra o sentimento de ser estudante, recordando que, assim como seus colegas, sentia-se influenciado por seus professores. Ainda, o autor salienta o poder das relações e como o outro pode servir de modelo, conforme a passagem a seguir: "...estudávamos seus caracteres e sobre estes formávamos ou deformávamos os nossos... bisbilhotávamos suas pequenas fraquezas e orgulhávamo-nos de sua excelência, seu conhecimento e sua justiça".

Ainda, Freud (1969, p. 257) explicita que os professores são figuras substitutas dos primeiros objetos de seus sentimentos, que são seus pais, irmãos e cuidadores, uma espécie de herança emocional, visto que "todas as escolhas posteriores de amizade e amor seguem a base das lembranças deixadas por esses primeiros protótipos". Dessa forma, a reflexão aqui é sobre como esses protótipos se dão nos espaços de educação infantil, quando os bebês estão sendo acolhidos no ambiente escolar, justamente no momento em que estão ocorrendo as primeiras inscrições, sendo elas fundantes do psiquismo e da subjetividade.

Sob essa ótica, refletimos a partir da experiência de observação dos bebês na creche, pensando a forma como a instituição oportuniza os necessários enlances afetivos para as dinâmicas da constituição psíquica. Questionamo-nos acerca de como a educação infantil irá manter esse fio do que está em processo de inscrição e montagem do psiquismo de um bebê. Assim, faz-se importante lembrar que as pessoas que estão na escola fazem parte do processo de identificação, pois as crianças se ligam a estes cuidadores e criam novas representações através deles. Em uma observação na creche, uma das bebês, quando colocada na cadeira de alimentação, começa a se balançar, e o colega ao lado a imita. Logo, os outros entram nessa brincadeira. Então, um deles começa a levantar e baixar a mesa da sua cadeira de comer, emitindo um barulho que tem um ritmo, uma música. Em segundos, todos os bebês já estão nessa brincadeira prazerosa.

O grupo se sensibilizou ao observar no berçário de outra educação infantil a seguinte cena: "Um bebê de pouco mais de um ano, ao ver uma outra bebê menor chorando, caminha até ela, e coloca em sua boca o bico que estava pendurado na sua roupa. Instantaneamente, a menina para de chorar e começa a sugar a sua chupeta". Através dessa cena, observamos que há inscrições de cuidado no psiquismo do primeiro bebê, que se movimenta na direção de ofertar o que pode satisfazer sua pequena colega. Bleichmar (1994) pontua que o bico difere, por exemplo, do dedo da criança, que faz parte do próprio corpo e está sempre acessível. Em tal medida, ao mesmo tempo que é um objeto autoerótico, apresenta características de um objeto externo, podendo ser perdido e reencontrado, sendo, como cita a autora, um "antecessor importante do objeto transicional".

Quando os bebês estão na educação infantil, nesse tempo de constituição, esse processo não se dá apenas na relação amorosa com os cuidadores primordiais, pois o cuidador/professor também ocupa essa função, e percebemos, através da cena descrita acima, que os pares também têm sua contribuição. Ou seja, ampliam-se as formas de relação subjetiva com cada bebê e seus cuidadores, sejam eles figuras parentais, familiares, babás ou funcionários de uma instituição escolar. Refletimos que, em todos os âmbitos, existirão dinâmicas subjetivas necessárias de referências de cuidado e de um ritmo que pressupõe inaugurar a presença simbólica do outro.

Nesses espaços coletivos, ocorre um registro social no psiquismo da criança, pois ela

vai se desenvolvendo através do contato com seus pares e de outros cuidadores que não seus familiares. Esses cuidadores deixam marcas, fazendo parte da construção de sua subjetividade e organização psíquica, influenciando a formação do sujeito. Dessa forma, a escola promove a humanização extramuros familiares. Logo, refletir o lugar das crianças na cultura é, sobretudo, compreender que a subjetividade dos infantes carrega uma marca social, também produto do ambiente escolar.

Diante disso, Oliveira, Donelli e Charczuk (2020) pontuam que o principal papel da família é desenvolver um lugar simbólico onde os bebês possam surgir como sujeitos. Educadoras e demais pessoas que se ocupam dos cuidados e educação da criança pequena também têm um papel subjetivador no desenvolvimento do infante, possibilitando à escola continuar praticando funções psíquicas, antes apenas vivenciadas no âmbito familiar. A autora salienta que o laço educadora-bebê necessita de uma disponibilidade inconsciente e de investimento libidinal da dupla, assim como quando na família. Dessa forma, torna-se importante dar atenção ao modo como o trabalho das educadoras da educação infantil vem sendo desenvolvido e, principalmente, qual a condição subjetivante presente no discurso que sustenta sua prática.

Assim, percebemos o investimento amoroso dos cuidadores que buscam assegurar o reconhecimento da singularidade dos bebês. Na observação em uma dinâmica familiar, a cuidadora dizia para o bebê de um mês: “A tua calça está muito pra cima, e tu não gosta assim, né, filha?”. Na escola, as cuidadoras: “Eu sei que tu gosta de mamar em silêncio”, “Eu dei o meu rim por essa banana! Ela só come banana, e hoje não é o dia da banana”, “Pode trazer o teu brinquedo para trocarmos a fralda”. Nesses exemplos, o bebê está sendo reconhecido em sua singularidade pelo outro que possui a capacidade de reconhecimento da alteridade.

As cuidadoras de uma das instituições em que foi realizada a observação relatam que diversos bebês chegam “sem rotina” na escola; ou seja, para esses bebês, é a escola que organiza essa constância necessária para que o bebê se estruture psiquicamente: “Esse aqui está dormindo tão tranquilo. A gente deu um banho nele antes de dormir. Um banho bem quentinho, aí ele relaxou. Ontem a gente conseguiu ir para a pracinha, eles suaram bastante e ele estava com uma calça bem justa. Aí hoje ele chegou com a mesma roupa, todo sujinho e bem resfriado. De manhã o nariz não parava e depois do banho parece que ele virou outra criança”. “Vamos colocar mais roupa, que esfriou e tu está com pouca roupa depois do banho.” Com o bebê no colo, ela abraça, beija e o leva para comer fruta.

Esse outro que despende os cuidados, que auxilia o sujeito do porvir a se organizar, é um sujeito constituído por sexualidade, portanto, possui desejos juntamente com sua condição egoica. Refletimos que a escola é apoio na cultura contemporânea para as famílias, propondo-se, para além do tempo em que o bebê está em casa, uma rotina para o sono, para o lanche, troca de fraldas, brincadeiras. Pensamos, por outro lado, que no espaço coletivo/institucional, no qual vários bebês são cuidados ao mesmo tempo e onde existem regras institucionais, a manutenção do autoconservativo, em alguns momentos, pode ser o que prevalece na dinâmica. Afinal, para que todos os bebês sejam alimentados antes que o lanche seja retirado da sala (uma regra observada), as professoras angustiadas, muitas vezes, acordam os bebês oferecendo a mamadeira, ou os colocam sentados, ainda sonolentos, nas cadeiras de alimentação para comerem no tempo coletivo. Além disso, também observamos que algumas experiências acabam sendo restringidas. Por exemplo, um bebê que brinca com a fruta não ganha mais, pois “só fez sujeira”, aos olhos das cuidadoras que precisam dar conta de mais de dez bebês ao mesmo tempo.

Dessa maneira, levantamos um ponto de tensionamento: o cuidado com a primeira infância, ao surgir como ofício laboral — quando um profissional está cuidando dos primórdios da constituição do sujeito e desempenha essa atividade para o seu sustento —, manter o desejo de cuidar em cena pode ser um desafio. Portanto, é importante que possamos estar atentos às marcas subjetivantes que se dão para além da família, tendo em vista que “estas

funções se multiplicam e se diluem nos diferentes personagens que fazem parte do cotidiano da criança” (Ferrari et al., 2012, p. 93).

Sendo assim, criar uma criança ou participar de sua criação é um ato político, visto que se contribui para o desenvolvimento de um novo ser no mundo. Imprime-se no pequeno infante muito do que foi inscrito no sujeito que exerce os cuidados primordiais, e assim vão se construindo as identificações e os traços culturais. Bleichmar (2005) salienta a diferença entre praticar uma ação política e ter informações necessárias para experienciar da forma mais consciente este ato. No que tange ao viver, a autora acredita que a sociedade está carente de reflexão acerca das condições humanas que o amparam. Assim, esperamos que esse texto contribua nesta direção.

Conforme vimos, os cuidadores profissionais desempenham papel crucial na organização psíquica da criança. É importante considerar, de forma a permitir que laços afetivos entre bebês e seus cuidadores/babás sejam constituídos, que esse cuidado não pode se limitar tão somente a uma rotina de tarefas, tendo em vista que a qualidade dessas relações impacta a constituição psíquica e a construção subjetiva da criança. Refletimos, embora não seja o propósito deste estudo, sobre as condições de trabalho desafiadoras, como salários e carga horária — situações que reverberam na disponibilidade/atenção do cuidado que os bebês recebem. A relação entre crianças, pais e cuidadores em tal sistema é complexa, carregada de implicações psíquicas, sociais e econômicas significativas. Poderíamos também ponderar sobre a qualidade e quantidade do tempo que os pais conseguem dispensar aos bebês quando a cultura capitalista lhes cobra o trabalho intenso.

Tais questões exigem que a sociedade, de modo responsável, esteja implicada com os modos como se organiza para os cuidados fundamentais com o início da vida. Assim sendo, citando Iaconelli (2023, p. 54): “A criança é uma questão que concerne a todos”. Posto isso, através dos diversos formatos de observação, seja no ambiente familiar ou dentro da escola, compreendemos a complexidade e a singularidade que diz da constituição de um sujeito psíquico. A organização subjetiva funda a capacidade de amar e o encontro de um outro, o que se dá nos movimentos intersubjetivos. Entendemos que, para além da manutenção de um núcleo familiar, pôde-se pensar e observar a criação de vínculos em que um adulto consegue olhar para esses bebês em diversos contextos sociais, em que o imprescindível compartilhamento afetivo e o desejo estejam em cena.

Conforme Silvia Bleichmar: “O outro está inscrito em nós, e isto é inevitável” (2005, p. 20), sendo inclusive condição para que o sujeito se instaure e possa se organizar psiquicamente. A partir do nascimento e do desamparo do início da vida, o outro é convocado a cuidar e, com isso, as tramas que o encontro possibilita viabilizam que o bebê se humanize.

REFERÊNCIAS

- BICK, Esther. Trabalho apresentado na Sociedade Psicanalítica Britânica em julho de 1963. *The International Journal of Psychoanalysis*, v. 45, n. 4, 1964.
- BLEICHMAR, Silvia. *La subjetividad en riesgo*. Buenos Aires: Topía, 2005.
- BLEICHMAR, Silvia. Primeiras inscrições, primeiras ligações. In: BLEICHMAR, Silvia (Org.). *A fundação do inconsciente: destinos de pulsão, destinos do sujeito*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 9-45.
- BLEICHMAR, Silvia. *Psicoanálisis extramuros*. Puesta a prueba frente a lo traumático. Buenos Aires: Entreideas, 2010.
- FERRARI, Andrea Gabriela; SILVA, Milena da Rosa; DONELLI, Tagma Schneider. A criança e seus pais: alguns interrogantes sobre as funções parentais na atualidade. *Revista aSEPHallus*, Rio de Janeiro, vol. VII, n. 14, maio a out. 2012. Disponível em: www.isepol.com/asephallus.
- FREUD, Sigmund. *Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 281-288. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 13).

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica. In: FREUD, Sigmund. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. p. 333-443. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 1).

FREUD, Sigmund. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: FREUD, Sigmund. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. p. 125-133. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 12).

IACONELLI, Vera. *Manifesto antimaternalista: psicanálise e políticas da reprodução*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

OLIVEIRA, Marcia Aparecida; DONELLI, Tagma Marina Schneider; CHARCZUK, Simone Bicca. Cuidar e educar: o sujeito em constituição e o papel do educador. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 24, p. e213679, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392020213679>.

Artigo enviado: 14 de fevereiro de 2025

Artigo aceito: 25 de fevereiro de 2025

PSICANÁLISE, DISTOPIA E UTOPIA: CONSTRUINDO UM FUTURO MAIS-QUE-PERFEITO COM SILVIA BLEICHMAR

PSYCHOANALYSIS, DYSTOPIA AND UTOPIA: BUILDING A FUTURE PERFECT WITH SILVIA BLEICHMAR

PSICOANÁLISIS, DISTOPÍA Y UTOPIA: CONSTRUYENDO UN FUTURO PLUSCUAMPERFECTO CON SILVIA BLEICHMAR

Gisele Senne de Moraes¹

Resumo: O artigo buscou destacar a relevância do campo afetivo para a formação do Eu, principalmente, assim como do Supereu, necessários à instauração da lógica do processo secundário, bem como do princípio de realidade. Tendo em vista as transformações na atualidade, de ordem econômica, política, ambiental e tecnológica, acompanhadas de expectativas quanto a um futuro distópico, algumas construções de Silvia Bleichmar foram retomadas, sobretudo aquelas relativas às condições da identificação, para pensar sobre a relevância do plano afetivo na formação do chamado pensamento “racional”, ou seja, aquele pautado pela lógica do processo secundário e sob o princípio de realidade.

Palavras-chave: Identificação. Eu (ego). Processo secundário. Princípio de realidade.

Abstract: The article sought to highlight the relevance of the affective dimension for the formation of the Ego, mainly, as well as of the Superego, both necessary for the establishment of the logic of the secondary process, as well as the principle of reality. In view of the current transformations, of an economic, political, environmental, and technological nature, accompanied by expectations regarding a dystopian future, some constructions by Silvia Bleichmar were revisited, especially those related to the conditions of identification, to reflect on the relevance of the affective dimension in the formation of so-called “rational” thought, that is, thought guided by the logic of the secondary process and by the principle of reality.

Keywords: Identification. Ego. Secondary process. Principle of reality.

Resumen: El artículo buscó resaltar la relevancia del campo afectivo para la formación del Yo principalmente, así como del Superyó, necesarios para el establecimiento de la lógica del proceso secundario, así como del principio de realidad. Ante las actuales transformaciones económicas, políticas, ambientales y tecnológicas, acompañadas de expectativas sobre un futuro distópico, algunas construcciones de Silvia Bleichmar fueron revisitadas, especialmente aquellas relativas a las condiciones de la identificación, para pensar sobre la relevancia del plano afectivo para la formación del pensamiento llamado “racional”, es decir, aquel guiado por la lógica del proceso secundario y bajo el principio de realidad.

Palabras clave: Identificación. Yo. Proceso secundario. Principio de realidad.

¹ Psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, doutora e mestre em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da USP, onde estudou a obra de Silvia Bleichmar. ORCID: 0000-0002-6578-4200. E-mail: gimoraes@uol.com.br

O pretérito mais-que-perfeito na língua portuguesa é o tempo verbal que indica o passado de um passado, ou seja, que algo aconteceu antes de outro evento ter ocorrido. E se houvesse um tempo verbal que indicasse o futuro do futuro, será que poderíamos denominá-lo de *futuro mais-que-perfeito*? O futuro do futuro é o que está sempre à frente, sempre além de nosso alcance, tal como o horizonte é para o espaço. O futuro do futuro só pode ser “materializado” na imaginação; seria tal como um destino temido do qual se foge ou como um sonho desejado — para si (uma vida melhor) ou para o mundo (uma utopia), por exemplo. O futuro do futuro pode nos guiar adiante ou nos paralisar, por medo ou pelo desejo de que algo se torne melhor; pode gerar angústia, assim como desejo por transcendência, por continuidade, por esperança.

O futuro distópico² ora vislumbrado se presentifica com as rápidas e aceleradas transformações na atualidade, impulsionadas pela recorrência de eventos climáticos extremos e por uma miríade de inovações tecnológicas que já foi capaz de transformar hábitos, cultura e o próprio sistema econômico que fomentou as duas frentes. Fala-se hoje em um *tecnofeudalismo* (Varoufakis, 2025) emergente das entranhas de um desgastado capitalismo. Fato é que o mundo que vivemos não é mais o mesmo da virada do século, em que o humano era um valor máximo defendido em diferentes correntes de pensamento. O termo *pós-humanismo* (Nayer, 2023) caminha nessa direção, designando ora um trans-humano, no qual a conjugação da biologia com a tecnologia transcenderia o meramente humano, ora questionando a superioridade do valor humano sobre as demais espécies³. De qualquer forma, penso que o pós-humanismo traz à baila os limites da humanidade e sugere aspiração por transcendência, mesmo que não sejamos nós, humanos, os herdeiros da Terra. Ora, não deixa de ser um acalanto saber que a vida floresceu por meio da abundante vegetação que invadiu a cidade de Chernobyl, esvaziada de humanos. É sempre bom lembrarmos que o futuro distópico que ameaça de extinção muitas espécies, inclusive a nossa, não ameaça necessariamente a presença de vida no planeta. Há futuro após a distopia? Sugiro que imaginemos um *futuro mais-que-perfeito*, uma utopia pós-distópica em que haverá humanos, tanto mais cientes de seus limites quanto mais respeitosos com essa esfera coabitada que chamamos de lar.

Quando tomei conhecimento do número da *Sig Revista*, que homenageia Sílvia Bleichmar, não consegui imaginar homenagem melhor do que esta: propor reflexões sobre o fazer psicanalítico tendo em vista as transformações anunciadas na atualidade, cujo ar distópico sentimos em nós e na clínica, indiferentemente de quais sejam as reações diante desse futuro já presente: negação, euforia, angústia paralisante, depressão, desesperança... Busco, para tal, posicionar em primeiro plano o aspecto que defendo ser o mais relevante no trabalho do psicanalista: aquele relacionado aos afetos, ao emocional. Isto porque entendo que este

² As expressões *utopia* e *distopia* são usadas aqui em sentido amplo, tal como apresentadas no dicionário Houaiss on-line (Houaiss, s.d.).

Sobre utopia, destaque os sentidos 1, 2 e 5 do dicionário em questão:

“1 lugar ou estado ideal, de completa felicidade e harmonia entre os indivíduos; [...]; 2 qualquer descrição imaginativa de uma sociedade ideal, fundamentada em leis justas e em instituições político-econômicas verdadeiramente comprometidas com o bem-estar da coletividade [...]; 5 [...] em sociólogos como Karl Mannheim (1893-1947) ou filósofos como Ernst Bloch (1885-1977), projeto alternativo de organização social capaz de indicar potencialidades realizáveis e concretas em uma determinada ordem política constituída, contribuindo desta maneira para sua transformação.”

Sobre distopia, o dicionário apresenta dois verbetes. Apresento abaixo o segundo:

“1 lugar ou estado imaginário em que se vive em condições de extrema opressão, desespero ou privação; [...] 1.1 qualquer representação ou descrição de uma organização social futura caracterizada por condições de vida insuportáveis, com o objetivo de criticar tendências da sociedade atual, ou parodiar utopias, alertando para os seus perigos [...]”

³ Dentre autores que escrevem (ou falam) sobre a humanidade na sociedade atual, bem como sobre transformações que poderão advir de avanços tecnológicos estão: Bruno Latour (*Diante de Gaia*, 2020), Byung-Chul Han (*Sociedade do cansaço*, 2017), Donna Haraway (*O manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*, 2009) e Yuval Noah Harari (podcast *Human evolution and AI Revolution*, 2024).

plano seja central à constituição do psiquismo e, como tal, à apreensão da realidade. Neste sentido, trata-se de fator decisivo para que nós, humanos, consigamos perceber os riscos que nos ameaçam e, assim, tenhamos condições de atuar sobre a realidade. Essencial, portanto, para que haja um futuro do futuro. Empreendo esse breve mergulho sobre a importância do plano emocional para a constituição psíquica e para a apreensão da realidade nos próximos parágrafos, com a ajuda de Freud, Ferenczi e, sobretudo, com o auxílio de Silvia Bleichmar.

Dessa forma, começo com o pensamento de Freud em *A negação* (2011a), uma vez que, nesse material, Freud sugere que a função de juízo contempla duas decisões: a de adjudicação (ou de atribuição) e a de existência na realidade, sendo a primeira precedente à segunda. O juízo de atribuição decide se algo é bom ou mau, podendo ser incorporado ou expulso, ao que Freud aproximou da “linguagem dos mais antigos impulsos — os orais”. Decide-se, assim, se algo deve estar dentro ou fora, uma vez que o Eu de prazer original introjeta tudo que é bom e exclui o mau. Mas há outra decisão na função de juízo, que diz se a coisa representada existe na realidade (externa, compartilhada). A existência na realidade é do interesse do Eu realidade definitivo, que “se desenvolve a partir do inicial Eu de prazer”. Ou seja, a primeira decisão tem como modelo os impulsos orais; somente depois o objeto representado passa pelo julgamento de realidade. Assim, o que está em jogo é se o que está representado pode ser reencontrado na realidade, não mais se algo pode ser acolhido ou não no Eu-de-prazer a partir de seu atributo de bom ou mau.

Se consideramos que o bom se relaciona com o que pode ser vivido satisfatoriamente e o mau com o que não satisfaz, depreende-se que a representação, para a psicanálise, não pode ser pensada desconectada do aspecto econômico, uma vez que prazer e desprazer estão em sua origem. Ou seja, a representação, para a psicanálise, é animada pela libido, pelas pulsões, pelos afetos, enfim, pela energia circulante no psiquismo... Penso que esta passagem abre a perspectiva de que o ato de conhecer depende do afetivo. De qualquer forma, para que uma percepção possa se tornar uma representação a ser reencontrada, é fundamental que seja aceita. Na clínica, tal compreensão nos ajuda, por exemplo, em casos de delírio paranoide. Por mais insano que seja o discurso dos pacientes, não nos cabe duvidar da verdade do relatado,⁴ o que não significa que não possamos — e devamos — colocar questionamentos. Rejeitar a percepção de um paciente sugere a dificuldade de compreensão de que algumas percepções não chegam a ser representadas como tal.

Apresento uma passagem de Ferenczi em *Contraindicações da técnica ativa* (2011), que entendo conversar com a passagem freudiana sobre a função de juízo no texto *A negação* (2011a). Vejamos:

Considerando sob o ângulo lógico-intelectual, tudo isso é de natureza “transcendente”. Ora, nós somos levados a substituir esse termo de ressonância mística por expressões como “transferência” ou “amor”, e a afirmar afoitamente que o conhecimento de uma parte da realidade, talvez a mais importante, não pode converter-se numa convicção pela via intelectual, mas somente *na medida em que ela estiver em conformidade com a vivência afetiva* [grifos do autor]. Apresso-me a acrescentar, a fim de não deixar triunfar por mais tempo os adversários do conhecimento e da ciência, que o conhecimento da importância do elemento emocional constitui em si mesmo um conhecimento e que, portanto, nada temos a temer quanto ao futuro da ciência. Sinto-me pessoalmente convertido ao positivismo freudiano e prefiro ver em vocês, que estão sentados diante de mim e me escutam, não representações de meu ego, mas seres reais com os quais posso identificar-me. *Sou incapaz de demonstrá-lo logicamente, mas, se, apesar de tudo, estou convencido disso, devo-o a um fator emocional* [grifos meus] — se assim quiserem —, à transferência (Ferenczi, 2011, p. 412)⁵.

⁴ Remeto à leitura do artigo “Três aspectos de Eros em Silvia Bleichmar” (Moraes; Coelho Jr., 2019).

⁵ Agradeço a Nelson Coelho Junior por mencionar esta passagem em apresentação online no GBPSF Convida, em 22/02/2025, evento organizado pelo Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi.

Destaco que, na citação, apesar de se posicionar a favor do positivismo freudiano, afastando riscos de se aproximar do místico, *o autor afirma que o próprio ato de conhecer uma parte da realidade dependeria de um fator emocional*. A convicção de que o que vemos existe no real, e não apenas em nós, constitui-se, afinal, a partir de fatores emocionais.

Silvia Bleichmar trouxe contribuições importantes se desejamos nos aprofundar na ideia de que a apreensão da realidade depende de fatores relativos ao emocional. No livro *En los orígenes del sujeto psíquico* (1986), a autora, ao retomar as noções de crença e de convicção delirante, afirma que o próprio Eu seria um sistema de crenças:

¿no es el yo un sistema de creencias acerca de sujeto y de los vínculos de este sujeto con el mundo? Entendida así, la creencia sería el modo fundamental con el cual la realidad se recubre, realidad dispersa y desorganizada antes de la constitución del yo, el cual, mediante los procesos descritos por Freud como de ligación e inhibición del estímulo, constituiría no sólo la sede de la creencia, sino que el sistema de creencias mismo sería el yo (Bleichmar, 1986, p. 154).

Ora, se o Eu pode ser pensado como um sistema de crenças sobre si e sobre o mundo, a possibilidade de que existam convicções acerca da existência de uma realidade compartilhada passa por sua formação, que é sustentada por fatores emocionais — condição necessária, mas não suficiente, como veremos adiante. Silvia Bleichmar trabalhou essas ideias em muitos momentos de sua obra. Busco apresentar, nos próximos parágrafos, a importância da formação do Eu, para que haja conjuntura à subsequente instituição do princípio de realidade e, conseqüentemente, para a apreensão de uma realidade compartilhada, fazendo um percurso dentro do pensamento da autora.

No seminário *La construcción del sujeto ético* proferido em 2006, Bleichmar (2016) fez articulações entre o Eu e a possibilidade de este entrar em contato com a realidade, destacando a existência de duas vertentes em Freud: uma em que a realidade se imporia na medida em que não haja mais possibilidade de a representação ser a resolução da tensão, tal como em *Formulaciones sobre los dos principios del funcionamiento psíquico* (2010b); e outra em que é necessário que algo se estabeleça para que a realidade não seja invadida por representações inscritas (alucinação), tal como em *Proyecto para una psicología científica* (1996). Assim, no primeiro texto mencionado, a insuficiência da alucinação primitiva como forma de resolução da tensão do organismo seria um importante precursor para a instalação do princípio de realidade. Freud, diz Bleichmar, estaria falando do autoconservativo, porque é a realidade da fome, da tensão do organismo, que não se resolve mais com a alucinação primitiva. Adicionalmente, a autora assinala que, na segunda tópica, a “realidade” seria a do temor relacionado à perda de uma parte valorizada do corpo, a partir do conceito de castração, mas esta já não seria mais do campo do autoconservativo, posto que relativa à autopreservação da imagem narcísica. Em *Proyecto para una psicología científica* (1996), por outro lado, o Eu seria condição para a própria apreensão da realidade, na medida em que é justamente o que se forma com o estabelecimento de conexões que freiam avanços de representações inscritas sobre a realidade. Apesar de o Eu, nesse modelo, não ter contato direto com a realidade (externa), relaciona-se com esta de forma indireta, na medida em que deixa a percepção livre para capturar a realidade ao frear o avanço da alucinação.⁶ Lembremos que percepção-consciência foi englobada pelo Eu na psicanálise, como podemos ler em *O eu e o id* (2011b).

Bleichmar também escreveu um texto especificamente sobre as formas como Id, Eu e Supereu se relacionam com a realidade, intitulado “Las formas de la realidad” (2009; originalmente publicado em 2002). Para a autora, o Eu seria a instância que mantém contato com

⁶ Bleichmar sugere que no princípio de realidade, em Freud, algo externo ao psiquismo tem a potencialidade de modificar ou postergar o desejo, neste sentido, seria tal como renúncias pulsionais.

a realidade por contar com a lógica do processo secundário, necessária para a apreensão da realidade. No entanto, a realidade, afirma, é infiltrada pela fantasia, uma vez que o Eu é uma massa ideativa sustentada libidinalmente. Isso implica que a relação sujeito-objeto, para a psicanálise, nunca seria imediata, pois é intermediada pelo campo do psíquico, pelas fantasias.

Contudo, foi no texto “Las condiciones de la identificación” (1995) que a psicanalista trabalhou de forma mais aprofundada com os movimentos que se fazem necessários para que um Eu se forme habitado por um sujeito. A autora introduziu o tema do artigo, a identificação, a partir da ambiguidade existente desde os primórdios de nosso campo entre o Eu percepção-consciência — Eu que percebe e conhece o mundo — e o Eu representação — Eu que é capaz de representar-se a si mesmo, tal como o Eu ideal, um Eu formado por identificações. O artigo buscou entrelaçar os fios entre os dois Eus e, entendendo, representa uma síntese de parte relevante de sua obra, posto que, desde seu primeiro livro, a questão vinha sendo entretida. Para Bleichmar, o Eu do narcisismo, formado por identificações, que é representacional, é quem garante a existência da lógica do processo secundário característico do Eu percepção-consciência. Assim:

De todos modos, sigue existiendo una dificultad en este punto en razón de que ese yo del narcisismo, constituido por identificaciones, es al mismo tiempo quien sostiene las condiciones de la lógica del proceso secundario: lógica, temporalidad, negación. El fracaso de estas últimas da cuenta del fracaso de la constitución del yo, o de su funcionamiento. Pero no ocurre, por el contrario, que sea el yo el único prerrequisito de su instalación. Indudablemente la temporalidad, la espacialidad, el tercero excluido no pueden pensarse sin una superficie de la psique que otorgue valor simbólico representacional a la “materia extensa” del cuerpo, y esta superficie es patrimonio del yo representación. Sin embargo, ella no es suficiente (Bleichmar, 1995, p. 203).

Ora, para que exista um sujeito capaz de conhecer a realidade externa-exterior, faz-se imprescindível que exista um Eu representacional. No entanto, trata-se de condição necessária, mas não suficiente, afirma a autora. Então, retomo a questão: quais seriam as condições para a instalação não apenas do processo secundário, com os requisitos que este envolve (lógica, negação, terceiro excluído, temporalidade), mas igualmente do princípio de realidade? No artigo mencionado, a autora trabalhou com a identificação, ou melhor, com identificações.

Dessa forma, Bleichmar, retomando Freud, destacou a existência de duas acepções para a identificação em psicanálise: *o identificar com* e *o identificar-se*. *O identificar com*, em Freud, seria um mecanismo psíquico relacionado à similitude, que está presente no trabalho dos sonhos ou na transferência, por exemplo. A similitude, diz Bleichmar, é o que permite que existam deslocamentos que enriquecem os investimentos libidinais. No entanto, a acepção predominante no pensamento freudiano seria o mecanismo psíquico do *identificar-se*, aquele descrito em *Luto e melancolia* (2010a), em que há incorporação de um ou mais atributos do objeto que modificam o sujeito.

Com relação propriamente às condições para a identificação, a primeira condição ou, nos termos da autora, a pré-condição para a identificação, é a identificação ontológica dos cuidadores, que identificam a criança como um ser humano. Além disso, identificam a criança como possuidora de determinadas características, tais como gênero, nome, atribuindo-lhe lugar na família e inserindo-a em determinada cultura. Vejamos nas palavras da autora:

La capacidad de la madre de establecer una “identificación” del hijo en el orden de lo humano, en el sentido transitivo, considerándolo como otro humano, establece las condiciones de la “identificación” en el niño. Esta apropiación ontológica, como la denominamos en otros textos es condición de verosimilitud, expresada en el sujeto psíquico como convicción respecto a su propia existencia humana (Bleichmar, 1995, p. 212).

Para que a criança se identifique com as propostas e demandas que lhe são ofertadas (que não se limitam à identificação como humano), é preciso que se estabeleça uma base amorosa na relação da criança com seus cuidadores. É justamente a partir desse ponto que entendendo que o pensamento de Bleichmar é ímpar. Explico-me melhor nos próximos parágrafos.

Antes de a criança poder identificar-se, ela identifica fragmentos sensoriais de experiências de satisfação com novas vivências de satisfação, indícios de prazer e desprazer inscritos, que vão sendo identificados uns com os outros e formam uma trama de inscrições sensoriais que constituem uma primeira vesícula continente, uma espécie de Eu corporal, condição primeira para que exista um dentro e um fora, necessária para pensarmos em incorporação e, conseqüentemente, no mecanismo de identificação no sentido do identificar-se. Quando há o feliz encontro entre o objeto indiciário de satisfação e o objeto total, a pulsão parcial se metonimiza em amor, afirma a autora. Mas, para que isso ocorra, é imprescindível que o cuidador seja um sujeito cindido pelo seu próprio recalque, enxergando a criança como um todo, não apenas como partes pulsionadas inconscientemente. Esse aspecto é fundamental. O que entendo existir de ímpar em Bleichmar aqui é a possibilidade de pensar em um Eu corporal que se relaciona com a sexualidade indiciária, a partir da articulação entre as sensorialidades excitante e apaziguadora, o que tende a ser deixado, muitas vezes, em um segundo plano por autores que trabalham com a questão da sensorialidade nos primeiros tempos de vida, que mostram a relação adulto-bebê de forma dessexualizada, exceto na existência de abusos ou excessos. Pensar com Bleichmar, assim, é lembrar que a relação cuidador-criança sempre está atravessada pela sexualidade (desejavelmente inconsciente) do adulto e, ao mesmo tempo, incluir a necessidade de que esse cuidador seja capaz de narcisizar a criança (enxergando-a como um todo, não fragmentada libidinalmente) ao lhe propiciar *holding*, o que permite a inscrição de marcas psíquicas apaziguadoras que irão constituir esse primeiro tecido de contenção, que é o entramado de base para a formação do Eu.

Adicionalmente, a formação de um Eu ideal requer que consideremos tanto esse entramado de base quanto o identificar-se com as demandas por renúncias pulsionais advindas de cuidadores. Não quaisquer cuidadores, como mencionado, mas aqueles que se tornam objeto de amor. Aqui temos outro aspecto singular da teorização de Bleichmar, uma vez que a identificação primária envolve também aspectos relacionados às exigências do outro sobre a criança — exigências que frequentemente são languageiras e que se relacionam à pautação do que a criança pode ou não fazer em termos de satisfação pulsional. Assim, a identificação primária em Bleichmar é indissociável do processo de recalque originário⁷ e da formação do inconsciente.

A criança que faz renúncias às satisfações pulsionais inicialmente as faz por amor ao outro, diz Bleichmar. Mas o amor ao outro passa a ser amor a si mesmo, autoestima, quando há identificação com as demandas do outro amado. Nesse modelo, há um reequilíbrio de forças com a formação do inconsciente, de tal maneira que pautações culturais são respeitadas ao mesmo tempo que desejos são realizados por meio de deslocamentos e condensações, ou seja, por intermédio da lógica do processo primário. O Eu, livre da sobrecarga do pulsional, pode investir em outros interesses e operar situado em um tempo e um espaço, já então com a lógica do processo secundário e habitado por um sujeito.

A identificação primária, a meu ver, fornece um centro de equilíbrio ao sujeito. O que não significa que tudo esteja garantido. Faltam à formação da tópica psíquica as identificações secundárias que constituem a consciência moral e os ideais de Eu, fundamentais à estruturação do Supereu. É um fator indispensável à aquisição de maior estabilidade psíquica: “La paradoja consiste en que un narcisismo que no está atravesado por el superyó, que no se constituye en narcisismo secundario, es un narcisismo del cual deviene un yo frágil,

⁷O recalque originário recalca o pulsional autoerótico nos termos propostos pela autora.

aun cuando su apariencia sea omnipotente” (Bleichmar, 1986, p. 126). Contudo, mesmo a reestruturação do psiquismo com as identificações secundárias não garante a inexistência de instabilidades, uma vez que o jogo de forças no psiquismo está sempre lá, sobretudo considerando que novas inscrições ou retranscrições, inclusive de intensidades, podem acontecer.

No capítulo do livro *En los orígenes del sujeto psíquico* (1986), do qual extraí a citação acerca de o Eu ser um sistema de crenças, Bleichmar trouxe elementos para pensarmos em um descolamento entre processo secundário e princípio de realidade, a partir de sua observação de que há formações inconscientes em crianças pequenas que frequentemente apresentam passagem à motricidade.⁸ O recalque originário promove uma cisão do psiquismo no sentido de diferenciar os primeiros internos-externos formados pelos representantes pulsionais. No entanto, o funcionamento psíquico normal (o princípio de realidade, sobretudo) não se estabelece em um só movimento.

Já no livro *La fundación de lo inconsciente* (1998), Bleichmar sugere que a diferenciação entre a realidade e a brincadeira na criança se assenta em uma espécie de certeza que esta possui sobre sua própria vitalidade, o que pode falhar em situações traumáticas, como desconexões parentais e vivências com cuidadores sádicos, por exemplo. É interessante apontar que tanto no caso apresentado no livro *En los orígenes del sujeto psíquico* (1986), o caso do adolescente Isaac, quanto no caso de *La fundación de lo inconsciente* (1998), o caso do menino Alberto, repetiu-se a percepção de ausência de lugar familiar aos pacientes.

Trouxe, ao longo do artigo, elementos para pensarmos sobre a relevância do plano afetivo no trabalho psicanalítico, seja na clínica com crianças ou com o infantil do adulto, seja em outras frentes.⁹ Ao fazê-lo, busquei igualmente promover questionamentos sobre como seria possível aceder a uma realidade externa-exterior sem a consideração de tal plano. Evidentemente, parto de uma premissa — se preferirem, de uma convicção —, de que existe uma realidade externa-exterior a nós mesmos, que é compartilhada e, ao menos parcialmente, cognoscível. Assim como de que os discursos sobre ameaças à nossa humanidade não são delírio meu, infelizmente.

As reflexões a partir de Freud e Ferenczi buscaram abrir caminho para a prioridade em levarmos em conta o fator “emocional” como fundamental ao campo psicanalítico, uma vez que não é possível considerarmos nem sequer a origem da representação no psiquismo dissociada da noção de prazer/desprazer. O plano dos afetos está sempre presente em nossos trabalhos, na clínica em consultório, on-line, no trabalho clínico ampliado, mas também em espaços onde a psicanálise contribui de outras formas.

Entendo que Bleichmar, ao ter abordado de maneira mais detalhada o que está envolvido na instauração da lógica do processo secundário e do princípio de realidade, trouxe considerável densidade ao tema. Assim, primeiramente, retomo a ideia de que a realidade nunca é acessada de forma imediata, porque sempre haverá psiquismo atravessado por fantasias. Adicionalmente, o Eu, na medida em que se constitui, é “instrumentalizado” para conhecer o mundo por meio da lógica do processo secundário. Contudo, faz-se premente que o princípio de realidade também esteja em funcionamento, impedindo o avanço das representações, das

⁸ A autora menciona sonhos de crianças pequenas, formações do inconsciente, em que a criança não sabe diferenciar o conteúdo dos sonhos do estado de vigília.

⁹ Destaco a experiência do Grupo de Trabalho e Pesquisa da Geração à Primeira Infância do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, que, criativamente, atua em três frentes junto a pessoas que estão em contato com a primeira infância: (a) em parceria do Sedes com o Programa Einstein na Comunidade Paraisópolis, ofertando atendimentos a grávidas e puérperas; (b) por meio do curso gratuito “Cuidadores de bebês: cuidando de quem cuida”, ofertando qualificação a cuidadores que trabalham com bebês e crianças pequenas (0-3); (c) por meio do trabalho de realização de escuta da coordenação e dos visitantes sociais do PIM (Primeira Infância Melhor) que atuam no município de Alvorada, no Rio Grande do Sul. Maiores informações disponíveis em: <https://sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?mpg=03.00.04>

fantasias, dos delírios ou das alucinações sobre o externo-exterior. Ora, todo esse processo envolve tanto identificações primárias quanto secundárias.

Retorno, neste ponto, ao “emocional”, ao afetivo, uma vez que o plano dos afetos é o chão das identificações e de todo o processo de formação do psiquismo humano. O erógeno e o amoroso têm que estar presentes tanto na identificação que o adulto oferta à criança quanto na formação da base erótico-amorosa fundamental às identificações primárias e secundárias. O amor também é necessário às renúncias pulsionais fundamentais ao processo de recalque e para sua contrapartida egoica. O ódio, afeto não abordado neste material, também é importante, ao possibilitar separações; contudo, sem equilíbrio amoroso, não há moderação da agressividade¹⁰. Enfim, amor, ódio, ciúmes, inveja, medo, vergonha, asco... fazem parte do palco dos sofrimentos e das alegrias envolvidos desde os primeiros tempos de vida até a formação do Supereu, quando a tópica psíquica se estabelece em maior complexidade. Entendo que nosso trabalho é sobre o afetivo, mesmo que usemos, sobretudo, palavras e linguagem. O afetivo é condição para a formação de nossa capacidade de melhor ler e respeitar não apenas o outro humano, mas o mundo todo à nossa volta.

REFERÊNCIAS

- BLEICHMAR, Silvia. Correlatividad entre represión originaria, identificación primaria y narcisismo primario. In: BLEICHMAR, Silvia. *Las teorías sexuales en psicoanálisis: qué permanece de ellas en la práctica actual*. Buenos Aires: Paidós, 2014. p. 337-61.
- BLEICHMAR, Silvia. De la autopreservación de sí mismo al cuidado del semejante. In: BLEICHMAR, Silvia. *La construcción del sujeto ético I*. Buenos Aires: Paidós, 2016. p. 171-94.
- BLEICHMAR, Silvia. *En los orígenes del sujeto psíquico*. Del mito a la historia. Buenos Aires: Amorrortu, 1986.
- BLEICHMAR, Silvia. *La fundación de lo inconsciente*. Destinos de pulsión, destinos del sujeto. Buenos Aires: Amorrortu, 1998.
- BLEICHMAR, Silvia. Las condiciones de la identificación. *Revista Asociación Escuela Argentina de Psicoterapia para Graduados*, Buenos Aires, n. 21, p. 201-219, 1995.
- BLEICHMAR, Silvia. Las formas de la realidad. In: BLEICHMAR, Silvia. *La subjetividad en riesgo*. Buenos Aires: Topía Editorial, 2009. p. 65-73.
- FERENCZI, Sándor. Contraindicações da técnica ativa. In: FERENCZI, Sándor. *Psicanálise III*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. p. 401-412 (Trabalho original publicado em 1926.)
- FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. In: FREUD, Sigmund. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp.375-376 (v. I). (Trabalho originalmente publicado em 1950 e escrito em 1895.)
- FREUD, S. Luto e melancolia. In: FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. pp.170-94. (Obras completas, v.12) (Texto originalmente publicado em 1915.)
- FREUD, S. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In: FREUD, Sigmund. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: (“O caso Schreber”)*, artigos sobre técnica e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. pp.13-121. (Obras completas, v.10) (Texto originalmente publicado em 1911.)
- FREUD, Sigmund. A negação. In: FREUD, Sigmund. *O eu e o id, “autobiografia” e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a. p. 275-282. (Obras completas, v. 16.) (Trabalho original publicado em 1925.)

¹⁰ Silvia Bleichmar usa a ideia de “moderação da agressividade” no mesmo sentido apresentado aqui em um dos encontros do seminário que foi publicado com o título *Las teorías sexuales en psicoanálisis: qué permanece de ellas en la práctica actual* (2014).

FREUD, Sigmund. O eu e o id. In: FREUD, Sigmund. *O eu e o id, "autobiografia" e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011b. p. 13-74. (Obras completas, v. 16.) (Trabalho original publicado em 1923.)

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2017.

HARAWAY, Donna. O manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HARARI, Yuval Noah. Human evolution and AI revolution. *IMF Podcasts*, out. 2024. Disponível em: <https://www.imf.org/en/News/Podcasts/All-Podcasts/2024/10/01/yuval-noah-harari>.

HOUAISS, Antônio. Distopia. In: *Dicionário Houaiss da língua portuguesa online*, [s.d.]. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/vopen/html/inicio.php/e86/distopia.

HOUAISS, Antônio. Utopia. In: *Dicionário Houaiss da língua portuguesa online*, [s.d.]. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/vopen/html/inicio.php/685/utopia.

LATOUR, Bruno. *Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza do Antropoceno*. São Paulo; Rio de Janeiro: Ubu, 2020.

MORAES, Gisele Senne; COELHO JR., Nelson Ernesto. Três aspectos de Eros com Silvia Bleichmar. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, SBPSP, v. 52, n. 97, p. 133-148, 2019.

NAYER, Pramod. K. Posthumanism. *Oxford Bibliographies*, fev. 2023. Disponível em: <https://www.oxfordbibliographies.com/display/document/obo-9780190221911/obo-9780190221911-0122.xml>.

VAROUFAKIS, Yanis. *Tecnofeudalismo: o que matou o capitalismo*. Campinas: Crítica, 2025.

Artigo enviado: 11 de março de 2025

Artigo aceito: 6 de abril de 2025

ENTRE A CULPA E O SILÊNCIO: A DEPRESSÃO A PARTIR DAS IDEIAS DE FERENCZI

BETWEEN GUILT AND SILENCE: DEPRESSION THROUGH FERENCZI'S IDEAS

ENTRE LA CULPA Y EL SILENCIO: LA DEPRESIÓN DESDE LAS IDEAS DE FERENCZI

Alexandre Patricio de Almeida¹

Resumo: Este artigo explora a depressão a partir da teoria do trauma de Sándor Ferenczi, com ênfase na identificação com o agressor. Utilizando o caso clínico de Fabiana, que sofreu negligência emocional na infância, analiso como a internalização de críticas e culpas maternas contribuiu para o desenvolvimento de estados depressivos na vida adulta. A noção de desmentido e o conceito de introjeção, comparados à incorporação de Abraham e Torok, ajudam a entender como Fabiana não conseguiu simbolizar seu sofrimento, resultando em uma “cripta” psíquica onde a dor emocional foi aprisionada, gerando um ciclo de autoagressão e desconexão emocional.

Palavras-chave: Depressão. Sándor Ferenczi. Trauma. Introjeção.

Abstract: This article explores depression through Sándor Ferenczi's trauma theory, focusing on the identification with the aggressor. Using the clinical case of Fabiana, who experienced emotional neglect in childhood, I analyze how the internalization of maternal criticism and blaming contributed to the development of depressive states in adulthood. The concept of denial and the notion of introjection, compared to Abraham and Torok's, incorporation, help explain how Fabiana failed to symbolize her suffering, creating a psychic “crypt” where emotional pain was trapped, leading to a cycle of self-aggression and emotional disconnection.

Keywords: Depression. Sándor Ferenczi. Trauma. Introjection.

Resumen: Este artículo explora la depresión desde la teoría del trauma de Sándor Ferenczi, centrándose en la identificación con el agresor. Utilizando el caso clínico de Fabiana, quien sufrió negligencia emocional en la infancia, analizo cómo la internalización de las críticas y culpas maternas contribuyó al desarrollo de estados depresivos en la adultez. El concepto de “desmentido” y la noción de introyección, comparadas con la incorporación de Abraham y Torok, ayudan a entender cómo Fabiana no pudo simbolizar su sufrimiento, creando una “cripta” psíquica donde el dolor emocional quedó atrapado, generando un ciclo de autoagresión y desconexión emocional.

Palabras clave: Depresión. Sándor Ferenczi. Trauma. Introyección.

¹ Psicanalista. Membro da International Winnicott Association. Mestre e doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Autor de diversos livros e artigos científicos. Finalista do Prêmio Jabuti, em 2023. Criador do podcast *Psicanálise de boteco*. Pesquisador de pós-doutorado, na PUC-SP. ORCID: 0000-0002-6429-8083. E-mail: alexandrepatriciodealmeida@yahoo.com.br

À GUIA DE INTRODUÇÃO

Neste artigo, investigo a etiologia e os sintomas da depressão a partir das ideias de Sándor Ferenczi, especialmente no que diz respeito à sua teoria do trauma e à sua ideia de identificação com o agressor. Aqui cabe um adendo importante: para a psiquiatria contemporânea, a depressão é definida como um transtorno mental caracterizado por sintomas persistentes que incluem humor deprimido, perda de interesse ou prazer, alterações no sono e apetite, fadiga, dificuldade de concentração e pensamentos de inutilidade ou culpa. O seu diagnóstico, em geral, é baseado em critérios estabelecidos, como os do DSM-5 ou CID-11, e é frequentemente associado a desequilíbrios neuroquímicos, predisposição genética e fatores ambientais. O seu tratamento combina abordagens psicofarmacológicas — como antidepressivos, ansiolíticos etc. — e psicoterapias (Almeida; Peron, 2022).

Nesse sentido, a depressão, como descrita pela psiquiatria, aproxima-se da melancolia — no âmbito psicanalítico — na medida em que ambas envolvem sofrimento psíquico intenso e questões relacionadas à perda, seja de objetos externos ou de ideais internos. No entanto, a leitura psicanalítica privilegia as dinâmicas do inconsciente, investigando os significados simbólicos e os processos intrapsíquicos que sustentam o estado melancólico, enquanto a psiquiatria tende a focar nos aspectos observáveis e neurobiológicos.

Devido aos sintomas apresentados pela paciente do relato clínico descrito a seguir e às particularidades envolvidas no tratamento, irei manter, neste artigo, o termo “depressão”. No decorrer do texto, exploro a noção de introjeção, um conceito essencial no pensamento ferencziano (Ferenczi, 2011d), e contrasto essa ideia com as teorias de Abraham e Torok (1995), que introduzem a diferença entre introjeção e incorporação. A incorporação, no contexto de um trauma psíquico — de acordo com estes autores —, ocorre quando o sujeito não consegue simbolizar adequadamente uma perda ou uma experiência dolorosa, criando uma espécie de “cripta” interna onde o trauma permanece enclausurado.

Além disso, o artigo problematiza a questão dos adoecimentos por *passivação* (Figueiredo; Coelho Junior, 2018), especialmente aqueles causados por traumas mais sutis, como a negligência emocional e a falta de reconhecimento afetivo. Esses traumas leves, muitas vezes menos visíveis, podem ter um impacto devastador no desenvolvimento psíquico. Explico melhor: ao internalizar a crítica e a rejeição materna, sem o apoio necessário para simbolizar tais experiências, a paciente em questão passou a reproduzir *internamente* o discurso do agressor, afastando-se cada vez mais de seu “verdadeiro self”.²

A CHEGADA DE FABIANA

Fabiana³ tinha 34 anos quando procurou análise pela terceira vez. Diferente das outras tentativas, em que abandonava o processo após algumas poucas sessões, agora ela vinha com

² Embora a linha teórica principal deste texto seja orientada pela perspectiva de Ferenczi, opto por empregar o conceito de “verdadeiro self”, desenvolvido por Winnicott (1960), frequentemente reconhecido como um dos principais herdeiros e continuadores do pensamento ferencziano. A escolha desse termo não é acidental, mas sim estratégica, considerando que ambos os autores, ainda que em estilos diferentes, compartilharam uma preocupação comum com os aspectos mais primordiais da experiência humana, especialmente no que diz respeito à autenticidade e à sobrevivência emocional diante de traumas. O conceito de verdadeiro self, tal como formulado por Winnicott, refere-se ao núcleo autêntico e vital do indivíduo, que emerge em um ambiente suficientemente bom, em que as necessidades emocionais básicas são reconhecidas e atendidas. Esse self é a base da espontaneidade, da criatividade e da sensação de estar vivo de maneira plena e verdadeira. Em contraste, o falso self surge como uma estrutura defensiva, erguida em resposta a demandas ambientais invasivas ou insuficientemente responsivas, que forçam o indivíduo a adaptar-se, sacrificando sua autenticidade para assegurar sua sobrevivência psíquica (Winnicott, 2022).

³ Nome fictício, assim como demais informações pessoais da paciente, adotados para garantir a preservação do sigilo ético.

o peso de uma depressão que, segundo suas palavras, “não se despedia”. Mãe de dois filhos, gerente de uma multinacional, casada com um homem “que não tinha nada de errado”, tudo parecia perfeito do lado de fora. Contudo, ela não encontrava forças para sair da cama. Sentia-se exausta ao acordar, e cada dia parecia uma repetição do anterior, com uma sensação de vazio que a acompanhava como uma sombra. “Não é tristeza”, dizia ela, “é como se eu estivesse apática, desconectada do mundo, sem saber para onde ir”.

Na quinta sessão, depois de algumas trocas sobre a sua rotina, ela contou de uma viagem recente que havia feito a Nova York. Tinha ido sozinha, pois se tratava de um presente do marido, para que ela “relaxasse um pouco”. Lá, em um café movimentado no meio de Manhattan, olhou para as luzes da cidade e sentiu uma profunda nostalgia de algo que não sabia nomear. “Eu deveria estar feliz”, refletia, “estava no coração do mundo, como dizem, mas tudo que sentia era uma vontade louca de desaparecer.” Essa viagem marcou, segundo ela, o início do que chamou de “descida ao abismo” — período em que, mesmo nas atividades mais simples, como escolher um livro ou tomar um café, sentia-se invisível.

Fabiana contou que, desde a infância, sentia-se diferente, mas não no sentido de singularidade, e sim como alguém que não pertencia a lugar algum. Além disso, tinha poucas lembranças da adolescência, um aspecto que logo me chamou a atenção. Filha única de uma mãe extremamente crítica, crescera sob a sombra de expectativas irrealizáveis. Suas lembranças infantis eram marcadas por um profundo sentimento de inadequação, como se qualquer falha fosse um atestado de incompetência pessoal. Fabiana recordava as cobranças constantes por boas notas, boa aparência e bom comportamento. “Eu era obrigada a ser perfeita”, desabafou com os olhos baixos. “Minha mãe dizia que o mundo não tinha espaço para erros, e eu acreditei nisso.”

Por volta da décima sessão, Fabiana parecia estar diferente. Os passos que antes hesitavam agora pareciam pesados, arrastados, como se o simples ato de atravessar a porta representasse uma batalha interna. Sentou-se no divã sem tirar o casaco, apesar do calor, e segurou a bolsa com força, como se ela pudesse protegê-la de algo que não estava ali, mas que claramente a consumia. Não falou por alguns minutos, mas também não parecia perdida no silêncio. Estava presente, porém presa em algo que não sabia se devia — ou podia — compartilhar.

De repente, sem aviso, as lágrimas vieram. Era um choro descontrolado, sufocado, quase sem som, como se estivesse acostumada a conter tudo dentro de si. “Eu não consigo mais”, ela disse, entre soluços. “Não sei se é o trabalho, meu casamento, meus filhos ou... se sou eu. Talvez seja eu. Talvez *eu seja* o problema.” Sua voz tremeu ao final da frase, como se aquelas palavras fossem densas demais para sair.

Eu quis dizer algo, mas era evidente que o silêncio, naquele momento, era o único espaço que ela precisava. Fabiana continuou a falar, agora encarando o chão, evitando qualquer contato visual. “Hoje de manhã, eu me sentei no carro para ir ao trabalho, mas não consegui girar a chave. Fiquei lá, olhando para o volante, pensando... por que eu deveria ir? Para fazer o que esperam de mim, para? Para ser quem eu nem sei mais quem é? Me sinto *morta por dentro*. Como se tudo em mim tivesse acabado, mas meu corpo continuasse aqui, funcionando no automático.”

Houve uma pausa longa, preenchida somente pelo som do choro que ainda escapava das suas palavras. Quando Fabiana finalmente levantou os olhos, havia um desespero nítido, quase palpável, que pairava sobre nós. “Eu me pergunto se você realmente pode me ajudar... ou se estou pedindo demais. Eu sinto que ninguém pode me alcançar onde estou agora. Nem mesmo você.”

Percebi, então, que Fabiana não estava apenas testando o processo ou a análise. Ela estava me testando. Testando se eu suportava ficar com ela naquele abismo, se eu podia encarar

o desespero sem me desviar. “Não acho que estou aqui para te salvar”, eu disse, sentindo que cada palavra precisava ser cuidadosamente escolhida. “Mas estou aqui para te acompanhar, mesmo que o caminho seja escuro. E, por mais que agora pareça impossível, não acho que você está sozinha nesse vazio.”

Ela me olhou por alguns segundos que pareceram uma eternidade, como se estivesse decidindo se acreditava em mim ou se fugiria. Então, simplesmente balançou a cabeça, murmurando um quase inaudível “tudo bem”. Naquele dia, Fabiana saiu com os olhos vermelhos e o rosto ainda marcado pelas lágrimas. Contudo, havia algo na sua postura — talvez o mínimo gesto de puxar o casaco para fora do corpo ao atravessar a porta — que indicava que ela estava, de alguma forma, disposta a tentar novamente.

Tomando como base a teoria de Sándor Ferenczi, Fabiana, a meu ver, apresentava o que ele chamou de “identificação com o agressor” (Ferenczi, 2011a). No caso dela, o agressor não praticava uma violência explícita, mas o ambiente intrusivo e esmagador que a impedia de ser quem ela era. Ou seja, Fabiana adaptou-se às exigências da mãe de forma passiva (Figueiredo; Coelho Junior, 2018), renunciando ao seu próprio desejo. Para sobreviver, ela internalizou essas expectativas como se fossem suas, criando uma falsa sensação de controle. Ela havia aprendido a suprimir suas necessidades para se adequar ao que os outros esperavam dela. Trata-se, pois, de um mecanismo típico de sobrevivência emocional diante de um contexto cuidador invasivo.

Aqui, podemos recorrer aos estudos ferenczianos sobre o *desmentido* (*Verleugnung*) para compreender melhor o sofrimento de Fabiana. Ferenczi (2011a) descreve o *desmentido* como uma forma de violência psíquica exercida sobre o sujeito, quando suas experiências emocionais são negadas ou invalidadas pelas figuras de autoridade em sua vida. No caso da minha paciente, como salientei, essa violência não era explícita, mas se manifestava de maneira sutil, nas exigências da mãe que, ao negar a possibilidade de erro, negava também a humanidade e as limitações da filha. Fabiana foi forçada, desde pequena, a ocupar um lugar de perfeição inatingível, enquanto suas falhas, medos e fraquezas eram desmentidos, apagados pela narrativa rígida imposta pela mãe.

Diante disso, suas experiências emocionais eram sistematicamente substituídas por uma fachada de sucesso e eficiência, construída para atender às demandas maternas. Todavia, como Ferenczi aponta, o *desmentido* tem um efeito devastador sobre o sujeito: cria uma fissura entre a realidade emocional interna e o mundo externo, gerando uma cisão no psiquismo que impede a integração das vivências dolorosas. No caso de Fabiana, isso resultou em uma desconexão entre o que sentia e o que lhe era permitido expressar.

Sua depressão pode ser vista, a partir dessa leitura, como um colapso dessa fachada; isto é, uma consequência direta de anos dessa clivagem psíquica — desse funcionamento aos “trancos e barrancos”. O vazio que a consumia, essa apatia que ela própria descrevia como “não tristeza”, simbolizava o reflexo de uma vida que nunca havia sido plenamente vivida.

Seguindo nessa direção, irei me concentrar, aqui, em uma forma de violência mais sutil, que é menos abordada nos estudos tradicionais sobre Ferenczi: aquela que se manifesta nas interações cotidianas, nas “microviolências”, por assim dizer, emocionais e psíquicas que, embora menos visíveis, deixam marcas profundas no desenvolvimento do sujeito. Ao contrário da violência explícita ou do trauma em sua forma clássica, esse tipo de agressão se oculta sob uma aparente normalidade, frequentemente praticada por figuras de autoridade — como pais ou cuidadores. Ao invalidar as emoções e experiências do indivíduo, esses agentes minam a capacidade de integração do Eu, gerando uma ruptura no processo de construção da identidade e da autenticidade emocional.

REVISITANDO A TEORIA DO TRAUMA EM FERENCZI

o que é mais forte
que um coração humano
que se despedaça uma e outra vez
e continua vivendo
(Kaur, 2018)

Ferenczi (2011a), em seus estudos sobre o trauma, introduz a ideia de que, frente a uma situação de violência extrema, especialmente em contextos de abuso sexual, a criança é devastada psiquicamente. Incapaz de compreender ou lidar com o que está acontecendo, e muitas vezes sem ter como se defender, ela recorre a mecanismos inconscientes para sobreviver emocionalmente. Um dos principais mecanismos que o autor descreve é a *identificação com o agressor*. Trata-se de uma defesa na qual a criança, ao não poder se rebelar ou lutar, passa a adotar a perspectiva do abusador, internalizando suas ações. Na tentativa bem-sucedida de sistematizar o pensamento de Ferenczi, Daniel Kupermann (2019) nos apresenta o seguinte resumo:

1) a violação cometida pelo adulto *agressor* remete a criança ao *tempo do indizível*, primeiro tempo do trauma, que lhe provoca dor/angústia traumática; 2) o gesto da criança em direção a outro adulto confiável capaz de auxiliá-la a simbolizar a *dor* promovida pela violação caracteriza o segundo tempo do trauma, o tempo do testemunho, decisivo para a consecução do evento; 3) finalmente, a *Verleugnung* perpetrada pelo *segundo* adulto, que acarreta o fracasso do testemunho da criança, caracteriza o tempo do desmentido, completando o círculo vicioso da traumatogênese. A criança padece então da *agonia* insuportável e recorre à *desautorização* por meio da *identificação com seu agressor*, que promove a incorporação da culpa pela catástrofe sofrida, negando as evidências e contradizendo suas próprias percepções (Kupermann, 2019, p. 65, grifos originais e números acrescidos por mim).

A identificação com o agressor, portanto, não é uma escolha consciente, mas uma estratégia de sobrevivência emocional. Quando o ambiente externo se torna ameaçador demais, especialmente em situações em que o agressor é uma figura próxima ou até mesmo familiar, a criança perde a capacidade de distinguir sua própria identidade da do agressor. O trauma externo é transformado em algo internalizado. O que ocorre, de maneira paradoxal, é que a criança neutraliza o agressor ao se identificar com ele, mas esse movimento a leva a uma perda significativa de si mesma, uma vez que ela começa a operar por meio dos desejos e ações do outro, e não mais a partir dos seus próprios impulsos.

A identificação com o agressor envolve não apenas a aceitação passiva do abuso, mas também a adoção da *lógica do agressor*. A criança, desamparada, passa a ver o mundo a partir dos olhos do abusador, negando seus próprios sentimentos em favor de uma “harmonia” ilusória com o agressor. Esse processo gera uma cisão no psiquismo: de um lado, está uma parte do Eu (mais sensível) da criança — que é reprimida —, e, do outro, está a parte do Eu (mais racional) adaptado ao agressor, que passa, então, a dominar o psiquismo. Nesse cenário, o sujeito aprende a suprimir suas próprias necessidades, e a violência que sofreu é incorporada como parte de sua estrutura emocional. Nas palavras do autor húngaro: “Se a criança se recupera de tal agressão, ficará sentindo [...] uma enorme confusão; a bem dizer já está dividida, ao mesmo tempo inocente e culpada” (Ferenczi, 2011a, p. 117).

Em síntese, quando o infante se submete ao desejo do agressor, ele acaba desconectando-se de si mesmo, e passa “a *identificar-se totalmente com o agressor*” (Ferenczi, 2011a, p. 117, grifos do autor). Por meio da identificação, o agressor deixa de ser uma ameaça externa e é *introjetado*, passando a habitar o mundo interno da criança como uma figura psíquica. “Por identificação, digamos, por *introjeção do agressor*, este desaparece enquanto realidade exterior, e torna-se intrapsíquico” (Ferenczi, 2011a, p. 117, grifos meus).

Segundo Ferenczi (2011a), o adulto que abusa da criança muitas vezes experimenta uma culpa inconsciente, decorrente do mal infligido. No entanto, incapaz de lidar com esse sentimento, o agressor nega ou suprime a culpa em si mesmo. Tal dinâmica faz com que a culpa seja projetada para fora, e a criança, vulnerável e desprotegida, acaba “absorvendo” essa responsabilidade como se fosse sua. A culpa do adulto, então, é introjetada de forma patológica, tornando-se parte da estrutura emocional da criança.

Vale salientar que essa sobrecarga internalizada não pertence originalmente à vítima, mas ao agressor, que a “deposita” no psiquismo infantil. A introjeção da culpa do agressor funciona como um elemento corrosivo dentro do psiquismo, distorcendo a percepção de si mesmo e reforçando a ideia de que o sujeito, de alguma forma, é responsável pela violência que sofreu. Nas palavras de Ferenczi:

Se a criança se recupera de tal agressão, ficará sentindo, no entanto, uma enorme confusão; a bem dizer, já está dividida, ao mesmo tempo inocente e culpada, e sua confiança no testemunho de seus próprios sentidos está desfeita. Some-se a isso o comportamento grosseiro do adulto, ainda mais irritado e atormentado pelo remorso, o que torna a criança ainda mais profundamente consciente de sua falta e ainda mais envergonhada. Quase sempre, o agressor comporta-se como se nada tivesse acontecido e consola-se com a ideia: “Oh, é apenas uma criança, ainda não sabe nada dessas coisas e acabará esquecendo tudo isso” (Ferenczi, 2011a, p. 117).

O resultado desse fenômeno é uma profunda desorganização psíquica. A criança, ao se identificar e introjetar o agressor, perde contato com suas emoções genuínas e passa a operar sob uma lógica de submissão e autossilenciamento. Isso pode se manifestar mais tarde em comportamentos autodestrutivos, dificuldades de estabelecer relações saudáveis e uma sensação de desamparo constante. *Grosso modo*, a introjeção do agressor não apenas perpetua o trauma, mas o cristaliza no psiquismo da criança, impedindo-a de se libertar da violência que sofreu.

Sobre a inscrição do evento traumático, Gondar (2017) afirma: “Quando o fato real invade o plano psíquico — como no caso do abuso —, não é possível haver recalque, já que o ocorrido ultrapassa qualquer possibilidade de inscrição psíquica” (p. 95). Nesses casos, o Eu se divide em duas partes que se mantêm desconectadas: um Eu que sabe e um Eu que sente. Essas duas instâncias, porém, não se comunicam, devido ao mecanismo de cisão. Logo, o Eu que interage com o mundo exterior permanece anestesiado, o que pode provocar um amadurecimento precoce, como no exemplo utilizado por Ferenczi: “Pensa-se nos frutos que ficam maduros e saborosos depressa demais, quando o bico de um pássaro os fere, e na maturidade apressada de um fruto bichado” (2011a, p. 104).

Por outro lado, o Eu que sente se afasta do mundo externo, numa tentativa de proteger a criança que foi psiquicamente destruída pelo trauma. Essa cisão funciona como uma defesa para evitar que o sujeito sucumba à dor e à desorganização causadas pela violência imposta de fora (Ferenczi, 1990). Com efeito, “a criança, para se proteger, sai de si mesma, toma distância de si própria e de seu entorno, como se observasse tudo o que acontece de muito longe, ‘lá de cima’, ‘como num filme’” (Gondar, 2017, p. 95). Ferenczi, em seu *Diário clínico* (1990), denomina essa parte preservada e observadora de “orpha”⁴ — trata-se de uma metáfora, usada pelo autor, para se referir à instância psíquica que cuida e vigia.

⁴ *Orpha* é um conceito introduzido por Sándor Ferenczi em seu *Diário clínico* (1990), no qual ele descreve uma parte da psique que permanece intacta e observa os acontecimentos traumáticos à distância, como uma forma de defesa diante da devastação psíquica. O termo *orpha* vem do grego *orphos*, que significa “escuro” ou “sombrio”, e representa uma entidade que observa, mas não participa ativamente do trauma, permanecendo preservada e à espera de ser reintegrada. Ferenczi utiliza essa metáfora para descrever uma “testemunha interna” que protege a criança de colapsar completamente, mantendo uma espécie de vigilância sobre a fragmentação psíquica.

Um exemplo desse fenômeno pode ser observado no caso de Fabiana. Lembremos que, sob a camada de sucesso aparente, existia uma mulher emocionalmente paralisada, desconectada de seus sentimentos mais intensos (e conflituosos). Ao relatar o que sentiu em Nova York, ela afirmou: “Eu deveria estar feliz, mas só queria desaparecer”. Esse sentimento trouxe à tona uma parte de si que parecia adormecida há anos, possivelmente em virtude de uma vivência traumática não elaborada.

Ferenczi (1990) argumenta ainda que, em situações de trauma, essa desconexão entre o Eu que sabe e o Eu que sente cria um vazio psíquico. Fabiana, em sua vida adulta, estava funcional e bem-sucedida — o Eu que sabe —, mas emocionalmente estagnada, incapaz de acessar seus sentimentos autênticos — o Eu que sente. A dissociação entre essas partes permitiu que ela se protegesse da dor insuportável do trauma; porém, ao mesmo tempo, bloqueou o contato com suas emoções mais íntimas, deixando-a num estado de apatia. É importante destacar que essa parte preservada, chamada “orpha”, mantém-se à distância, observando a vida do indivíduo sem se envolver ativamente, como uma espectadora que assiste a um filme da própria existência. Cito o autor húngaro:

Algo semelhante no caso seguinte: uma criança é atingida por uma agressão inevitável, consequência: ela “entrega sua alma” com a convicção de que esse abandono total de si mesma (desmaio) significa a morte. [...] Aquele que “entregou a alma” sobrevive, portanto, corporalmente à “morte” e começa a reviver com uma parte de sua energia; a própria unidade com a personalidade pré-traumática é assim estabelecida com êxito, é verdade que acompanhada, na maioria das vezes, *de perda da memória e amnésia retroativa, de duração variável*. Mas, justamente, esse fragmento amnesiado é, de fato, uma parte da pessoa que ainda está “morta”, ou que se encontra continuamente na agonia da angústia (Ferenczi, 1990, p. 73, grifos meus).

Ao revisitar algumas memórias de sua infância, Fabiana começou a identificar o que havia ficado adormecido. Ela recordou episódios de abandono emocional, especialmente relacionados à pressão materna para ser perfeita. Embora esses eventos não tivessem sido reconhecidos como traumáticos, a violência psíquica estava lá, disfarçada sob a superfície de uma educação rigorosa — perpetrada, inclusive, pela ausência do seu pai. Ferenczi nos ajuda a entender que, mesmo em contextos em que a violência não é física, mas emocional e psicológica, o trauma pode ser devastador.

Podemos supor que algumas experiências da juventude de Fabiana foram relegadas ao esquecimento como uma defesa contra uma realidade insuportável — eventos que, devido à intensidade do sofrimento, não puderam ser processados psiquicamente. Sua recente viagem despertou sentimentos de solidão e desamparo, provavelmente adormecidos desde a infância, revelando agonias que, de maneira inconsciente, ela buscou esquecer. O abandono emocional e a sensação de inadequação, especialmente associados à relação crítica com sua mãe, retornaram de forma avassaladora, reacendendo uma dor que Fabiana há muito tentava reprimir.

Curiosamente ou não, Ferenczi (1990) também nos apresenta a ideia de “solidão traumática”: um sentimento esmagador que surge quando alguém, em situação de desamparo, vivencia um trauma emocional sem qualquer forma de suporte externo. Em seu *Diário clínico*, o nosso autor discutiu as implicações da solidão traumática no desenvolvimento psíquico, especialmente nos casos em que o indivíduo sente que não há qualquer possibilidade de ser compreendido ou apoiado por outros. Segundo ele, essa sensação de abandono absoluto é “insuportável”, no sentido de que a pessoa só pode continuar a viver deformando a realidade interna ou externa: “[...] uma solidão realmente total e absoluta, em que não existe sequer a esperança de ser compreendido e ajudado pelo mundo exterior, é insuportável” (Ferenczi, 1990, p. 239). Vejamos:

O ser que fica só deve ajudar-se a si mesmo e, para esse efeito, clivar-se naquele que ajuda e naquele que é ajudado. Somente quando a confiança foi conquistada, e essa auto-assistência, essa auto-observação, esse controle de si mesmo (tudo isso inimigo da associação livre) abandonados [...] é que os estados de outrora, experimentados quando da solidão completa após o trauma, podem ser profundamente sentidos (Ferenczi, 1990, p. 240).

Ferenczi (1990; 2011a), conforme a síntese proposta por Kupermann (2019), identificou cinco princípios fundamentais que o analista deve seguir para garantir a segurança emocional do paciente traumatizado: (1) sinceridade; (2) acreditar na veracidade da narrativa do paciente; (3) reafirmar a inocência do paciente; (4) compreender os sentimentos ambivalentes em relação aos agressores; e (5) assegurar que o comportamento do agressor não será repetido na relação terapêutica.

Simultâneo a isso, ele também afirma que um sujeito que se defende de traumas, através de clivagens psíquicas, carrega uma dor tão insuportável que acaba “marcado por traços neuróticos e acaba soçobrando ainda mais profundamente no não-ser ou na vontade de não ser” (Ferenczi, 1990, p. 74). É possível associar tal descrição à tendência de Fabiana de se sentir cada vez mais distante de si mesma, como se estivesse se desconectando da própria vida.

Essa vivência de não ser, tão característica dos quadros depressivos graves, é muitas vezes alimentada por uma desesperança que aniquila a alma. No caso de Fabiana, a sensação de vazio era contínua, sem perspectiva de alívio ou respiro emocional. Ferenczi, no texto *Reflexões sobre o trauma* (2011c), publicado postumamente, em 1934, aponta que o trauma não elaborado e suas consequências psíquicas levam o sujeito a uma espécie de morte emocional, em que o Eu legítimo (mais sensível e ligado aos afetos) é esmagado pelo peso do sofrimento. Fabiana sentia que a dor era implacável, e qualquer tentativa de encontrar sentido ou alívio parecia frustrada pela constatação de que o desconforto voltaria, cada vez mais forte.

Outro aspecto a ser considerado é que Fabiana, assim como muitos sujeitos traumatizados, carregava uma identificação com as figuras parentais que também foram fontes de sofrimento. Embora sua mãe não tenha sido uma agressora ativa no sentido convencional, sua negligência afetiva, exigências exageradas e críticas constantes atuaram como uma forma sutil de agressão passiva. Essa atitude materna, especialmente durante a infância, pode ter sido introjetada por Fabiana como uma forma de autoagressão psíquica (Almeida; Peron, 2022).

Dito de outro modo, ela vivia um grande conflito: por um lado, havia uma parte de si que buscava ser perfeita, atender às expectativas impostas pela mãe, enquanto outra parte, mais vulnerável e negligenciada, sofria em silêncio. Essa dinâmica se assemelha ao que Ferenczi (2011a) descreve como uma cisão entre o Eu que sabe e o Eu que sente. O Eu de Fabiana, que sabia o que era esperado dela, cresceu rápido demais, adaptando-se às pressões externas, enquanto seu Eu que sentia, aquele mais vulnerável, foi deixado para trás, isolado e sem voz. No seu *Diário clínico*, nosso autor fornece uma definição mais abrangente da situação traumática:

“Comoção”, reação a uma excitação externa ou interna num modo mais autoplástico (que modifica o eu) do que aloplástico (que modifica a excitação). Essa neoformação do Eu é impossível sem uma prévia destruição parcial ou total, ou sem dissolução do Eu precedente. Um novo ego não pode ser formado a partir do ego precedente, mas a partir de *fragmentos*, produtos mais ou menos elementares de decomposição deste último. (Explosão, pulverização, atomização.) (Ferenczi, 1990, p. 227, grifos originais).

Não à toa, essa desconexão, agravada pela introjeção da culpa e da crítica materna, parece ter deixado Fabiana presa em um ciclo de autossabotagem, aproximando-se do “não ser”; ou seja, ela estava “presa” em um estado de existência fragmentada e marcada pela falta

de conexão com suas próprias emoções. Como Ferenczi (2011a) indica, a identificação com o agressor pode ter efeitos devastadores na subjetividade, e, no caso de Fabiana, o agressor não era uma figura externa violenta, mas a crítica constante e a negligência afetiva que se tornaram parte do seu mundo interno, corroendo lentamente sua capacidade de sentir e de ser. Antes de prosseguir com a discussão deste caso clínico, gostaria de retomar outros sentidos atribuídos à noção de introjeção, ampliando a compreensão desse conceito na obra de Ferenczi e em outros autores que seguiram essa linha de pensamento.

OUTROS SENTIDOS PARA A INTROJEÇÃO

A introjeção, no léxico psicanalítico, refere-se à maneira como o sujeito internaliza as experiências e as relações com os objetos externos, tornando-as parte de seu mundo interno. Ferenczi (2011d), em sua formulação original, descreve a introjeção como um processo natural e saudável do desenvolvimento, permitindo que o sujeito integre suas vivências de maneira simbólica e crie um sentido de continuidade entre o mundo interno e o externo.

Porém, quando a introjeção não ocorre adequadamente — especialmente em contextos de trauma —, a internalização transforma-se em um processo patológico. Nesses casos, em vez de elaborar a experiência dolorosa, o sujeito “engole” a experiência sem mastigá-la, sem transformá-la em algo simbolizável. Isso leva, segundo as ideias de Abraham e Torok (1995), à criação de uma “cripta psíquica”; ou seja, um espaço onde o trauma permanece enclausurado, sem acesso consciente, que continua influenciando a vida emocional e relacional da pessoa.

Nesse sentido, Abraham e Torok (1995) diferenciam *introjeção* de *incorporação*, propondo que, quando o trauma não pode ser simbolizado, o sujeito o incorpora, criando fantasias inconscientes que vivem separadamente da psique consciente. Com efeito, o indivíduo age como se o trauma não tivesse ocorrido, como se não houvesse nada a ser processado, o que gera um descompasso entre suas vivências emocionais e seu comportamento no mundo. Esse descompasso, muitas vezes, manifesta-se em sintomas neuróticos, em depressão ou, como Ferenczi propôs, na identificação com o agressor.

No caso de Fabiana, vemos claramente como essa falha na introjeção — no sentido atribuído por Ferenczi, em 1909 — pode ser devastadora. Ela incorporou as críticas e a falta de afeto, construindo uma identidade baseada em uma culpa que não lhe pertencia. O trauma de não ser amada ou reconhecida foi “engolido”, nunca elaborado, gerando sintomas depressivos e uma desconexão com suas próprias emoções.

Assim, ao retomarmos o conceito de introjeção, a partir de Abraham e Torok (1995), fica claro que ele não se refere apenas à capacidade de internalizar experiências, mas também ao modo como o sujeito pode falhar em transformar essas vivências em algo simbólico. A falha desse mecanismo resulta em uma introjeção interrompida, que se aproxima da incorporação, levando à criação de um espaço psíquico isolado onde o trauma permanece inacessível e indizível.

Por outro lado, a introjeção (Ferenczi, 2011d) refere-se ao processo de interiorização de relações predominantemente libidinais. Abraham e Torok explicam que ela começa logo após o nascimento, com a experiência de vazio da boca, inicialmente expresso em gritos e choros, e depois preenchido pela linguagem. “Aprender a preencher com palavras o vazio da boca é um primeiro paradigma da introjeção” (Abraham; Torok, 1995, p. 246). Esse fenômeno, no entanto, só pode ocorrer com a assistência de uma figura madura, que possua o recurso da linguagem.

A identificação com o agressor, descrita por Ferenczi (2011a), e a identificação melancólica, trabalhada por Freud (2010b), são exemplos de dinâmicas que envolvem a incorporação, evidenciando a falha da introjeção. Enquanto a *incorporação* cria uma cripta no

psiquismo, em que o trauma permanece enclausurado, a introjeção permite a simbolização da experiência, levando ao processo de luto e à expansão do ego. Nas palavras de Ferenczi:

Podem objetar-me que a extensão da esfera de interesses, a identificação do “ego” com numerosas pessoas ou mesmo com a humanidade inteira, a receptividade às estimulações externas, são qualidades compartilhadas também pelos indivíduos normais, inclusive seres da elite, e que a introjeção não pode, portanto, ser considerada um processo psíquico característico dos neuróticos. Responderemos que, segundo a doutrina psicanalítica, não existe diferença fundamental entre “normalidade” e neurose. Sabemos, graças a Freud, que as “neuroses não possuem conteúdo psíquico característico, específico exclusivo” (Ferenczi, 2011d, p. 99).

Não obstante, a incorporação pode ser vista em situações de abuso sexual infantil, em que a criança, ao não receber reconhecimento e apoio por parte dos agentes cuidadores, vê-se envolvida no *desmentido*. Em tais circunstâncias, o adulto nega a realidade do trauma vivido pela criança, invalidando seu relato e percepção. “Isso é um trauma que não pode ser simbolizado: ele atravessa o ego de ponta a ponta como um enclave” (Cintra, 2018, p. 86).

O desmentido, nesse contexto, não é apenas uma negação do evento traumático, mas uma negação da própria condição de sujeito da criança. O trauma fica aprisionado na “cripta”, que o mantém encapsulado, preservando a vivência dolorosa em um lugar encarcerado na psique, no qual o segredo é transmitido silenciosamente, de geração em geração. Nas palavras de Berenstein: “A cripta guarda o trauma e conserva a situação vivida através de uma clivagem do eu. Assim, transmite-se o segredo, a proibição de falar. O sujeito carrega algo, um silêncio ruidoso. Uma cripta é transmitida [de uma geração à outra] apesar das palavras, na ausência delas” (2018, n.p.).

Teresa Pinheiro (2016) ressalta a importância do conceito de introjeção para reavaliar a noção de narcisismo proposta por Freud (2010a), destacando que Ferenczi considera a introjeção como um fenômeno primitivo e essencial. Para o autor húngaro, esse processo ocorre quando o ego do bebê se adapta às demandas do mundo externo, formando as primeiras relações de amor e ódio objetal. Dito de outra forma, o recém-nascido, ao internalizar aspectos inevitáveis da realidade, atinge um grau inicial de maturação psíquica.

Em seu ensaio *O conceito de introjeção* (2011b), Ferenczi descreve a introjeção como a ampliação do interesse autoerótico do ego para incluir objetos externos. Ele explica que o amor objetal, seja em indivíduos saudáveis ou neuróticos, representa uma extensão do ego. Em última análise, amar é incorporar o outro ao ego, fundindo os objetos amados ao próprio ser, e este movimento é o que caracteriza a introjeção.

Assim, a introjeção em Ferenczi (2011b) implica simultaneamente um investimento objetal e uma identificação narcísica, sendo um processo primário organizador do psiquismo e, ao mesmo tempo, defensivo. Esse mecanismo ajuda a suavizar a dor causada por desejos frustrados, garantindo maior posse simbólica do objeto amado, ao torná-lo parte do próprio ego. Freud apoiou-se nessa ideia para desenvolver a teoria apresentada em *Luto e melancolia* (2010b), em que ele explora a identificação narcísica que ocorre quando o ego incorpora o objeto perdido, transferindo para si o ódio originalmente dirigido a esse objeto.

Mezan (1996) esclarece que, para Ferenczi, a introjeção não é simplesmente “trazer algo para dentro”. Trata-se de um movimento que parte de dentro para fora, no qual o ego se expande para “abraçar” os objetos, dilatando-se para incluí-los, em vez de simplesmente assimilá-los.

Portanto, a compreensão dos conceitos de introjeção e incorporação nos permite analisar, de forma mais efetiva, os mecanismos de defesa envolvidos nos estados de adoecimento por passivação (Figueiredo; Coelho Junior, 2018). Enquanto a introjeção oferece a possibili-

dade de simbolização e elaboração da experiência traumática, a incorporação aprisiona o trauma em um espaço psíquico inacessível, mantendo a dor em estado bruto, perpetuando o sofrimento ao longo do tempo e das gerações.

No caso de Fabiana, podemos ler a origem do seu adoecimento psíquico a partir da ideia de incorporação, preconizada por Abraham e Torok (1995). Isto é, a incorporação da culpa da mãe, somada ao desamparo emocional, tornou-se um germe potencial de autodestruição, manifestado em sua depressão. Ao longo dos anos, essa culpa *incorporada* transformou-se em um ciclo de autossabotagem, alimentando a ideia de que ela não era merecedora de afeto ou sucesso, e que qualquer falha nas relações era uma confirmação do seu valor diminuído.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns autores, como Cintra (2018), defendem a ideia de que, em contextos traumáticos — como ocorrências de abuso (físico e emocional) —, a identificação com o agressor leva à formação de um *superego tirânico*, caracterizado por dinâmicas agressivas e destrutivas voltadas ao próprio ego da vítima.⁵ Nesses casos, há uma predominância de identificações que se aproximam daquilo que Abraham e Torok (1995) nomearam de *incorporação* — um fenômeno que, ao invés de permitir a simbolização das perdas, impede o atravessamento do luto. Ou seja, a incorporação cria um espaço fechado, onde o trauma permanece aprisionado, sem a possibilidade de transformação simbólica.

A introjeção, segundo Ferenczi (2011d), é impulsionada pela libido e é fundamental para que a criança se desprenda gradualmente da dependência materna, desenvolvendo a capacidade de cuidar de si mesma. No entanto, essa transição exige que a mãe também esteja disposta a ceder espaço, permitindo que a autonomia da criança se fortaleça.

A renúncia à onipotência, tanto da mãe quanto da criança, é o que possibilita a construção de uma relação mais equilibrada, em vez de uma estrutura fixa de domínio e submissão, na qual um cuida e o outro é apenas cuidado. Quando essa dinâmica se cristaliza, os papéis ativos e passivos deixam de ser flexíveis e podem se transformar em um padrão rígido de controle e obediência. Nesse cenário, a relação torna-se aprisionante, perpetuando um ciclo de dependência e agressão no qual ambos permanecem presos.

Essa tensão entre “quem manda e quem obedece” ou “quem agride e quem é agredido” ilustra o perigo de uma relação dual que, ao se fechar em si mesma, impede o desenvolvimento da autonomia, bloqueando a introjeção “saudável”. No que tange à técnica analítica, “[...] a confiança é algo que estabelece o contraste entre o presente e um passado insuportável e traumatogênico. Esse contraste é indispensável para que o passado seja reavivado, não enquanto reprodução alucinatória, mas como lembrança objetiva” (Ferenczi, 2011a, p. 114-115).

Retomando o caso de Fabiana, busquei seguir os princípios estabelecidos por Ferenczi (2011a), especialmente no que diz respeito à reconstrução da confiança e à revivência da situação traumática. Ao longo das sessões, meu objetivo foi permitir que a paciente, aos poucos, reencontrasse o fio da sua própria narrativa, rompido pela violência invisível cometida por sua mãe. O processo de introjeção, antes obstruído e transformado em incorporação de um sofrimento inominável, começou a se reverter por meio da criação de um ambiente seguro, no qual suas dores finalmente puderam ganhar forma e significado.

Durante o tratamento, Fabiana foi, gradualmente, desfazendo os véus que encobriam sua dor de “não existir”. Cada lembrança evocada tornava-se um passo na reconstrução de

⁵ “Temos aí uma primeira noção de clivagem para pensar a origem do superego: uma parte do ego se modifica por identificação com o objeto abandonador e se volta contra outra dimensão do ego, que se modifica por identificação com o objeto abandonado” (Cintra, 2018, p. 84).

um ego dilacerado pelo desamparo. A técnica analítica, sustentada na sinceridade, na escuta atenta e na validação de suas experiências, funcionou como um espelho que não somente refletia o seu semblante fragmentado, mas também oferecia a possibilidade de reintegração das partes perdidas. Como postulou Ferenczi (1990), Fabiana não precisava apenas recontar sua história, mas *reviver* as emoções sufocadas para, enfim, ressignificá-las.

No entanto, junto a essas lembranças, surgiam longos silêncios — pausas densas, impregnadas de uma desesperança que se manifestava na própria ausência de palavras. Para o analista, lidar com esses momentos representa um desafio tanto técnico quanto emocional. Ferenczi (2011a) já advertia que, em situações assim, o mutismo do paciente pode despertar no analista uma sensação de impotência e, em alguns casos, a impressão de que o processo terapêutico está estagnado (Almeida, 2023). Diante disso, há o risco de sucumbir ao impulso de “resgatar” rapidamente o analisando desse abismo. Todavia, Ferenczi nos lembra que é justamente nesses momentos que se faz necessário conter a ansiedade e sustentar o silêncio com uma presença implicada. A escuta analítica deve permanecer ativa, mesmo quando o paciente parece esgotado e incapaz de se expressar.

Nessas circunstâncias, o nosso papel não consiste em interpretar de maneira apressada, mas oferecer um território seguro onde o silêncio possa ser sentido em conjunto (compartilhado) — quebrando, assim, a “solidão traumática”. Mais do que qualquer explicação imediata, Fabiana precisava sentir que, mesmo nos instantes de silêncio e desamparo, sua presença era reconhecida, sustentada e acolhida sem a ameaça do abandono.

Ao lidarmos com quadros depressivos marcados por intensa apatia, surge uma questão fundamental: como intervir? Certamente, a resposta não está na indiferença ou numa postura distante. Ferenczi (2011a) adverte que, diante de um intenso sofrimento psíquico, uma abordagem fria e meramente pedagógica pode romper o último vínculo que ainda sustenta a relação entre paciente e analista. Para ele, nossa escuta exige mais do que técnica; demanda uma presença sensível. Citando o próprio autor:

Se essa benevolência vier a faltar, a criança vê-se sozinha e abandonada na mais profunda aflição, isto é, justamente na mesma situação insuportável que, num certo momento, a conduziu à clivagem psíquica e, por fim, à doença. Não surpreende que o paciente não possa fazer outra coisa senão repetir exatamente, como quando da instalação da doença, a formação dos sintomas desencadeados por comoção psíquica (Ferenczi, 2011a, p. 115).

Portanto, não estamos falando de oferecer ao analisando um cuidado de natureza maternal que ultrapasse os limites éticos ou transferenciais. Ferenczi sublinha que “os pacientes não se impressionam com uma expressão teatral de piedade, mas apenas com uma simpatia autêntica” (Ferenczi, 2011a, p. 115). Isso implica mobilizar Eros — ou seja, a pulsão de vida propriamente dita.⁶ Trata-se da tentativa de acender uma faísca de vitalidade.

Por fim, posso dizer que Fabiana aprendeu a acolher suas vivências, expandindo seu ego não para reprimir a dor, mas para transformá-la em algo compreensível e simbolizável. Ao permitir que seu sofrimento ganhasse voz, o processo de introjeção (Ferenczi, 2011d) foi restaurado, e as sombras que antes a aprisionavam começaram a se dissipar. Por anos, ela viveu como se estivesse enclausurada em uma *cripta psíquica*, sem um lugar onde pudesse existir plenamente. Como alguém que, após muito tempo submerso, finalmente emerge e preenche os pulmões de ar, Fabiana começou a respirar com alívio, sentindo, talvez pela primeira vez, que estava verdadeiramente viva.

⁶ Recordemos que o próprio Ferenczi pronunciou-se explicitamente contra a tese freudiana sobre a pulsão de morte, em um documento não publicado de modo oficial, descoberto somente nos últimos anos (Dupont, 1998), em que escreve em inglês: “Nothing but life-instincts. Death-instincts, a mistake (Pessimistic)” (p. 78) — “Nada além de instintos de vida. Instintos de morte, um erro (Pessimista)” (tradução minha).

REFERÊNCIAS

- ABRAHAM, Nicolas; TOROK, Maria. *A casca e o núcleo*. São Paulo: Escuta, 1995.
- ALMEIDA, Alexandre Patricio de. *Por uma ética do cuidado: Ferenczi para educadores e psicanalistas* (Vol. 1). São Paulo: Blucher, 2023.
- ALMEIDA, Alexandre Patricio de; PERON, Paula Regina. Sándor Ferenczi e William Styron: a ética do cuidado e seus efeitos na depressão. In: ALMEIDA, Alexandre Patricio de; NAFFAH NETO, Alfredo (Orgs.). *Perto das trevas: a depressão em seis perspectivas psicanalíticas*. São Paulo: Blucher, 2022.
- BERENSTEIN, Ilana Safro. A transmissão geracional na escuta clínica: dos sintomas à introjeção. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DA REDE INTERUNIVERSITÁRIA DE GRUPO E VÍNCULOS, 2., 2018. Rio de Janeiro: Rede Interuniversitária de Grupo e Vínculos, 2018. Disponível em: <http://newpsi.bvpspsi.org.br/eventos/AnaisColoquioInternacionalGrupos2018.pdf>. Acesso em: 9 maio 2025.
- CINTRA, Elisa Maria de Ulhôa. Introjeção, incorporação e identificação com o agressor: considerações a partir de Sándor Ferenczi. *Ide*, v. 40, n. 66, p. 81-98, 2018.
- DUPONT, Judith. Les notes brèves de Sándor Ferenczi. *Le Coq-Héron*, v. 149, n. 1, p. 69-83, 1998.
- FERENCZI, Sándor. Confusão de línguas entre os adultos e a criança. In: FERENCZI, Sándor. *Obras completas* (Vol. 4). São Paulo: Martins Fontes, 2011a. (Trabalho original publicado em 1933.)
- FERENCZI, Sándor. *Diário clínico*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. (Trabalho original publicado em 1932.)
- FERENCZI, Sándor. O conceito de introjeção. In: FERENCZI, Sándor. *Obras completas* (Vol. 1). São Paulo: Martins Fontes, 2011b. (Trabalho original publicado em 1912.)
- FERENCZI, Sándor. Reflexões sobre o trauma. In: FERENCZI, Sándor. *Obras completas* (Vol. 4). São Paulo: Martins Fontes, 2011c. (Trabalho original publicado em 1934.)
- FERENCZI, Sándor. Transferência e introjeção. In: FERENCZI, Sándor. *Obras completas* (Vol. 1). São Paulo: Martins Fontes, 2011d. (Trabalho original publicado em 1909.)
- FIGUEIREDO, Luís Claudio; COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto (Orgs.). *Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura: matrizes e modelos em psicanálise*. São Paulo: Blucher, 2018.
- FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas* (Vol. 12). São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. (Trabalho original publicado em 1914.)
- FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas* (Vol. 12). São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. (Trabalho original publicado em 1917.)
- GONDAR, Jô. O desmentido e a zona cinzenta. In: REIS, Eliane Schueler; GONDAR, Jô. *Com Ferenczi: clínica, subjetivação, política*. São Paulo: 7 Letras, 2017.
- KAUR, Rupi. *O que o sol faz com as flores*. São Paulo: Planeta, 2018.
- KUPERMANN, Daniel. *Por que Ferenczi?* São Paulo: Zagodoni, 2019.
- MEZAN, Renato. O símbolo e o objeto em Ferenczi. In: KATZ, Chaim Samuel (Org.). *Ferenczi: história, teoria, técnica*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- PINHEIRO, Teresa. *Ferenczi*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2016.
- WINNICOTT, Donald Woods. Distorção do ego em termos de self verdadeiro e falso self. In: WINNICOTT, Donald Woods. *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador*. São Paulo: Ubu, 2022. (Trabalho original publicado em 1960.)

Artigo enviado: 16 de setembro de 2024

Artigo aceito: 20 de janeiro de 2025

AS BASES DO INCONSCIENTE COLONIAL

THE FOUNDATIONS OF THE COLONIAL UNCONSCIOUS

LAS BASES DEL INCONSCIENTE COLONIAL

Jairo de Oliveira¹Ronald Lopes²

Resumo: Este artigo examina o inconsciente colonial como estruturante das relações de poder e subjetividades na modernidade ocidental e colonial. Com foco nas dinâmicas de gênero e raça, a pesquisa investiga como o racismo antinegro e a exploração de corpos colonizados se imbricam com as hierarquias patriarcais, perpetuando desigualdades. A partir da psicanálise, principalmente das teorias de Freud e Lacan, e das contribuições de autoras como Gloria Anzaldúa e Suely Rolnik, o estudo analisa a reprodução de mitos culturais coloniais que reforçam o assujeitamento feminino e racial. A metodologia inclui revisão bibliográfica de textos psicanalíticos e históricos, além de uma análise crítica das interseções entre sexualidade, poder e colonialidade. Os resultados indicam que o inconsciente colonial é central na manutenção de sistemas de dominação, especialmente ao estruturar subjetividades através do controle dos corpos e afetos colonizados. A conclusão reforça a importância de uma psicanálise sensível às questões de raça e gênero, capaz de enfrentar as consequências psíquicas do colonialismo.

Palavras-chave: Inconsciente colonial. Racismo. Patriarcado. Psicanálise. Gênero.

Abstract: This article examines the colonial unconscious as a structuring force in the power relations and subjectivities of Western and colonial modernity. Focusing on gender and race dynamics, the research investigates how anti-black racism and the exploitation of colonized bodies intertwine with patriarchal hierarchies, perpetuating inequalities. Drawing on psychoanalysis, particularly the theories of Freud and Lacan, alongside contributions from authors like Gloria Anzaldúa and Suely Rolnik, the study analyzes the reproduction of colonial cultural myths that reinforce female and racial subjugation. The methodology includes a literature review of psychoanalytic and historical texts, as well as a critical analysis of the intersections between sexuality, power, and coloniality. The results indicate that the colonial unconscious is central to the maintenance of domination systems, especially in

¹ Doutorando e mestre em Educação Contemporânea e Demandas Populares (PPGEduc/UFRRJ). Psicanalista e pesquisador no Laboratório de Educação, Gênero e Sexualidades da UFRRJ e no Grupo de Pesquisa Ativista Audre Lorde/UNIR. Coordenador do Coletivo de Pesquisa Ativista em Psicanálise, Educação e Cultura. Membro do Coletivo Psicanalistas Unidos pela Democracia — PUD. Membro da Comissão Permanente da Política Institucional pela Diversidade, Gênero, Etnia/Raça e Inclusão (CPID) da UFRRJ. Poeta e bolsista CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0360-5884>. Instagram: @jairopsicanalista E-mail: jairocarioca.jc@gmail.com

² Doutorando em História (UERJ). Doutorando em Estudos Clássicos (UC-Portugal). Mestre e licenciado em História (UNIRIO). Psicanalista e pesquisador no Laboratório de Educação, Gênero e Sexualidades da UFRRJ, no Grupo de Pesquisa Ativista Audre Lorde/UNIR e no Grupo ÁFRICAS: Sociedade, Política e Cultura (UERJ-UFRRJ). Coordenador do Coletivo de Pesquisa Ativista em Psicanálise, Educação e Cultura. Pós-graduado em Psicanálise e Saúde pelo SEPAI-RJ. Pós-graduado em Orientação, Supervisão e Gestão Escolar (UNINTER). Pós-graduado em Ciências da Religião (AVM/UCAM). Bacharel em Teologia (FACETEN). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5302-5215>. Instagram: @ronaldlopesoliveira E-mail: ronald.lopes80@gmail.com

shaping subjectivities through the control of colonized bodies and affects. The conclusion emphasizes the need for a psychoanalysis that is sensitive to race and gender issues, capable of addressing the psychic consequences of colonialism.

Keywords: Colonial unconscious. Racism. Patriarchy. Psychoanalysis. Gender.

Resumen: Este artículo examina el inconsciente colonial como estructurador de las relaciones de poder y subjetividades en la modernidad occidental y colonial. Con un enfoque en las dinámicas de género y raza, la investigación indaga cómo el racismo antinegro y la explotación de cuerpos colonizados se entrelazan con las jerarquías patriarcales, perpetuando desigualdades. A partir del psicoanálisis, principalmente de las teorías de Freud y Lacan, y las contribuciones de autoras como Gloria Anzaldúa y Suely Rolnik, el estudio analiza la reproducción de mitos culturales coloniales que refuerzan el sometimiento femenino y racial. La metodología incluye una revisión bibliográfica de textos psicoanalíticos e históricos, además de un análisis crítico de las intersecciones entre sexualidad, poder y colonialidad. Los resultados indican que el inconsciente colonial es clave en la mantención de los sistemas de dominación, especialmente al estructurar subjetividades mediante el control de los cuerpos y afectos colonizados. La conclusión refuerza la importancia de un psicoanálisis sensible a las cuestiones de raza y género, capaz de enfrentar las consecuencias psíquicas del colonialismo.

Palabras clave: Inconsciente colonial. Racismo. Patriarcado. Psicoanálisis. Género.

PSICANÁLISE E A FORMAÇÃO DO INCONSCIENTE COLONIAL

As regras da psicanálise estavam em processo de formação e amadurecimento, refletindo o caráter experimental e as dinâmicas ainda não institucionalizadas da prática. No princípio da análise didática, entre 1902 e 1908, em Viena, não havia normas nitidamente estabelecidas. A Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras estava em expansão e logo daria origem ao Instituto Psicanalítico de Berlim, que desempenhou um papel decisivo na consolidação dos princípios da análise didática promovidos pela Associação Internacional de Psicanálise (IPA) (Roudinesco, 1998, p. 18). Naquele momento, com as regras ainda em construção, a tendência era a imposição da lógica de poder hegemônica. Freud e seus colaboradores realizavam análises em amigos, filhos, amantes e outros próximos, misturando relações profissionais e pessoais. Foi nesse contexto que emergiram episódios como o envolvimento de Jung com Sabina Spielrein, com quem teve um filho (Spielrein, 2014). Freud analisou sua própria filha e se viu implicado em relações transferenciais com Ruth Mack-Brunswick, mantendo sentimentos negativos e de dependência. Sándor Ferenczi separou-se de sua esposa após se apaixonar por sua enteada, com quem também mantinha uma relação analítica. De forma semelhante, Erich Fromm tornou-se analista da filha de sua ex-mulher, Karen Horney, com quem conviveu por mais de uma década (Roudinesco, 1989).

Houve inúmeros casos, mas toda essa confusão não se explica apenas pelo mero desregramento nos primórdios da história da psicanálise. As repetições nos apontaram para gozos que vão além das particularidades ocasionais. Criou-se, assim, um modelo regulatório sintomático em que, uma a uma, a figura da mulher foi colocada numa posição de assujeitamento e deformada pela relação de poder. Mais adiante, adentraremos a compreensão do modo como funciona o patriarcado no Brasil em articulação com um agravamento: o racismo antinegro. Neste momento, vale destacar que o feminino não reforçou tal posição, isto é, não se alojou na passividade e subserviência. Mas o que aconteceu foi que, por exemplo, mesmo com a inserção massiva das mulheres no mercado de trabalho por força dos movimentos sociais a partir da primeira metade do século XX, não houve superação da divisão sexual do trabalho nem das desigualdades de gênero.³ Isso acarretou condições de precariedade e

³ Vale ressaltar que estamos nos referindo a mulheres brancas porque mulheres negras já estavam inseridas de forma precarizada no mercado de trabalho, no campo, na cozinha e nas ruas.

informalidade, desestabilizando as subjetividades femininas e fornecendo de modo consistente a posição de assujeitamento (Araujo, 2012).

Segundo Foucault, na história da sexualidade, o cidadão grego não era o objeto do desejo, mas sim a sua conduta (Foucault, 2017). O que era vergonhoso para o grego não era estar com concubinas, escravos ou esposas, mas o papel que ele desempenhava com seu escravo, isto é, sua posição. Em Homero, quando Ulisses retornava a Ítaca, todos pensavam que ele estava morto. Ao chegar à cidade, disfarçado, ele pergunta à escrava mais velha da casa quantas de suas escravas haviam desrespeitado a norma, já que não poderiam ter relações sexuais que não fossem com seu próprio dono. A escrava mais velha respondeu que, das 50 escravas treinadas desde pequenas para os serviços domésticos, 12 haviam sido estupradas pelos candidatos que pretendiam tomar o lugar de Ulisses ao se casar com sua esposa. Então Telêmaco, seu filho, enforcou as 12 mulheres que, segundo ele, haviam envergonhado a casa por se permitirem ser estupradas. As outras escravas, ao entrarem em fila no palácio, deparavam-se com Ulisses que, diante delas, se “excitava de soluçar e gemer” (Homero, 2001). Será que, ao longo de inúmeras repetições desse mito que chegou até nós, produziu-se uma subjetividade feminina inconsciente em que a culpa do estupro se localizava na própria mulher? Será que se tratava de uma (re)vitimização da própria vítima?

DINÂMICAS DE PODER E RESISTÊNCIAS NO CONTEXTO COLONIAL

Dois mil anos depois, já no sistema social moderno, a sexualidade se sofisticou e se imiscuiu em formas posicionais que antes não existiam. As proibições, por exemplo, tornaram-se formas frustradas de poder; por outro lado, nas relações sociais, o aspecto produtivo foi elevado a efeitos que produziram a “verdade do sujeito”. Isso ocorreu porque a sexualidade se tornou um dispositivo de modos de dominação nas sociedades ocidentais, impossibilitando a separação do campo da política (Foucault, 1993).

A partir desse momento, no século XVII, houve um regime político da sexualidade, dos corpos e dos prazeres que tem outras complexidades, porque a micropolítica dominante da sociedade moderna, ocidental, e com o aprofundamento dos colonialismos imperialistas, produziu condições de vida diferentes e desiguais. O inconsciente não escapou de tal panorama, que contribuiu para sofisticar as tecnologias coloniais, como: controle das resistências por meio do extermínio, escravização dos múltiplos povos do continente africano, refino do poder e das relações patriarcais nas sociedades de engenho, silenciamento e apagamento cultural das populações coloniais pela via dos epistemicídios (Rolnik, 2015).

Ao lado da colonialidade do ser, o inconsciente colonial estruturou os modos de produções capitalísticos que desnutriram continentes. Gloria Anzaldúa (1987, p. 68) nos adverte: é preciso parar de “importar mitos gregos e o ponto de vista cartesiano ocidental e nos enraizemos na mitologia e na alma deste continente. A América branca só tem participado do corpo desta terra para explorá-la, nunca para socorrê-la ou para ser nutrida nela”.

A autora referiu-se à instauração, no inconsciente colonial, de mitos fundadores estranhos que agravaram a divisão sexual e desnutriram aquelas culturas. A inanição ocorreu, por exemplo, quando o branco europeu cristão chegou ao Brasil e encontrou povos originários que não conheciam seu sistema de cultura. Para o indígena, o outro diferente recém-chegado era *mais-um* nessa miríade sexual que habitava as terras brasileiras. Já para o europeu, um “dizer ao outro” foi a manifestação de uma “ausência”; por isso, sua relação com aquela nova realidade “extinguiu sua voz” diante da verdade da sexualidade (Certeau, 2021, p. 57). O resultado do efeito daqueles encontros produziu angústias que conduziram a desencadeamentos libidinais ligados à política do ódio e da inimizade.

Lá onde se supõe angústia no colonizador, encontra-se o gozo. A angústia, de acordo com Lacan, ocupa um lugar peculiar e distinto do que se presume no senso comum. Para ele, a angústia não é um simples sintoma, mas um afeto privilegiado, entendido como um sinal

de proximidade com algo que escapa à simbolização, relacionado ao desejo e à falta. Nesse sentido, a angústia revela algo do Real que não pode ser reduzido ou estruturado pela linguagem. Como enfatiza Lacan: **“A angústia é o afeto que não engana”** (Lacan, 2005). Por não se organizar no registro simbólico, mas atuar como uma espécie de indicador ou bússola para aquilo que se encontra no limite da experiência subjetiva, a angústia torna-se uma **potência de saber**, orientando o sujeito em direção a uma verdade ainda não plenamente consciente ou articulada. No contexto colonial, o encontro entre o europeu e os povos originários do Brasil gerou sintomas no colonizador, nomeados pelo senso comum de angústia, resultantes do confronto com uma alteridade radical — modos de existência e organização social que escapavam completamente às suas referências culturais e epistemológicas. Esses sintomas, entretanto, não permaneceram como uma experiência puramente subjetiva (Lopes; Oliveira, 2024).

Na dinâmica psíquica, o sintoma foi transformado em um gozo perverso: um prazer obtido da imposição de poder, controle e exploração sobre o Outro. O gozo aqui é entendido como mais do que um prazer ordinário; é uma satisfação que se sustenta no excesso, no rompimento dos limites éticos e no exercício de dominação. Ao subjugar o Outro, o colonizador não só suprime seu sintoma, mas também transforma o Outro em um objeto de exploração e projeção de fantasias de poder. O “dizer ao outro” refere-se ao ato de silenciar ou reinterpretar a realidade do colonizado através da perspectiva do colonizador.

Esse apagamento cultural e epistemológico foi central para a lógica colonial: o indígena, com sua miríade sexual e cosmovisão plural, foi reduzido a uma ausência de cultura ou civilização aos olhos do europeu. A “política do ódio e da inimizade” demonstra como aquilo que pode ser nomeado pelo senso comum como angústia do colonizador não resultava em reparação, mas sim em reações violentas e destrutivas. Essa violência — física, cultural e simbólica — era, paradoxalmente, uma fonte de gozo para o colonizador. Esse gozo pervertido generalizado residia na sensação de controle absoluto, na redução do Outro a um objeto de domínio e na consolidação de sua própria posição como sujeito supostamente universal e superior (Lopes; Oliveira, 2024).

Essa lógica de angústia transformada em gozo inscreveu-se no inconsciente colonial, moldando não apenas as relações históricas, mas também as subjetividades tanto do colonizador quanto do colonizado. Para o colonizador, o gozo expressava-se na perpetuação de sistemas de dominação e hierarquias; para o colonizado, a violência simbólica e material gerava traumas que ressoam até hoje, perpetuando desigualdades e modos de subjetivação subalternos.

O RACISMO COMO SINTOMA SOCIAL

Mas qual o lugar da produção de sintomas desse europeu no encontro com o totalmente Outro, que desencadearam formações reativas violentas sem precedentes na história? É possível dizer que esse lugar é o processo de demonização das culturas, principalmente agrárias, que já teria se estabelecido e se consolidado na própria Europa. Utilizando tratados de demonologia e diversos documentos como fonte primária, Carlo Ginzburg, no livro *Os Benandanti — Andarilhos do bem*, desvendou como a invenção da figura do diabo durante as reformas religiosas na Europa moderna sustentou formas de demonização daquelas culturas como, por exemplo, o sabá na região de Friuli, na Itália (Ginzburg, 2006). Isso significa dizer que demonizar o Outro é uma invenção da modernidade, que trouxe a inauguração do sujeito dividido e práticas sofisticadas de exploração como base do inconsciente colonial. É a construção dessa demonização das culturas subalternas agrárias europeias que posteriormente foram trazidas já consolidadas para o Novo Mundo.

Obviamente, isso não se daria sem resistências culturais quando chegaram ao Brasil numa espécie de “catequese de mão dupla”. No livro *A heresia dos índios*, o historiador

Ronaldo Vainfas (1995) demonstrou que havia uma maneira própria doutrinal nas práticas e ritos criados por grupos indígenas tupinambás na formação de uma “seita”, denominada Santidade de Jaguaripe. A heresia estabeleceu-se numa posição de confronto aos ensinamentos trazidos pelo catolicismo colonial, especialmente à catequese jesuítica na infância da colonização do Brasil. Para Vainfas, tratava-se de uma “autêntica heresia indígena, chamada na Bahia de Santidade”, seita que defendia a morte dos brancos ou a escravização dos portugueses pelos indígenas. O líder indígena se autointitulava papa e nomeava bispos e santos índios, embora o fundamental do culto residisse na adoração de um ídolo de pedra e na embriaguez com tabaco e uso de “erva santa” (Vainfas, 1995).

Ora, resistências como essas empreendidas pelos indígenas não dizem respeito somente à defesa frente ao início da montagem do sistema de dominação colonial português, mas são também a “forma desesperada do organismo tentar recuperar sua homeostase por meio das trocas que a relação indivíduo-mundo ameaçou romper” (Ribeiro, 2007, p. 73-78). Assim, os indígenas utilizaram a resistência para reduzir os níveis de angústia que as trocas com o meio desencadearam neles, em razão da oposição aos seus desejos. Foi um mediador simbólico para exercer algum tipo de controle sobre a realidade, imobilizando-se para não se permitir ser invadido. Resistência, enquanto sintoma, conciliou desejo, proibição e realidade pagando um alto preço por um suposto mundo equilibrado.

Esse tipo de produção cultural messiânica também apontou para uma formação de compromisso entre a demanda por mão de obra e os mecanismos de acumulação de capital da elite colonial na dinâmica da escravidão indígena no Brasil. Enquanto o uso crescente de africanos demonstrou a intensificação dessa demanda, não se pode negligenciar a significativa utilização dos indígenas em uma variedade de empreendimentos de caráter predatório escravocrata. Esse recrutamento de mão de obra nativa não se limitou apenas à região paulista ou à Amazônia, mas se estendeu por todo o território, como Bahia, Maranhão, Piauí, Rio de Janeiro e o Sul do Brasil, desempenhando um papel crucial nesse processo (Schwartz; Langfur, 2006; Schwartz, 1978; Gorender, 1990; Monteiro, 1994).

A captura de indígenas, considerada um “remédio para a pobreza” dos colonos, sustentou uma atividade produtiva que, embora distante dos circuitos do comércio internacional, era fundamental para a economia colonial local e regional. Capturar indígenas — bandeirismo de apresamento — era um empreendimento muito rentável e não menos importante que a produção agrícola. Era isso que garantia a disponibilidade de mão de obra. Os paulistas, por exemplo, embora tenham se afastado do circuito comercial atlântico, desenvolveram formas próprias de organização empresarial com base na captura indígena e interesses tanto da atividade mineral quanto da agrícola, assumindo o controle da constituição de uma força de trabalho.

Para se ter uma noção, durante séculos, os bandeirantes desempenharam um papel significativo na captura de indígenas. Existem muitos registros históricos que documentaram a violência e a brutalidade cometidas por esses grupos durante suas expedições. Elas eram expedições organizadas principalmente por colonos portugueses, conhecidos como bandeirantes, que exploravam o interior do país em busca de riquezas, como ouro, pedras preciosas e mão de obra indígena para escravidão. Essas expedições frequentemente envolviam ataques a aldeias, onde homens, mulheres e crianças eram capturados à força (Monteiro, 1999).

Fontes históricas relataram que os bandeirantes empregavam táticas brutais para subjugar os indígenas (Carvalho Franco, 1989). Andavam descalços, as roupas em farrapos, e era comum sofrerem de fome, doenças e ataques de animais selvagens e indígenas hostis. Eles usavam armas de fogo, como arcabuzes e mosquetes, para intimidar e massacrar as comunidades indígenas. Além disso, os bandeirantes muitas vezes lançavam ataques surpresa durante a noite, incendiavam as aldeias e capturavam os sobreviventes, que eram então acorrentados e levados à força para serem vendidos como escravos. Essas expedições eram extremamente violentas, com relatos de massacres em larga escala, torturas e estupros (Machado, 2020).

Portanto, a escravidão indígena não pode ser vista de forma isolada e amena da escravidão negra, mas sim como parte integrante de um sistema econômico e social complexo, onde a exploração tanto da mão de obra quanto dos afetos desempenhou um papel fundamental na construção da riqueza colonial. Embora houvesse resistências, os mecanismos como os aldeamentos não eram uma alternativa oposta à escravidão, mas parte integrante do sistema, garantindo uma mão de obra abundante e acessível de caráter escravocrata (Monteiro, 1994).

Havia também conflitos entre os administradores eclesiásticos e os colonos que revelavam os interesses em torno do controle da mão de obra indígena, que era crucial para a economia local. Por exemplo, no Rio de Janeiro, a distribuição da população indígena e a fundação de aldeias refletiam a estratégia dos colonos em utilizar essa mão de obra. Apesar das tentativas de proteção eclesiástica, os indígenas não estavam livres da exploração e da coerção dos colonos, o que resultava em fugas, resistências e formação de seitas messiânicas. Os colonos frequentemente realizavam incursões ao interior e fundavam aldeias próximas à fronteira econômica. Essas ações muitas vezes extrapolavam as autorizações régias e geravam conflitos com as autoridades religiosas.

Entretanto, é importante notar que, apesar das proibições formais à escravidão, a exploração irregular dos indígenas continuava, indicando uma continuidade da sua exploração mesmo sob o escrutínio metropolitano. Diversos expedientes eram utilizados para atrair indígenas, incluindo o resgate por meio de objetos de troca ou a catequese. Os indígenas, além de serem utilizados na defesa e construção de fortificações de forma compulsória, também eram empregados em obras públicas, como no caso da tentativa de trazer água do rio Carioca para o centro da cidade do Rio de Janeiro.

Para a montagem de um sistema colonial no inconsciente, os afetos precisariam ser assujeitados. Na sociedade escravista patriarcal, as marcas da violência sexual e o estupro colonial, como mecanismos de dominação e expressão do poder masculino, desarrazoaram os papéis do trabalho da maternagem desempenhados no âmbito doméstico: ama de leite, reprodutora, e nas lavouras (Dove, 1998; Dove, 2015). Entretanto, essas posições cindiram a imagem de vítimas e indefesas, como apontam os estudos da psicanalista e filósofa Sueli Carneiro (2023) e da socióloga Patrícia Hill Collins (2019), que demonstraram que as mulheres afro-americanas, ameríndias e amefricanas, ainda que ocupassem os lugares de vítima, resistiram utilizando o desejo como mola propulsora na luta contra variadas opressões e seguindo percursos diversos das mulheres brancas.

Mesmo assim, as mulheres vivenciaram castigos mais cruéis, uma vez que, além das agressões físicas, ainda tiveram que suportar os abusos sexuais. Ao mesmo tempo, muitas eram frequentemente estigmatizadas como emocionalmente frágeis, uma concepção que, evidentemente, não condizia com a realidade daquela época (Davis, 2016). Importa destacar que as mulheres negras e indígenas não participaram dessa representação de fragilização, mas passaram, uma a uma, pelo processo de *dessubjetivação* não consentida e vivida como uma emasculação (Mello; Souza, 2021). Surge assim um gozo colonial do Outro feminino, onde o Real compareceu sem mediação imaginário-simbólica. Nesse sentido, as sujeitas vivenciaram *angústias de aniquilamento* ao se verem invadidas; ainda que produzissem resistências, esses afetos foram localizados mais do lado da privação do que propriamente da castração. Portanto, a escuta tem que levar em conta esses processos de construção do lugar social no qual o próprio *falasser*⁴ está inserido, isto é, o assujeitamento a que esse lugar está submetido: as itinerâncias de *Outremização* (Morrison, 2019, p. 17).

⁴ *Falasser* é a tradução em português de *parlêtre*, um neologismo criado por Lacan. Ele propõe *parlêtre* como substituição ao inconsciente. *Parlêtre*: *parole* (palavra falada) e *lêtre* (palavra escrita). LACAN, J. ([1974-1975]). *Seminaire 22*: RSI. Inédito. Disponível em: <http://staferla.free.fr/S22/S22R.S.I..pdf>.

Mas que força é essa contra o feminino que não cessa mesmo com a destruição do outro? É a objetivação do feminino na construção da civilização europeia em terras brasileiras que correspondeu àquilo que, na estrutura do Eu, é o polo do ódio. Esse processo está na origem do controle do Ocidente europeu em relação ao continente americano. São dois polos com concepções divergentes sobre o feminino.

Nas sociedades africanas, por exemplo, dentro da matriz materno-centrada, o equilíbrio entre as forças femininas e masculinas é buscado desde os planos materiais ao espiritual. “Materno-centrado” significa construções sociais e culturais conduzidas materno-focada/matrifocal (Amadiume, 1987, p. 17).

É importante que, ao contrário do Ocidente europeu, mesmo as sociedades patrifocais ou paterno-focadas na África, em que a linha familiar é através do pai, buscavam relações de poder feminino-masculino moebianas. Por exemplo, no Gana, o sistema Akan é dado à criança pela mãe via Mogyá, que, em linhas gerais, é o sangue simbólico (Opoku, 1999). As mulheres Ga não levam nomes de seus maridos quando se casam; são feitas concessões com a nomeação e linhagem (Schwaller de Lubicz, 1978, p. 99). A mãe é vista como a portadora da vida, o canal para a regeneração espiritual dos ancestrais, a portadora da cultura e o centro de organização social.

A família, nessa matriz, procura uma relação recíproca entre membros femininos e masculinos. Por exemplo, os membros serão igualmente respeitados por sua contribuição ao desenvolvimento da família. Como T’Shaka (1995, p. 39) postula, essa relação balanceada é a base de uma “sociedade justa”. Em vista disso, se a parceria entre o feminino e o masculino constitui a menor unidade da família como base da sociedade, então tudo que evolua a partir desta estrutura de poder se esforçará para refletir aquele balanceamento.

RACISMO ESTRUTURAL E OS DESAFIOS DA PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

No Ocidente europeu, a história narcísica tornou o ser feminino objeto na dimensão do imaginário, cuja estrutura intersubjetiva esteve também num registro do simbólico, uma vez que ele não se satisfaria com o desaparecimento do feminino. O ódio, como afeto primo, satisfaz-se numa destruição sem limite, já que deseja o seu rebaixamento e sua negação detalhada. Nas sociedades modernas que tiveram processos de colonialidade do ser e o inconsciente colonial estruturado numa linguagem patriarcal, a figura da mulher e outras dissidências ocuparam o “polo do ódio”.

O ódio se reveste no nosso discurso comum de muitos pretextos, encontra racionalizações extraordinariamente fáceis. Talvez seja esse estado de floclulação difusa do ódio que satura em nós o apelo à destruição do ser. Como se a objetivação do ser humano na nossa civilização correspondesse exatamente ao que, na estrutura do ego, é o polo do ódio (Lacan, 1986, p. 316).

Mesmo antes da chegada dos portugueses, o feminino indígena trabalhava no campo, dentro de casa e na companhia de seus maridos, enquanto estes se dedicavam às atividades artísticas, como a construção da oca (Del Priore, 1997). Foi a produtividade delas que consolidou a monocultura e serviu de base para a economia colonial. Era o começo da hierarquização dos afetos e verticalização do desejo que estruturariam, no inconsciente, os modos de dominação pela sexualidade na divisão das raças e dos gêneros.

Logo em seguida, os europeus não apenas comercializaram escravizados negros no transatlântico, mas sim “sequestraram, roubaram, assassinaram e torturaram” pessoas e provocaram diásporas internas, formando comunidades fugitivas dentro do próprio continente africano. Eles complexificaram ainda mais a densa situação colonial da América portuguesa e a estrutura do inconsciente (Hartman, 2021). A política dessa linguagem infiltrou significantes

de subalternidade que aprofundaram as hierarquias entre os afetos, trazendo a reboque as raças e os gêneros (Mosé, 2018). Cerca de 5,5 milhões de pessoas escravizadas foram arrancadas de suas terras em várias localidades no continente africano, marcadas a ferro quente, embarcadas em navios e comercializadas como se fossem produtos no Brasil ao longo de pelo menos 200 anos (Gomes, 2019).

O fenômeno da escravização foi em escala local e global. Os números são avassaladores. Quarenta e cinco por cento dos escravizados conduzidos à América vieram ao Brasil. Doze por cento deles nem conseguiram desembarcar, porque morreram em péssimas condições em navios tumbeiros — mais de 660 mil morreram antes do final da viagem. Até 1841, a proporção de crianças nos navios era de 7,6%; em contrapartida, nos 15 anos finais do período de tráfico, esse índice saltou para 59,5% (Manenti, 2019; Kon; Silvia; Abuid, 2017).

O comércio de escravizados, tanto indígenas como negros, formava a base da vida econômica no Brasil. Bancos capitalizavam e companhias de seguro o cobriam. Garantir viagens de escravizados em navios tumbeiros contribuiu para iniciar a indústria de seguros, enquanto as primeiras apólices eram de vida de escravizados. A casa bancária Gavião Ribeiro Gavião, por exemplo, financiava a economia agrícola de São Paulo e atuava no comércio interno de escravizados. Ela atuou como intermediária para o London and Brazilian Bank, criado em 1862. Ele era um banco britânico, dentre 200 espalhados pela Europa, cujo propósito no Brasil era comercial, mas tinha uma carteira de hipotecas cujas garantias eram fazendas de café em São Paulo e mais de 800 pessoas que trabalhavam nelas como escravizados (Mulhern, 2018).

Em Rio Claro, no interior de São Paulo, um banco inglês se tornou um dos ativos e administradores na fazenda Angélica. O banco tentou usar mão de obra imigrante realizando contratos curtos de duração, mas fracassou. Ele então resolveu alugar escravizados de terceiros, já que havia uma brecha na legislação brasileira da época. Quando o banco vendeu a fazenda, afirmou que seus empregados não eram escravizados, mas não citou nas transações que pagou senhores para cederem seus escravizados para trabalharem na plantação e que tinha 80 como garantia do financiamento que possibilitou a venda da fazenda.

Com todo um sistema capitalista operando de forma inconsciente e narcísica, os afetos produzidos dentro dessa lógica de exclusão e açoites, o sofrimento instalou-se em duas razões: uma econômico-social e outra relativa à epidemização do sentimento de inferioridade, que é sentida pelos pretos como a dor do não existir. Essa experiência foi um intenso trauma, “evidenciando a humilhação, a solidão, o absurdo e a impotência que a discriminação e a exclusão nos impingem, tornando também manifestas a violência e a ignorância que sustentam o preconceito” (Kon; Silvia; Abuid, 2017).

O estrangeiro negro e indígena, incorporado no sistema capitalista como mão de obra barata e escravizada, gerou seu alvo de violência, impossibilitando eliminar os excessos de agressividade que desestabilizaram os vínculos. Assim, direcionava-se a pulsões agressivas para o estrangeiro negro e indígena como forma de defesa do próprio grupo. O psicanalista Jean-Bertrand Pontalis (2017) considerou o racismo não como uma rejeição radical ao outro expressa pela intolerância à diferença, mas como uma angústia mais primitiva diante do estranho, daquele que é parecido e diferente (Mango, 2017). De acordo com o autor, é muito mais perturbadora a imagem do semelhante, o duplo, em que há o encontro com traços excedentes ao Eu que são radicalmente recusados na inscrição da própria identidade.

Mesmo passados mais de 100 anos do fim da escravidão, ainda há algo de estranho projetado pelos brancos nos brasileiros negros e indígenas, sendo a ideologia do branqueamento uma das mais potentes formas de racismo e segregação: “O crime perfeito se consuma justamente quando o negro tenta se branquear, o que no limite é a negação de si mesmo” (Kon; Silvia; Abuid, 2017, p. 27). Um desejo que “deságua no desejo da própria extinção”. A princípio, as frases das autoras podem, no limite, fornecer espaço que imputa nos negros a reprodução do próprio racismo. Entretanto, vale ressaltar que as táticas empreendidas pelos

negros como forma de sobrevivência e resistência cooptaram o branqueamento e, portanto, nem sempre é negação de si mesmo, ainda que tenha alguma passibilidade. Há a possibilidade de também levantar a mesma hipótese para os indígenas, mesmo estando em dinâmicas sociais específicas e diferentes das dos negros.

Portanto, a nossa singularidade só pode ser vertida no confronto com o processo histórico-cultural de colonização, na relação com o Outro, no entendimento da dinâmica dos gêneros e da racialidade no sistema patriarcal no Brasil. Por isso, acreditamos que não se trata somente de reparações históricas supostamente antirracistas com políticas de cotas inseridas nas escolas psicanalíticas, seja na arrecadação de fundos ou na facilidade de acesso à formação em psicanálise, mas numa reconstrução de toda a ordem social pelas *escutas periféricas*⁵ que incluem mulher, negro, indígena, gay, lésbica e travesti (Oliveira; Carioca, 2024).

A cultura negra e indígena é subalternizada ou até mesmo omitida nos processos de formação dos analistas que ingressam por meio de ações afirmativas. Muitos veem sua própria cultura ser eclipsada pela cultura europeia colonizadora, a qual desconsidera o inconsciente colonial e a riqueza da fala dos outros fora de suas referências lusitanas, cheias de normas e sanitarismos linguísticos. A africanização no contexto brasileiro foi marcada pelo *pretuguês* porque esse processo teve muito contato com literatura e música produzidas nos musseques de Luanda, ou seja, aqueles com sotaques quimbundos falado nos bairros e nas periferias. Era o sotaque da “negrada”. O *pretuguês* foi elemento-chave para a construção da nacionalidade diante da pluralidade étnica angolana e das periferias brasileiras. Lélia Gonzalez (2019), em suas reflexões sobre o “pretuguês”, destaca a fusão linguística e cultural que emerge do encontro entre a matriz africana e o português, transformando a linguagem em um espaço de resistência e afirmação identitária. Ao discutir a “amefricanidade”, Gonzalez nos convida a reconhecer as contribuições das populações negras para a construção do Brasil, tanto na linguagem quanto nas práticas culturais. Sua obra não apenas desvela os efeitos do racismo estrutural, mas também evidencia as potências criativas que desafiam e reconstróem as estruturas coloniais.

É um elemento aglutinador insubordinado da norma culta gramatical que tem uma posição política e sensibilidade cultural. Assim, as populações desses lugares sociais se esforçaram para se reintegrarem nas próprias experiências da linguagem. Ora, se não houve reintegração pelo Outro, isso significa a instauração de um inconsciente colonial produtor de não saberes (Hooks 1994). O racismo brasileiro se dá nessa episteme psicanalítica branquicista e não na simples mudança de cor da pele, produzindo uma psicanálise decepada pelo lapso do nó e insuficiente para alcançar as *escutas periféricas* (Oliveira; Carioca, 2024).

A escuta das identidades frequentemente é confundida com identitarismos, resultando em equívocos que sugerem a necessidade de pertencer a um determinado grupo para compreendê-lo plenamente. No entanto, o processo de se tornar negro transcende essa visão; não se trata simplesmente de uma questão de representação ou identificação, mas sim da validação das experiências de sofrimento muitas vezes marginalizadas e relegadas ao domínio da fantasia.

Esse fenômeno evoca as críticas de Ferenczi a Freud sobre a hipótese de que os abusos infantis eram meramente fantasias. Ferenczi argumentava que, por trás do trauma, sempre

⁵ “Escuta periférica”, conceito criado pelos psicanalistas Jairo Carioca e Ronald Lopes a partir de suas próprias vivências enquanto psicanalistas na periferia, é uma prática que articula o *sinthome* lacaniano com as vivências de sujeitos marginalizados, valorizando suas experiências e desconstruindo estruturas hegemônicas, como a função paterna tradicional. Essa escuta reconhece as singularidades atravessadas por contextos sociais, históricos e políticos, oferecendo suporte ético e sensível às pluralidades que emergem das margens. Para uma melhor compreensão desse conceito, indicamos a leitura do artigo “A interposição do patriarcado no real do feminino: por um empretecimento psicanalítico” publicado na *Revista Stylos*: <https://stylus.emnuvens.com.br/cs/article/view/1136>.

há um evento precoce e real, seguido por um desmentido que ocorre num ambiente mais próximo da criança, o que implica a necessidade de considerar a realidade subjacente e a incapacidade da criança de simbolizar adequadamente essas experiências (Ferenczi, 2011). A historiadora Saffioti corrobora essa perspectiva ao validar Ferenczi em seu livro *Gênero, patriarcado, violência*, enfatizando que a criança pode, e muitas vezes o faz, adornar o que aconteceu, mas a base dessas experiências é real (Saffioti, 2015).

Ao levar a psicanálise às últimas consequências, conforme proposto por Lacan quando denuncia a falta de preparo dos psicanalistas para lidar com o mal emergente, é imperativo destacar o RACISMO como uma das principais questões a serem abordadas. Esse alerta de Lacan, que trouxemos na abertura deste capítulo, ressalta a urgência de uma psicanálise sensível às questões raciais.

Num país onde mais da metade da população é negra, os sintomas do racismo presentes na violência física e psíquica cotidiana inserem cor ao inconsciente. No entanto, o debate em torno de uma psicanálise que possa escutar os racismos ainda hoje suscita inquietações em alguns psicanalistas. O psicanalista Abrão Slavutzky, prefaciador do livro *A cor do inconsciente — significados do corpo negro* da psicanalista Isildinha Nogueira (2021), autora que investigou as raízes psíquicas do racismo estrutural, escreveu que a expressão “a cor do inconsciente” choca, pois o inconsciente, em princípio, não tem cor, mas essa imagem revela uma verdade psíquica, que levou Françoise Dolto a dizer que a psicanálise devia à colega Isildinha:

Quando a conhecida psicanalista francesa Françoise Dolto pediu a palavra, fez-se silêncio: “Me perdoe, não tenho o que falar. Sua fala sangra. Sua fala é você, a Psicanálise lhe deve isso, temos que pensar sobre isso”. Foi à reação de Dolto, a grande parceira de Jacques Lacan, à fala da jovem Isildinha Baptista Nogueira sobre sua vida de mulher negra. O ano era 1984 e estavam em Paris, num Congresso sobre Psicanálise e o Terror, entre franceses e latino-americanos. Uma das origens desse livro foi o desafio que lançou Dolto sobre as marcas do racismo na realidade psíquica (Slavutzky, 2021).

Da mesma forma, a obra de outra psicanalista, Neusa Santos Souza, *Tornar-se negro* (Souza, 1983), aborda o papel do racismo na formação da identidade, destacando sua negligência na prática clínica. Ambas as autoras oferecem críticas contundentes à psicanálise, que muitas vezes perpetua uma escuta que favorece os interesses da branquitude, sem deixarmos de mencionar Cida Bento, que nos ensina:

O silêncio, a omissão, a distorção do lugar do branco na situação das desigualdades raciais no Brasil têm um forte componente narcísico, de autopreservação, porque vêm acompanhados de um investimento na colocação desse grupo como grupo de referência da condição humana (Bento, 2002).

É preciso uma psicanálise que escute os racismos, que seja capaz de discutir as raízes psíquicas do racismo estrutural na formação da identidade e como esta segue sendo ignorada na clínica, sobretudo na psicanálise, produzindo uma escuta que favorece o pacto da branquitude, como no exemplo citado por Neusa Santos Souza, em que, ao falar de seu estranhamento em ser seguida em determinados ambientes, sua analista lhe sugere uma visita ao psiquiatra, porque talvez ela estivesse com mania persecutória. Ela mesma confessa ao seu amigo e prefaciador de seu livro, o psicanalista Jurandir Freire, que não tinha mais interesse em falar da subjetivação das pessoas negras porque não havia leitores negros nas instituições de psicanálise.

Uma psicanálise não implicada com uma escuta antirracista é justamente aquela que supõe um sujeito uniforme porque inscrito numa cultura humana geral e indiferente

aos contextos sociais. Bronislaw Malinowski (1973), um nome importante na consolidação da antropologia social e etnografia, questionou a validade universal do complexo de Édipo, examinando sua ocorrência fora do contexto da tradição ocidental. Ao estudar a sociedade matrilinear dos ilhéus de Trobriand, o antropólogo observou que a figura orientadora da lei não era o pai, mas sim o tio. Além disso, a proibição do incesto não se aplicava à mãe, mas sim à irmã. Malinowski não negou a ocorrência de identificações, mas destacou que, nesse contexto, elas não seguem prioritariamente o modelo clássico da triangulação parental. Ele apontou para a alternância de diferentes figuras parentais conforme as formações culturais (Dias; Canavêz, 2002).

Em termos psicanalíticos, há uma continuidade entre a norma socialmente compartilhada e a presumida na inscrição edipiana. Considerando que os sujeitos internalizam a norma e o registro simbólico da Lei por meio das relações familiares, verifica-se que aqueles inseridos no modelo colonizador experimentam uma sequencialidade entre a assimilação da autoridade social e a autoridade paterna (Birman, 2016). Ou seja, a branquitude faz-se pela negação da humanidade das pessoas negras. Quem ousará deferir o golpe que ferirá o narcisismo da branquitude? Quem apontará que o rei está nu? Fanon faz corajosamente este apontamento; para ele, há, para o negro, um hiato no deslocamento do regime familiar para a esfera pública. Entre o colonizado e a vida social compartilhada não há uma linha contínua, mas sim um “mito a ser enfrentado”, já que a norma imposta pela colonização não está articulada com a ordem familiar. O próprio conceito de família, tal como historicamente concebido, tem sido amplamente caracterizado como burguês e patriarcal, ou seja, cisheteronormativo e branco (Fanon, 2008, p. 133).

Nesse contexto de descontinuidade, o descompasso institucional torna qualquer tentativa de estabelecer vínculos sociais e institucionais, ou compartilhar o espaço público referenciado na família de origem, ineficaz. Diante dessa falta de sintonia normativa, o complexo de Édipo revela-se inadequado como condensador da trama afetiva e identitária dos colonizados. Grada Kilomba, em concordância direta com Fanon, argumenta que “a luta de Édipo não permite que a criança negra ganhe poder em uma sociedade colonial comandada por sujeitos brancos” (Kilomba, 2019). Nesse contexto, para os negros, a ascensão social muitas vezes requer uma ruptura significativa, muitas vezes manifestada através de sentimentos de vergonha e distanciamento das estruturas familiares africanas (Fanon, 2020).

O trauma enfrentado pelo negro é resultado não apenas de interações familiares específicas, mas principalmente das estruturas sociais e sistemas de poder impostos pelo domínio branco. Esses sistemas promovem a superioridade racial branca e perpetuam a desumanização dos negros, levando-os a internalizar noções de inferioridade e inadequação associadas à sua própria identidade racial. Assim, o contato com o mundo branco não apenas expõe o negro a formas de violência e discriminação, mas também o sujeita a uma constante pressão para se conformar aos padrões brancos de comportamento, aparência e sucesso.

Essa pressão é ainda mais acentuada pela ausência de espaços sociais e instituições que reconheçam e valorizem plenamente a identidade negra. Como resultado, muitos negros são confrontados com uma escolha difícil: ou se submeter à assimilação branca em busca de aceitação e oportunidades, ou enfrentar o isolamento e a marginalização ao permanecerem fiéis às suas raízes culturais e identidade étnica. Nesse sentido, o processo de “existir como branco” para os negros não é apenas uma questão de autoengano, mas uma estratégia de sobrevivência em um sistema que continua a privilegiar a branquitude em detrimento de outras identidades raciais.

Para Fanon, o acesso do colonizado ao espaço público não é mediado apenas pela estrutura familiar, mas principalmente por uma identificação compulsória com a “brancura” como um ideal socialmente aceito (Costa, 1983). A necessidade de identificar-se com o branco torna-se uma condição para que o negro seja reconhecido e incluído na sociedade.

Em outras palavras, o sujeito negro é pressionado a construir um ideal de ego branco para si mesmo, como uma forma de se adequar aos padrões impostos pela sociedade dominante. Ele sugere que é fundamental que a psicanálise reconheça que a branquitude não é um padrão universal ao qual todas as outras culturas devem aspirar. Em vez disso, é essencial que a psicanálise enfrente e desafie as normas racistas que perpetuam a hierarquia racial e a exclusão dos negros. Isso implica uma abordagem psicanalítica que reconheça e valide as experiências e identidades dos negros, em vez de simplesmente reforçar os padrões brancos como ideais a serem alcançados.

Neusa Santos Souza (1983), inspirada pela perspectiva de Fanon sobre a imposição da identificação com a brancura, mergulhou em uma investigação profunda sobre as ramificações psicológicas da ascensão social para os negros. Em seu trabalho de pesquisa, que se baseia em sua dissertação de mestrado, ela se concentrou nas narrativas de vida dos indivíduos negros, reconhecendo essas narrativas como espelhos das experiências humanas subjacentes. Explorando essas narrativas, Neusa Santos Souza (1983, p. 70) busca captar não apenas as histórias individuais, mas também os aspectos coletivos das vivências dos negros em uma sociedade que os pressiona a se moldarem aos padrões brancos para alcançarem sucesso e aceitação social. Ela destaca que, sob a pressão constante dessa imposição, surgem angústias profundas, conflitos identitários e um constante sentimento de inadequação. Esses relatos de vida tornam-se, assim, um registro vívido do impacto psicológico da colonização e do racismo estrutural na formação da identidade negra.

Ao se fundamentar nas teorias de Laplanche e Pontalis (1992), que delineiam o papel do ideal de ego como uma instância crucial na mediação entre a cultura e a internalização dos padrões sociais, Neusa Santos Souza destaca uma realidade complexa enfrentada pelos negros e mulatos. Mesmo aqueles que resistem à assimilação aos padrões brancos muitas vezes se veem compelidos a adotar esses padrões para serem aceitos socialmente e para desfrutarem dos privilégios associados à sua posição na hierarquia social. Essa observação ecoa as reflexões de Fanon, que enfatizou a imposição da brancura como um ideal social dominante, resultando em uma identificação compulsória por parte dos negros como uma condição para a aceitação social. Neusa, assim como Fanon, sustenta que a psicanálise, ao negligenciar o recorte racial, corrobora indiretamente a reprodução das estruturas coloniais de poder. Ambos defendem a necessidade premente de uma abordagem psicanalítica sensível ao contexto racial, que reconheça e valide as experiências singulares dos indivíduos negros, mas também desmantele as normas e estereótipos raciais opressivos, promovendo uma compreensão mais profunda e inclusiva das subjetividades negras.

Nesse vácuo existencial, o negro vê-se compelido a adotar subjetivamente uma postura branca, como uma tentativa de se integrar ou se adequar aos padrões culturais dominantes. Submetido às crueldades e injustiças do colonialismo, o negro muitas vezes internaliza uma percepção distorcida de si mesmo, identificando-se como “um ser cor” em contraste com a “normalidade” branca. Portanto, surge uma pressão coerciva para que o negro se identifique com a brancura, uma vez que é através dessa lente branca que ele é percebido e avaliado pelos outros. Essa compulsão à identificação com a brancura é uma resposta à percepção de que a essência do branco é o padrão normativo a ser seguido e alcançado. No entanto, essa busca pela identificação com a brancura é paradoxal, pois, ao mesmo tempo em que o negro procura se assimilar aos padrões brancos, ele também é constantemente lembrado de sua “diferença” racial, o que o mantém numa posição de marginalidade e subalternidade na sociedade colonial. Assim, entre a identidade negra e a percepção externa, surge uma tensão constante alimentada pela dinâmica colonial e racialmente estruturada (Fanon, 2008).

Em seu ensaio, Hall faz uma observação perspicaz sobre a epistemologia lacaniana, ressaltando sua crucial dimensão intersubjetiva na formação das subjetividades. No entanto, ele destaca uma lacuna significativa: a ausência de uma atenção sistemática à incidência racial dentro dessa estrutura teórica (Hall, 1996). Essa ausência evidencia uma omissão central no

campo psicanalítico, que muitas vezes adota uma perspectiva universalizante, ignorando as especificidades culturais, históricas e raciais que moldam as subjetividades. Hall argumenta que, ao negligenciar a raça como um fator estruturante na constituição do sujeito, a psicanálise permanece enredada em uma lógica eurocêntrica, perpetuando uma visão hegemônica de subjetividade que exclui ou marginaliza experiências racializadas.

Essa limitação, longe de ser apenas uma questão teórica, reflete-se na prática clínica e na formação de psicanalistas, em que a produção de teóricos não europeus é frequentemente desconsiderada ou tratada como periférica. Como resultado, muitos psicanalistas ainda hoje adotam, consciente ou inconscientemente, uma postura de submissão voluntária ao modelo europeu, perpetuando uma servidão intelectual aos legados de Freud e Lacan, enquanto ignoram as contribuições significativas de pensadores como Frantz Fanon, Neusa Santos Souza, Grada Kilomba e outros. Tal enfoque limitado resulta em uma compreensão reducionista das questões raciais, frequentemente relegadas ao campo das “pautas militantes”, sem o reconhecimento de sua relevância para a própria constituição do sujeito e para os sintomas sociais contemporâneos.

Esse reducionismo é agravado por resistências explícitas no campo psicanalítico, como as insatisfações manifestadas em relação ao uso do significante “ativista” na nomeação de coletivos que buscam descolonizar a psicanálise. Essas resistências apontam para uma recusa em reconhecer que a psicanálise nunca opera fora de uma posição política. O sujeito da psicanálise é sempre formado em relação ao Outro, e essa relação está intrinsecamente ligada à cultura, à história e aos sintomas sociais do seu tempo (Andrade, 2022). Portanto, a prática psicanalítica não é isenta de implicações políticas; ao contrário, é por meio da política que os destinos individuais e o mal-estar coletivo são moldados e transformados.

A falta de engajamento da psicanálise com a questão racial perpetua estruturas de poder racialmente hierarquizadas, reforçando um pacto com a branquitude que naturaliza a exclusão de vozes e experiências racializadas. Uma psicanálise comprometida com a desconstrução das estruturas racistas não apenas reconhece a centralidade da raça na constituição do sujeito, mas também assume uma postura ativa na transformação das dinâmicas de poder que sustentam o racismo estrutural. Para isso, é necessário um reposicionamento ético e teórico que inclua e valorize a produção de conhecimentos contracoloniais, abrindo espaço para uma escuta verdadeiramente plural e sensível às múltiplas formas de subjetivação.

CONCLUSÃO

O texto explora de forma ampla e crítica a relação intrínseca entre a psicanálise e o colonialismo, destacando como o inconsciente colonial foi construído e reforçado por sistemas de poder que alicerçam desigualdades de gênero, raça e classe. A análise demonstra que o inconsciente colonial não é apenas um reflexo das condições históricas, mas também um dispositivo ativo na perpetuação das hierarquias sociais, operando no controle dos corpos e afetos. A partir da intersecção entre psicanálise, estudos culturais e teorias críticas, emergem reflexões que denunciam as lacunas da prática clínica tradicional frente às demandas de uma sociedade profundamente marcada pela colonialidade.

A psicanálise, quando desconsidera o recorte racial e de gênero, corre o risco de reproduzir o pacto narcísico da branquitude, negligenciando as experiências e subjetividades de indivíduos negros, indígenas e outros corpos dissidentes. Ao destacar a contribuição de pensadores como Frantz Fanon, Neusa Santos Souza, Lélia Gonzalez e Grada Kilomba, o texto evidencia a necessidade de uma abordagem psicanalítica que seja sensível às especificidades históricas e culturais do contexto brasileiro e colonial. Essa psicanálise deve ir além da universalização dos sintomas e incluir as vozes e vivências de grupos subalternizados, promovendo uma escuta periférica e contracolonizadora.

Por fim, reafirma-se que as marcas do colonialismo não são apenas econômicas ou políticas, mas também psíquicas e subjetivas, demandando um esforço contínuo de reconstrução social e teórica. A transformação da psicanálise em uma prática verdadeiramente inclusiva e antirracista é não apenas necessária, mas urgente, para enfrentar as consequências psíquicas do racismo estrutural e contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: A Nova Mestiça*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.
- AMADIUME, Ifi. *Male daughters, female husbands*. London: Palgrave Macmillan, 1987.
- ANDRADE, Érico. Não sou um psicanalista?: negritude e antinegritude na psicanálise. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 54, n. 2, p. 405-418, dez. 2022.
- ARAUJO, Ângela. Informalidade e relações de gênero. In: LEITE, Márcia de Paula; GEORGES, Isabel (Orgs.). *Novas configurações do trabalho e economia solidária*. São Paulo: Annablume Editora, 2012.
- BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BIRMAN, Joel. Sexualidade e narcisismo nos arquivos da psicanálise. O Édipo em questão. In: BIRMAN, Joel; FULGENCIO, Luís; KUPERMANN, Diana (Orgs.). *Amar a si mesmo e amar o outro: narcisismo e sexualidade na psicanálise contemporânea*. São Paulo: Zagodoni, 2016. p. 23-51.
- CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2023.
- CARVALHO FRANCO, Francisco de Assis. *Dicionário de bandeirantes e sertanistas do Brasil*. São Paulo: Editora Itatiaia Limitada — Editora da Universidade de São Paulo, 1989.
- CERTEAU, Michel de. *O lugar do outro: história religiosa e mística*. Petrópolis: Vozes, 2021.
- COLLINS, Patrícia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Tradução: Alexandre Martins. São Paulo: Boitempo, 2019.
- COSTA, Sérgio. O branco como metáfora: categorias raciais e relações sociais. *Tempo Social*, São Paulo, v. 5, n. 1-2, p. 1-16, 1983.
- DAVIS, Ângela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- DIAS, Maria Lúcia de Oliveira; CANAVÊZ, Fernando. “A crítica de Malinowski ao complexo de Édipo: um debate sobre cultura e subjetividade”. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 36, n. 4, p. 897-910, 2002.
- DOVE, Nah. Defining a matrix-centered model for women’s condition. *Journal of Black Studies*, v. 28, n. 5, p. 513-539, 1998.
- DOVE, Miriam. “A mulher negra na formação do Brasil colonial”. In: SILVA, Luiz Antonio Machado da (org.). *Cultura e identidade negra no Brasil*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.
- DOVE, Miriam. *A mulher negra na formação do Brasil colonial*. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2015.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução: Renato da Silveira. São Paulo: Ubu Editora, 2020. (Original publicado em 1952).
- FERENCZI, Sándor. *Confusão de língua entre os adultos e a criança*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- FOUCAULT, Michel. Sobre a história da sexualidade. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 5. ed. São Paulo: Graal, 2017. p. 363-406.
- GINZBURG, Carlo. *Os Benandanti: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

- GOMES, Laurentino. *Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal à morte de Zumbi dos Palmares*. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.
- GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. In: RATTANS, Regina; FÁVERO, Osmundo; NASCIMENTO, Maria Elisa (Orgs.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 23-41.
- GORENDER, Jacob. *A escravidão reabilitada*. São Paulo: Ática, 1990.
- HALL, Stuart. The after-life of Frantz Fanon: why Fanon? Why now? Why Black skin, white masks? In: READ, Alan (Ed.). *The fact of blackness: Frantz Fanon and visual representation*. London: Bay Press, 1996. p. 12-37.
- HARTMAN, Saidiya. *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- HOMERO. *Odisseia*. Trad. de Carlos Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- HOOKS, bell. Language. In: HOOKS, bell. *Teaching to transgress: education as the practice of freedom*. New York: Routledge, 1994. p. 167-175.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- KON, Noemi Moritz; SILVIA, Maria Lúcia; ABUID, Cristiane Curi (Orgs.). *O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- LACAN, Jacques. *O seminário 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- LACAN, Jacques. *O seminário 10: a angústia (1962-1963)*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. (Campo Freudiano no Brasil).
- LOPES, Ronald; OLIVEIRA, Jairo Carioca de. Arquétipos religiosos e a gestão da angústia no contexto mariano. *Estudos de Religião*, v. 38, n. 1, p. 137-160, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.15603/2176-1078/er.v38n1p137-160>.
- LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise*. Tradução: Pedro Tamen. Lisboa: Edições 70, 1992.
- MACHADO, Helvídio Rosas. *A saga dos bandeirantes: a herança do passado*. São Paulo: Madras, 2020.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *A vida sexual dos selvagens do Noroeste da Melanésia*. Tradução: Heloísa Jahn. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores)
- MANENTI, Camila. Perto do fim da escravidão 60% dos negros trazidos ao país eram crianças. *UOL Notícias*, 13 abr. 2015. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/04/13/perto-do-fim-da-escravidao-60-dos-negros-trazidos-ao-pais-eram-criancas.htm>.
- MANGO, Edmundo Gómez. Jean-Bertrand Pontalis: a poetics of narrative. *Le Coq-héron*, v. 231, p. 27-33, 2017.
- MELLO, Débora M. de; SOUZA, José D. da S. A devastação no masculino e a violência contra o feminino nas mulheres. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 24, n. 4, p. 749-775, 2021.
- MONTEIRO, John. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- MORRISON, Toni. *A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MOSÉ, Viviane. *A grande política da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2018.
- MULHERN, Joseph Martin. *After 1833: British entanglement with Brazilian slavery*. Durham: Durham University, 2018. Disponível em: <http://etheses.dur.ac.uk/13071>.
- OLIVEIRA, Ronald de; CARIOCA, Jairo. A interposição do patriarcado no real do feminino: por um empretecimento psicanalítico. *Revista de Psicanálise Stylus*, v. 1, n. 49, p. 101-118, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.31683/stylus.v1i49.1136>.
- OPOKU, Kofi Asare. *West African traditional religion*. Accra: F.E.P. International, 1999.

- PONTALIS, Jean-Bertrand. *O amor do começo*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. A resistência olha a resistência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 23, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722007000500014>.
- ROLNIK, Suely. Pensar a partir do saber-do-corpo: uma micropolítica para resistir ao inconsciente colonial. In: *Registro audiovisual de conferência realizada na Casa do Povo*. São Paulo, 2015.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *História da psicanálise na França*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- SCHWALLER DE LUBICZ, René Adolphe. *The temple in man*. New York: Inner Traditions International, 1978.
- SCHWARTZ, Stuart B. Indian labor and New World plantations. *American Historical Review*, v. 83, n. 1, p. 43-79, 1978.
- SCHWARTZ, Stuart B.; LANGFUR, Hal. Tapanhuns, Negros da terra, and Curibocas: Indians and Afro-Brazilians in Colonial Brazil. In: RESTALL, Matthew (Ed.). *Beyond black and red*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2006. p. 81-115.
- SLAVUTZKY, Abrão. Prefácio. In: NOGUEIRA, Isildinha. *A cor do inconsciente: significados do corpo negro*. São Paulo: Perspectiva, 2021.
- SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- SPIELREIN, Sabina. *Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise. Obras completas (Vol. 1)*. São Paulo: Livros da Matriz, 2014.
- T'SHAKA, Oba. *Return to the African mother principle of male and female equality*. Oakland: Pan Afrikan Publishers, 1995.
- VAINFAS, Ronaldo. *A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Artigo enviado: 17 de outubro de 2024

Artigo aceito: 20 de janeiro de 2025

CORPOREIDADES CONTEMPORÂNEAS...
“HUMANAS, DEMASIADO HUMANAS”¹
CONTEMPORARY CORPOREALITIES... “HUMAN, ALL TOO HUMAN”
CORPOREIDADES CONTEMPORÂNEAS... “HUMANAS, DEMASIADO HUMANAS”

Rubens M. Volich²

Resumo: A clínica e a teoria psicanalíticas evidenciam como as vivências corporais se constituem como fundamento primordial da constituição subjetiva. A partir das interações com o outro humano, desenvolvemos um corpo marcado pela erogeneidade que vai além do meramente biológico, manifestando o desejo, as pulsões e todo o campo representativo. Na contemporaneidade, observamos comportamentos como a incessante procura pela estética perfeita, a obsessão pelo rendimento físico otimizado e a constante necessidade de aprovação pelo outro — manifestos em procedimentos cirúrgicos estéticos, na prática exagerada de exercícios e no uso compulsivo das plataformas digitais — que sinalizam vulnerabilidades narcísicas e a forte presença do ego ideal nas dinâmicas subjetivas e nas relações pessoais e sociais. Este trabalho analisa como as formas atuais de alienação e de sofrimento psíquico se originam em falhas nas primeiras relações objetais, que comprometem os processos de organização da economia psicossomática, capaz de enfrentar demandas e expectativas tanto internas quanto externas. Esses sofrimentos intensificam-se no contexto da presença marcante dos recursos digitais e das redes sociais, onde o indivíduo persegue incessantemente o reconhecimento do outro como forma de confirmação de sua própria existência.

Palavras-chave: Corpo erógeno. Economia psicossomática. Desamparo. Ego ideal. Procedimentos autocalmantes. Alienação.

Abstract: Psychoanalytic theory and clinical practice highlight how bodily experiences constitute the fundamental basis of subjective development. Through interactions with others, we develop a body marked by erogeneity that transcends mere biological functions, expressing desire, drives, and the entire representational field. In contemporary society, we observe behaviors such as the relentless pursuit of aesthetic perfection, the obsession with optimized physical performance, and the constant need for external validation — manifested in cosmetic surgical procedures, excessive exercise, and compulsive use of digital platforms. These behaviors signal narcissistic vulnerabilities and the strong presence of the ideal ego in subjective dynamics and personal and social relationships. This study examines how current forms of contemporary alienation and suffering stem from failures in early object relations, which impair the organization of the psychosomatic economy — essential for managing both

¹ Amplio neste artigo as reflexões apresentadas no 28º Encontro do Curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica Prof. Ryad Simon — CEPPI em 23/11/2024, em São Paulo. Agradeço o convite de Gina K. Levinzon, Kayoko Yamamoto e da equipe organizadora para compartilhá-las naquele encontro.

² Psicanalista. Doutor pela Universidade de Paris VII — Denis Diderot. Membro do Departamento de Psicossomática Psicanalítica do I. Sedes Sapientiae e professor da Especialização. Autor de *Psicossomática, de Hipócrates à psicanálise, Impasses da alma, desafios do corpo. Figuras da hipocondria e Tempos de encontro: escrita, escuta, psicanálise* (São Paulo: Blucher, 2022; 2024; 2021). Coorganizador e autor dos livros da série *Psicossoma* (São Paulo: Casa do Psicólogo). ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9027-2257>. E-mail: rubensvolich@gmail.com

internal and external demands. These forms of suffering are exacerbated by the pervasive presence of digital resources and social networks, where individuals relentlessly seek external recognition as a means of confirming their own existence.

Keywords: Erogenous body. Psychosomatic economy. Helplessness. Ideal ego. Self-calming procedures. Alienation.

Resumen: La clínica y la teoría psicoanalíticas evidencian cómo las vivencias corporales se constituyen como fundamento primordial de la constitución subjetiva. A partir de las interacciones con el otro humano, desarrollamos un cuerpo marcado por la erogeneidad que va más allá de lo meramente biológico, manifestando el deseo, las pulsiones y todo el campo representativo. En la contemporaneidad, observamos comportamientos como la búsqueda incesante de la estética perfecta, la obsesión por el rendimiento físico optimizado y la constante necesidad de aprobación por parte del otro — manifiestos en procedimientos quirúrgicos estéticos, en la práctica exagerada de ejercicios y en el uso compulsivo de las plataformas digitales — que señalan vulnerabilidades narcisistas y la fuerte presencia del ego ideal en las dinámicas subjetivas y en las relaciones personales y sociales. Este trabajo analiza cómo las formas actuales de alienación y de sufrimiento psíquico se originan en fallas en las primeras relaciones objetales, que comprometen los procesos de organización de la economía psicosomática, capaz de enfrentar demandas y expectativas tanto internas como externas. Estos sufrimientos se intensifican en el contexto de la presencia marcante de los recursos digitales y las redes sociales, donde el individuo persigue incesantemente el reconocimiento del otro como forma de confirmación de su propia existencia.

Palabras clave: Cuerpo erógeno. Economía psicosomática. Desamparo. Ego ideal. Procedimientos auto calmantes. Alienación.

Às 23 horas da noite chuvosa de 26 de julho de 2024, em uma Paris transformada em palco a céu aberto, do alto da Torre Eiffel, Céline Dion emocionou o mundo com sua interpretação do *Hino ao amor*, de Édith Piaf, abrindo os Jogos Olímpicos de 2024.

Nos dias que se seguiram, nos deslumbramos com as acrobacias inimagináveis de Rebeca Andrade, Flávia Saraiva, Jade Barbosa e suas companheiras; sofremos e vibramos com a luta aguerrida de Ana Patrícia e Duda no vôlei de praia; tememos e nos aliviemos com a ousadia dos domadores de ondas Gabriel Medina e Tatiana Weston-Webb. Encantamo-nos com a destreza natural, humilde e fascinante de Rayssa Leal e com o ritmo tranquilo e vigoroso de Isaquias Queiroz e também nos sensibilizamos com a história de vida de Beatriz Souza e suas conquistas no judô... e na vida. Ao longo de 17 dias, torcemos e acompanhamos seus feitos excepcionais e aqueles de muitos outros atletas, brasileiros e de outros países.

Respiramos um pouco.

Duas semanas depois, fomos tomados por imagens ainda mais impressionantes. Nas Paraolimpíadas que se seguiram, a equipe do Brasil efetuou sua melhor campanha da história: um total de 89 medalhas, 25 de ouro, 26 de prata e 38 de bronze. As limitações corporais não foram obstáculo para a emocionante agilidade e as inúmeras conquistas de Carol Santiago e Gabriel Araújo na natação, para a quebra de recorde e para as medalhas de ouro de Jerusa Geber, nem para o tricampeonato de Petrucio Ferreira no atletismo. Tampouco ofuscaram o brilhantismo de Claudiney Batista e Ricardo Mendonça, a conquista do bicampeonato no judô de Alana Maldonado, nem o ouro inédito de Ana Carolina Moura no taekwondo.

Reiteradamente, por meio de sua mera participação, cada atleta paraolímpico tornou-nos testemunhas de histórias de elaboração de sofrimentos, perdas e limitações impostas

a seus corpos, da força de vontade e das capacidades que lhes permitiram superar dores e limites, além de suas possibilidades de transcendência de difíceis condições corporais. Inevitavelmente, eles também nos confrontaram com nossos preconceitos individuais e coletivos quanto às pessoas portadoras de deficiência física.

Viajemos um pouco no tempo...

Oitenta e oito anos antes de Paris, nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, Gretel Bergmann, uma das melhores atletas da equipe de salto da Alemanha, foi expulsa devido à sua origem judaica. Nos mesmos jogos, um Hitler enraivecido abandonou o estádio às pressas para não ter que cumprimentar Jesse Owens, atleta negro americano que conquistara quatro medalhas de ouro, contrariando o projeto hitlerista de instrumentalizar a competição para provar a supremacia ariana.

Dois anos depois, em 1938, a esposa do príncipe George da Grécia e Dinamarca, Marie Bonaparte, chegou a uma Viena invadida pelos alemães, determinada a proteger seu analista Sigmund Freud. Bem vestida, perfumada, ostentando um casaco de vison, colocou-se frente à porta do apartamento de Freud, na Bergasse 19, e usou sua posição aristocrática e suas influências para impedir a ação da Gestapo contra ele e sua família. Apesar da resistência de Freud em deixar sua cidade natal, Marie Bonaparte providenciou os documentos e a logística necessários para a viagem de Freud, na época com 81 anos. Ele deixou Viena no dia 4 de junho rumo a Londres, passando por Paris, e, graças a ela, salvou sua família próxima, seus pertences e seu legado. Quatro irmãos de Freud, Adolfine, Marie, Rosa e Pauline, não tiveram a mesma sorte. Pereceram todas em campos de concentração nazistas.

No ano seguinte, 1939, foi iniciado o programa Aktion T4, precursor das práticas genocidas do regime alemão, que resultou na eutanásia de milhares de pessoas consideradas “vidas indignas de serem vividas”, deficientes físicos e mentais, principalmente.

Em março desse mesmo ano, o neurologista alemão de origem judaica Ludwig Guttmann foi forçado pelo governo nazista da Alemanha a deixar o país com sua família. Fugiu para a Inglaterra e, inicialmente, trabalhou na Universidade de Oxford. Indicado pelo governo para chefiar o Centro Nacional de Traumatismos, em 1944, fundou a unidade de lesões medulares no Hospital Stoke Mandeville, em Buckinghamshire. Inconformado com as más condições de tratamento e com a brevidade da vida desses pacientes, Guttmann desenvolveu uma nova abordagem terapêutica para seus pacientes que unia trabalho e esportes como o basquete, tiro com arco, dardos e bilhar. Com essa abordagem, o hospital tornou-se um centro de referência mundial no tratamento de pacientes com paraplegia e tetraplegia.

Em 1948, ele organizou os Jogos de Stoke Mandeville, uma competição esportiva para veteranos de guerra com lesões na coluna vertebral. Essa iniciativa evoluiu até se configurar como os Jogos Paraolímpicos, realizados pela primeira vez em Roma, em 1960, em paralelo com os Jogos Olímpicos que também ali ocorreram naquele ano.

Graças a Guttmann, “pai” do movimento paraolímpico, pessoas com dificuldades ou deficiências físicas, mentais e de toda ordem, que, na Alemanha nazista que o expulsou, foram consideradas inferiores, inúteis, indesejadas e passíveis de eliminação, ao longo dos anos ganharam, mesmo que lentamente, não apenas visibilidade, mas também o reconhecimento de seus direitos, de seu lugar social e de suas necessidades específicas de desenvolver recursos específicos que lhes permitissem viver dignamente, apesar de suas limitações, tanto na vida individual como na coletiva.

Os corpos de Bergmann e de Owens, negados pela ideologia, o corpo de Marie Bonaparte, impedindo o acesso da Gestapo ao apartamento de Freud, a empatia revolucionária de Guttmann com o sofrimento dos corpos mutilados e paralisados pela guerra e por acidentes, os corpos sublimes e os desempenhos inimagináveis dos atletas olímpicos e, sobretudo, os paraolímpicos, são apenas algumas das evidências de que o corpo humano é

objeto de atravessamentos simbólicos, imaginários, sociais e políticos e claramente passível de transcendência de sua condição material.

Forjado por nossas histórias e relações familiares, pessoais e sociais, permeado por fantasias, sonhos, palavras, atravessado pela sexualidade e pela violência, o corpo é, ao mesmo tempo, palco para a constituição e para a expressão de nossa subjetividade e da infinita riqueza da existência humana, em suas formas mais sublimes e prazerosas, mas também naquelas mais sofridas e destrutivas.

Os mesmos atletas de alto desempenho que nos encantam com suas proezas vivem os efeitos nefastos das exigências de superação que as produzem: o medo e a insegurança da falha, os sofrimentos e as dúvidas quanto aos objetivos esperados, a dor muitas vezes insuportável em seus corpos solicitados para além de seus limites, a decepção aterrorizante com os resultados não alcançados, as noites mal dormidas, a depressão, a solidão e o *burnout*. Fantasmas que assombam as vidas sorridentes e glamorosas dos campeões e dos bem-sucedidos.

São numerosos aqueles que passam por tais experiências. Lembremos apenas de uma das mais conhecidas, a difícil luta de Simone Biles contra a depressão, a ansiedade e a pressão pela perfeição que culminaram com os *twisties*, uma condição que leva a uma desconexão entre mente e corpo, afetando o senso de orientação espaço-temporal e colocando o atleta em risco durante execuções complexas, que a levou a abandonar a Olimpíada de Tóquio em 2021.

LUGARES DO CORPO

Conflitos e perturbações como esses não surgem apenas nas grandes competições e nas atividades de alto desempenho.

Em nosso cotidiano, nas redes sociais e na mídia, observamos uma profusão de situações e imagens de pessoas aparentemente felizes, belas, seguras de si, ostentando sucesso, poder, inteligência e riqueza. Cidadãos do mundo, exaltam e exibem seus corpos e realizações e marcas conquistadas, transformando a si mesmas e sua imagem em produtos que alimentam uma vasta indústria de celebridades, supostamente distantes de qualquer sofrimento.

Combinam-se nesses comportamentos diferentes doses de vaidade, “autoestima elevada” e a busca por novos modos de sustento financeiro. Embora seja natural e compreensível querer se sentir bem e realizar-se, o que chama atenção é o excesso: sorrisos duradouros, biografias imaculadas, sem derrotas, certezas absolutas, um bem-estar aparentemente imune às mazelas e dores da vida.

Em sua maioria, buscam, acima de tudo, o reconhecimento, a admiração, a aliança e o engajamento do outro à sua pessoa, às suas ideias, mercadorias ou serviços. Porém, significativamente, muitas vezes, mesmo quando os recebem, estes logo se revelam insuficientes, promovendo a necessidade de retomar uma busca incessante por mais admiração, notoriedade e... seguidores.

Tendo dificuldade de encontrar em si mesmas lembranças, imagens ou experiências significativas e satisfatórias, muitos as procuram no olhar do outro e no reconhecimento das redes sociais.

Em 2020, o Brasil ocupava o segundo lugar mundial na realização de cirurgias plásticas estéticas, com cerca de um 1,9 milhão de procedimentos (depois dos Estados Unidos, com 4,7 milhões), sendo as mais frequentes a lipoaspiração, plásticas de mama e rinoplastias (ISAPS, 2021). Nos consultórios de cirurgia plástica, é comum que pacientes levem fotos de celebridades e de *influencers*, pedindo ao médico para ficar iguais a elas, transformadas em padrões estéticos desejados, em um contexto onde a beleza é um componente importante nas relações sociais e profissionais.

Se as cirurgias estéticas foram por muito tempo um domínio predominantemente feminino, hoje são cada vez mais procuradas por homens. Segundo a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, nos últimos anos, o número de homens que buscam procedimentos como lipoaspiração e rinoplastia aumentou significativamente (Garcia, 2022). Também entre os adolescentes observamos essa crescente preocupação de adequar-se, por meios cirúrgicos, a padrões estéticos e culturais, apesar de ainda viverem a perspectiva de transformação natural de sua estrutura física.

Nessa questão, é importante distinguir entre cirurgias estéticas e reparadoras. Estas últimas, sem dúvida, proporcionam recuperação significativa para aqueles que sofrem de malformações ou traumas, contribuindo para a superação das difíceis condições que as provocaram. Porém, muitos pacientes buscam a cirurgia por conflitos de suas histórias de vida, frequentemente exacerbados por distúrbios de imagem, como os descritos nos transtornos dismórficos corporais (Coelho et al., 2017).

Alguns profissionais, conscientes dessas questões, convidam os pacientes à reflexão, reconhecendo que a cirurgia plástica não resolve questões emocionais, relacionais e pessoais mais profundas. No entanto, muitas vezes cedem à veemência de tais solicitações ou mesmo pela pressão de seu campo de atividades, sabendo que os pacientes facilmente encontrariam outros profissionais e colegas dispostos a realizar aqueles procedimentos.

Muitas pessoas que passaram por procedimentos estéticos se decepcionam com o resultado, levando a novas intervenções e, em alguns casos, agravando seu sofrimento. O descompasso entre o resultado técnico e a insatisfação do paciente muitas vezes é atribuído a “problemas psicológicos”, sem considerar as questões emocionais mais profundas envolvidas nessas reações, nem o fato de que o tratamento cirúrgico ou farmacológico, por si só, é incapaz de resolver esses conflitos internos. Uma pesquisa nos anais da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica de 2001 a 2005 aponta para a completa ausência de artigos sobre aspectos subjetivos, questões psicológicas, inconscientes, culturais ou sociais relacionados às cirurgias plásticas (Ferreira, 2011).

Dinâmicas semelhantes também caracterizam a busca pela perfeição corporal pela prática esportiva. Esvaziado de sua dimensão lúdica, o esporte torna-se um imperativo social e estético. Nesses casos, não apenas, como vimos, nas competições de alto nível, a prática esportiva muitas vezes se transforma em compulsão: horas de academia, esportes radicais e o uso de substâncias para moldar o corpo e melhorar o desempenho. Ao longo dos anos, gerações de “sarados” passaram a integrar tribos urbanas em busca de uma descarga explosiva, o que muitas vezes culmina em comportamentos violentos e descontrolados em grupos organizados (Volich, 2024).

A prática compulsiva de exercícios físicos atinge cerca de 3% da população em geral e 10% entre atletas de alto desempenho, para muitos tornando-se uma verdadeira adicção (Kelly, 2019). A combinação de adrenalina, endorfina e tensão física, potencializada pelo monitoramento via aplicativos e redes sociais, torna a prática pública e competitiva, exacerbando a busca por conquistas e perfeccionismo. À sombra dos corpos olímpicos, escondem-se lesões, fraturas, exaustão física e falhas no sistema imunológico, revelando a fragilidade que esses corpos “máquina” tentam ocultar.

Para muitos, essa constatação é insuportável, levando ao uso de substâncias dopantes e analgésicos, na tentativa de superar os limites do corpo. A insatisfação com o corpo, especialmente entre mulheres, alimenta a prática de exercícios excessivos e cirurgias estéticas, confundindo-se com transtornos dismórficos. Homens, por sua vez, recorrem a anabolizantes e esteroides para aumentar a musculatura, mesmo quando saudável, num comportamento conhecido como dismorfia muscular ou vigorexia.

Diferente do corpo imaginário da histeria, repleto de fantasias e dores, os corpos esculpidos por fármacos e exercícios carecem de sonhos e afetos. São pura massa e força, sem essência ou alma. Por trás das miragens de perfeição, despontam paisagens desérticas.

“Humano, demasiado humano”, como constatou Nietzsche (2000), lembrando a natureza paradoxal e insuportável da condição humana, apesar de todas as idealizações, marcada pela fragilidade e pelas limitações, pelo medo da morte e pela busca constante da negação e da superação dessas condições.

Freud o admirava e reconhecia que ele possuía um conhecimento profundo sobre a condição humana. Apesar de ter mantido uma “certa distância” da obra do filósofo para “não se deixar influenciar”,³ Freud compartilhou muitas de suas visões sobre nossa existência e sobre a natureza e relações do sujeito com o mundo e com seus semelhantes.

O pai da psicanálise passou sua vida a tentar entender as contingências do sofrimento humano e a tratar de suas manifestações, debruçando-se sobre a história, conflitos, traumas e experiências que participam desses processos. Em *Mal-estar da civilização* (Freud, 1980c), evidenciou três fontes principais desse sofrimento: a fraqueza do corpo (envelhecimento e doenças), a agressividade da natureza e os conflitos sociais. Sem alimentar as ilusões dos que buscam na religião e na ciência formas de mitigá-las, ele revelou que, apesar dos avanços da civilização, o ser humano continua e sempre continuará a viver estados de insatisfação, sofrimento e angústia (Freud, 1980e).

Tendo identificado o corpo (não só o “enfraquecido”...) como parte significativa não apenas de muitos sofrimentos, mas também da constituição de outras experiências do sujeito, Freud e vários outros psicanalistas dedicaram-se a compreender o lugar e as funções das vivências corporais nessas dinâmicas.

O CORPO, DA ESSÊNCIA À TRANSCENDÊNCIA

A experiência corporal é construída e forjada por vivências pessoais, relacionais e socioculturais (Le Breton, 2012; Csordas, 1993). Desde o nascimento, nossas relações com o corpo e com o outro moldam nossa subjetividade. O corpo, mais do que um mero objeto de admiração, é matriz da nossa existência, carregando as marcas de nossas experiências e encontros. Em busca de reconhecimento, todos oferecemos nossos corpos ao olhar do outro.

Da concepção até a morte, o corpo é o espaço onde nossa história se inscreve, com suas sensações, impressões e traços. Ele é nosso refúgio em momentos de dor e desamparo. Não é surpresa que, em um mundo cada vez mais incerto e fragmentado, voltemos nossa atenção para o corpo.

Nos primeiros tempos de vida, a sobrevivência e o desenvolvimento da criança dependem da presença de outro ser humano e da qualidade dessa presença. A mãe (ou aquele que exerce a função materna) não apenas satisfaz as necessidades vitais do bebê, mas também o protege contra estímulos externos e internos que ele ainda não consegue processar, função que Freud denominou “para-excitações” (Freud, 1980j; 1980a). A qualidade dessa presença é essencial para o desenvolvimento da autonomia, das competências e dos recursos psíquicos da criança (Volich, 2022; 2024).

A partir da noção freudiana de que as pulsões sexuais se apoiam nas pulsões de auto-conservação (Freud, 1980i), Christophe Dejours (1991) desenvolve o conceito de subversão libidinal do corpo biológico, processo que dá origem ao corpo erógeno. Esse fenômeno evidencia como, na interação com outro ser humano, as realidades anatômicas e fisiológicas são

³ “... neguei a mim mesmo o enorme prazer da leitura das obras de Nietzsche, com o propósito deliberado de não prejudicar, com qualquer espécie de ideias antecipatórias, a elaboração das impressões recebidas na psicanálise” (Freud, 1980b).

transcendidas, possibilitando a constituição de uma nova ordem — psíquica, imaginária e pulsional — na qual o desejo pode prevalecer sobre as necessidades fisiológicas.

A transição da vivência biológica para o corpo erógeno, do instinto para a pulsão, está diretamente ligada à qualidade das primeiras relações com o objeto. Elas influenciam o desenvolvimento do narcisismo, do aparelho psíquico e do equilíbrio entre as pulsões de vida (organizadoras) e de morte (desorganizadoras) (Freud, 1980a; Freud, 1980f).

A representação do corpo como fonte de prazer, para si e para o outro, é construída através das experiências de satisfação e frustração, acolhimento e rejeição. Essas vivências forjam o corpo erógeno e o corpo imaginário, que, em ressonância com as relações com o outro e com o mundo, configuram as experiências do sujeito (Volich, 2022).

Desde o nascimento, o ser humano é solicitado por estímulos internos e externos, que, quando excessivos, podem gerar desprazer, conflitos e experiências traumáticas potencialmente desorganizadoras da economia psicossomática do sujeito.

A constituição subjetiva e as instâncias psíquicas da primeira e segunda tópicas freudianas são forjadas a partir dessas dinâmicas organizadoras e desorganizadoras vividas ao longo do desenvolvimento (Freud, 1980h; 1980d). No estágio do espelho, como descrito por Lacan (1992), a subjetivação inicial da criança é marcada pelo contato com o desejo alienante do outro, que configura o ego ideal, herdeiro dos desejos parentais. A possibilidade de superação dessa condição a partir de identificações secundárias promove a constituição para o ideal do ego, que forma o superego.

O ego ideal, formado pelo narcisismo primário, reflete a onipotência compartilhada com a fantasia parental (Freud, 1980h). Dependendo da forma como a frustração e o desamparo são metabolizados e representados pelos cuidadores, a criança pode buscar a perfeição narcísica do ego ideal ou abrir-se à alteridade e ao amor do outro, constituindo o ideal do ego.

As proporções entre ego ideal e ideal do ego, relações narcísicas ou objetais, e a autonomia do sujeito sinalizam o grau de desenvolvimento de sua economia psicossomática. Quando essa organização é frágil, surgem expressões narcísicas e onipotentes do ego ideal, ou mesmo um superego tirânico e cruel, incapaz de adaptação. Como aponta Marty (1994), o ego ideal exige do sujeito uma perfeição intransigente, sem negociação ou adaptação à realidade exterior.

Essa fragilidade pode resultar em feridas narcísicas e movimentos desorganizadores do sujeito capazes de promover perturbações somáticas ou descargas pelo comportamento que, no limite, podem colocar em risco sua vida.

O sofrimento do sujeito no mundo contemporâneo surge muitas vezes da combinação explosiva dessas dinâmicas. A busca pelo gozo absoluto pode ser, ao mesmo tempo, uma tentativa de proteção e de descarga com relação a todas essas tensões, desconsiderando tanto a realidade como diferenças pessoais e sociais. Essas tensões podem também se manifestar como culpa e atitudes autodestrutivas, ou ainda como violência contra o outro e contra a sociedade, algumas vezes potencializadas pelas dinâmicas de grupo e de massa (Freud, 1980g).

Em várias situações, dinâmicas narcísicas primitivas, ligadas ao ego ideal, capturam o sujeito em processos alienantes, levando-o a aderir a promessas ilusórias de amor, gozo e busca de reconhecimento, numa tentativa de encobrir seu vazio, medo e fragilidade.

Essas dinâmicas, marcadas por falhas relacionais e fragilidades da constituição subjetiva e da economia psicossomática, favorecem o surgimento de manifestações corporais marcadas pelo excesso, pela repetição e pela fragilidade narcísica.

DOS IDEAIS AOS EXCESSOS

Para descrever funcionamentos resultantes desses processos, Szwec (1983) evoca a imagem das galés, embarcações de guerra da Antiguidade, impulsionadas pela força de grandes grupos de remadores, geralmente escravos ou condenados a trabalhos forçados. Ele descreve o comportamento de muitos sujeitos contemporâneos que, apesar de livres, submetem-se voluntariamente à repetição de ações e gestos que vão além do prazer que eles parecem propiciar. Szwec os denomina *galés voluntários*, fascinados por movimentos e ações repetitivas de seus corpos e suas vidas, funcionando de maneira operatória, sem sentido ou prazer, que buscam utilizar essas atividades como defesas contra o desamparo.

A estridência, o ritmo e a intensidade de alguns estilos musicais, como os ouvidos em raves e certas baladas e atividades esportivas, como algumas que descrevemos, esportes radicais e gestos cotidianos, como dirigir agressivamente ou fumar, constituem-se como formas automáticas de descarregar tensões. Realizadas em clima de urgência, essas ações podem se tornar repetitivas e operar como *procedimentos autocalmantes*, um reflexo da precariedade psíquica, que, paradoxalmente, buscando acalmar o sujeito, precisa provocar a intensificação da tensão e da excitação (Smadja, 1993).

Esses comportamentos, brutos e desprovidos de carga simbólica, curto-circuitam a via representativa e fantasmática, frequentemente envolvendo dor e até automutilações. São tentativas de trazer calma ao aparelho psíquico apenas pela descarga, assim como uma mãe que tenta acalmar seu bebê a qualquer custo, sem, no entanto, propiciar-lhe experiências de satisfação, aquelas que poderiam verdadeiramente tranquilizá-lo, abrindo o caminho para a internalização do objeto, para a experiência alucinatória e para a autonomia psíquica e subjetiva.

Carências nas relações primitivas podem levar a criança a internalizar o embalo “calmante não gratificante” da mãe, como forma de evitar o vazio depressivo. Contudo, a tentativa de apaziguamento exclusivo pela excitação é frustrada pela incapacidade da criança de prescindir do corpo materno real ou de seus sucedâneos, permanecendo sem fantasia ou prazer (Fain, 1971).

Forma-se na criança uma falsa necessidade, tão imperativa quanto os instintos de autoconservação, que acentua sua dependência do objeto real de satisfação, prejudicando a capacidade de experimentar pela alucinação primitiva o que poderia favorecer sua autonomia. Esse processo também perturba a criação de um objeto interno satisfatório, no desenvolvimento do autoerotismo e nos recursos representativos da criança, comprometendo seu crescimento psíquico.

Tais precariedades do mundo interno e dos recursos representativos levam à hipervalorização da realidade externa, resultando em uma forte dependência dos objetos externos de satisfação. Nessa dinâmica, agradar o outro, atender às suas expectativas e ideais pode, em certos momentos, ser percebido pelo sujeito como uma questão vital, quase de sobrevivência. Entre muitas outras consequências, o corpo pode também se tornar um palco privilegiado para o embate em que as normas e a ideologia social se sobreponham às experiências, ao reconhecimento e à legitimação das vivências e apropriações subjetivas desse corpo (Csordas, 1993).

Na precarização desses modos de funcionamento dos primeiros tempos de desenvolvimento, encontram-se as raízes de muitas distorções da percepção do corpo próprio, de experiências de alienação corporal e, conseqüentemente, de diversas manifestações de sofrimento e mal-estar contemporâneos, como adições, comportamentos impulsivos, automutilações, entre outros. Além disso, é importante também reconhecer a presença desses funcionamentos em atividades cotidianas aparentemente inofensivas, como a prática de esportes, a comunicação digital, os jogos e apostas on-line, o uso de dispositivos eletrônicos, a participação em mídias sociais e os cuidados alimentares, especialmente quando estão marcados por excessos.

Há cerca de 40 anos, Michel de M'Uzan (1984) abordou as preocupantes manifestações nos comportamentos daqueles que denominou *escravos da quantidade*. Ele se referia ao desejo insaciável de prazer em certas pessoas, para as quais a quantidade, o excesso e o acúmulo se tornam um destino em si, em decorrência da impossibilidade dessas pessoas de elaborá-las e transformá-las em qualidades, criações, relações humanas significativas.

Antes ainda de M'Uzan, Adorno (1995) alertava para a armadilha da fascinação, fetichização e captura pela tecnologia e por muitas das ilusões que ela propicia, que contribuem para esvaziar as dimensões subjetivas, relacionais e sociais humanas. A precariedade dos recursos subjetivos e libidinais fruto de nosso modo de vida resultaria na insuficiência para relações humanas complexas na diminuição da capacidade de amar. Essa reduzida capacidade de amar seria então destinada aos meios tecnológicos, às coisas, às máquinas.

Já há algum tempo, enfrentamos os complexos desdobramentos da aceleração do desenvolvimento tecnológico e das estruturas econômicas, que impactam a educação, os modos de vida e as formas de subjetivação contemporâneos.

Mais recentemente, cada vez mais autores, como Bauman (2001), apontam para a aceleração de tais dinâmicas, percebidas e intuídas por Adorno, e para os efeitos dessas dinâmicas nas mais diferentes esferas de nossa existência. Ele descreve suas implicações nas relações sociais e pessoais fluidas, que, em busca de aceitação e pertencimento, afetam as vivências corporais e até mesmo formatam e regulam desejos. Em *Sociedade do cansaço*, Byung-Chul Han (2015) destaca igualmente essas manifestações e denuncia a cultura da performance e a ilusão da liberdade individual que, mascarando a pressão para atingir padrões inalcançáveis, resultam na autoexploração e em exaustão psíquica e física. Por sua vez, Anna Lembke (2022), em *Nação dopamina*, e Jonathan Haidt (2024), em *Geração ansiosa*, descrevem especificamente os efeitos nocivos da tecnologia e o uso excessivo das formas virtuais de comunicação, aprendizado e relações sociais, que reforçam a pressão social e a busca incessante por gratificação e reconhecimento, pelo prazer imediato que leva à dependência crescente do olhar do outro.

“Humano, demasiado humano”... Carregamos em nossos corpos essa natureza paradoxal. Inicial e inevitavelmente desamparado e dependente, pode o corpo, pela relação com seu semelhante, superar essa condição e tornar-se potente sem deixar de ser frágil. Palco de nossas lutas, triunfos e quedas, vivemos no corpo marcas visíveis e invisíveis, testemunhas de nossa história, de tudo o que nos atravessa: do sofrimento à possibilidade de transcendência, da superação à possibilidade de uma irresistível submissão. É o corpo que abriga nossas contradições mais profundas, moldado por desejos e limites, por conquistas e por dores.

Os excessos, a alienação, a captura por ideais onipotentes, o individualismo exacerbado, a banalização do sofrimento, a apatia frente às desigualdades são alguns dos fatores que ameaçam o frágil equilíbrio de todas essas condições.

A negação da alteridade e de nossa dependência existencial do outro, o dismantelamento dos laços sociais e a devastação do planeta em que vivemos efetivamente nos ameaça de sermos reduzidos à nossa essência mais fundamental: um amontoado de células, processos bioquímicos e fisiológicos, pedaços de carne sem alma. Desumanos.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. Trad. de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- COELHO, Fernanda Dias et al. Cirurgia plástica estética e (in) satisfação corporal: uma visão atual. *Revista Brasileira de Cirurgia Plástica*, v. 32, n. 1, p. 135-140, 2017. Disponível em: <http://www.rbcp.org.br/details/1824/pt-BR/cirurgia-plastica-estetica-e--in--satisfacao-corporal--uma-visao-atual>.
- CSORDAS, Thomas J. Somatic modes of attention. *Cultural Anthropology*, v. 8, n. 2, p. 135-156, 1993.
- DEJOURS, Christophe. *Repressão e subversão em psicossomática: investigações psicanalíticas sobre o corpo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- FAIN, Michel. Prélude à la vie fantasmatique. *Revue Française de Psychanalyse*, v. 35, p. 291-364, 1971.
- FERREIRA, Francisco Romão. Cirurgias estéticas, discurso médico e saúde. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, v. 16, n. 5, maio 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000500006>.
- FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1980a. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XVII).
- FREUD, Sigmund. *História do movimento psicanalítico*. Rio de Janeiro: Imago, 1980b. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XIV).
- FREUD, Sigmund. *Mal-estar da civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1980c. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XXI).
- FREUD, Sigmund. *O ego e o id*. Rio de Janeiro: Imago, 1980d. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XIX).
- FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 1980e. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XXI).
- FREUD, Sigmund. *O instinto e suas vicissitudes*. Rio de Janeiro: Imago, 1980f. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XIV).
- FREUD, Sigmund. *Psicologia de grupo e análise do ego*. Rio de Janeiro: Imago, 1980g. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XVIII).
- FREUD, Sigmund. *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Rio de Janeiro: Imago, 1980h. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XIV).
- FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1980i. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. VII).
- FREUD, Sigmund. *Projeto para uma psicologia científica*. Rio de Janeiro: Imago, 1980j. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. I).
- GARCIA, Mariana. Mamas, rinoplastia e lipo: Brasil está entre países que mais fazem cirurgias plásticas. *G1*, 3 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2022/07/03/mamas-rinoplastia-e-lipo-brasil-esta-entre-paises-que-mais-fazem-cirurgias-plasticas-veja-lista-e-ranking.ghtml>.
- HAIDT, Jonathan. *Geração ansiosa: como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- INTERNATIONAL SOCIETY OF AESTHETIC PLASTIC SURGERY (ISAPS). *International survey on aesthetic cosmetic procedures 2020*. 2021. Disponível em: https://www.isaps.org/media/evbbfapi/isaps-global-survey_2020.pdf.
- KELLY, Nicola. Vício em exercícios físicos: como o esporte pode se tornar uma obsessão nada saudável. *BBC News*, 10 dez. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-50721518>.
- LACAN, Jacques. (1949). O estádio do espelho com formador da função do Eu. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

- LE BRETON, David. *La sociologie du corps*. Paris: Presses Universitaires de France, 2012.
- LEMBKE, A. *Nação dopamina: por que o excesso de prazer está nos deixando infelizes e o que podemos fazer para mudar*. São Paulo: Vestígio, 2022.
- MARTY, Pierre. *A psicossomática do adulto*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- M'UZAN, Michel de. Les esclaves de la quantité. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, v. 30, p. 129-138, 1984.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SMADJA, Claude. A propos des procédés autocalmants du moi. *Revue Française de Psychanalyse*, v. 4, p. 9-26, 1993.
- SZWEC, Gérard. Les procédés autocalmants par la recherche de l'excitation: les galériens volontaires. *Revue Française de Psychosomatique*, v. 4, n. 27-52, 1983.
- VOLICH, Rubens M. *Impasses da alma, desafios do corpo*. Figuras da hipocondria. 4. ed. São Paulo: Blucher, 2024.
- VOLICH, Rubens M. *Psicossomática, de Hipócrates à psicanálise*. 8. ed. São Paulo: Blucher, 2022.

Artigo enviado: 12 de março de 2025

Artigo aceito: 11 de maio de 2025

ENTREVISTA CON MARINA CALVO: HOMENAJE A SILVIA BLEICHMAR

INTERVIEW WITH MARINA CALVO: TRIBUTE TO SILVIA BLEICHMAR
ENTREVISTA COM MARINA CALVO: HOMENAGEM A SILVIA BLEICHMAR

Marina Calvo¹

Resumen: La psicoanalista Marina Calvo, hija de Silvia Bleichmar, ofrece un testimonio íntimo y reflexivo sobre la trayectoria vital e intelectual de su madre, con quien compartió no solo vínculos familiares, sino también un profundo compromiso con el psicoanálisis. A lo largo de la entrevista, Marina destaca aspectos centrales del pensamiento de Bleichmar, especialmente su concepción singular del psiquismo y del proceso de subjetivación, con énfasis en la represión originaria entendida como una condición estructural ligada a la inscripción de marcas constitutivas en el sujeto. Resalta también el compromiso ético y clínico de Bleichmar, quien siempre buscó interrogar la práctica psicoanalítica a partir de una escucha no dogmática y atenta a la singularidad de cada persona. Para Marina, el psicoanálisis propuesto por su madre apuesta por la neogénesis, por la posibilidad de producir algo nuevo, abriendo espacio para transformaciones incluso frente a la repetición. Se trata, así, de un psicoanálisis vivo, que resiste la rigidez teórica y se mantiene comprometido con la potencia transformadora del proceso analítico.

Palabras clave: Subjetividad. Constitución psíquica. Neogénesis.

Abstract: Psychoanalyst Marina Calvo, daughter of Silvia Bleichmar, offers an intimate and reflective account of her mother's life and intellectual journey, with whom she shared not only family ties but also a deep engagement with psychoanalysis. Throughout the interview, Marina highlights central aspects of Bleichmar's thought, particularly her unique conception of the psyche and the process of subjectivation, with an emphasis on primal repression understood as a structural condition tied to the inscription of constitutive marks in the subject. She also emphasizes Bleichmar's ethical and clinical commitment, marked by a consistent effort to question psychoanalytic practice through a non-dogmatic listening attentive to each individual's singularity. For Marina, the psychoanalysis envisioned by her mother is rooted in neogenesis, the possibility of generating something new, thus opening space for transformation even in the face of repetition. It is, therefore, a living psychoanalysis, resistant to theoretical rigidity and committed to the transformative potential of the analytic process.

Keywords: Subjectivity. Psychic constitution. Neogenesis.

¹ Psicóloga, Psicoanalista. Licenciada en Psicología y en Ciencias de la Comunicación, realizó ambas carreras en la Universidad de Buenos Aires (UBA). Es miembro de la Asociación Trabajo del Psicoanálisis y ha sido docente de posgrado en la Facultad de Psicología (UBA) y de grado en la Facultad de Sociales (UBA). Además, ha dictado clases en diversos espacios de formación en Hospitales e Instituciones de Argentina: Centro de Salud Mental N1 "Dr. Hugo Rosarios"; Hospital de Niños "Dr. Ricardo Gutiérrez"; Hospital General de Agudos P. Piñero; Hospital General de Agudos "Evita" (Lanús) y Hospital de Clínicas "José de San Martín" entre otros. Entre 2017 y la actualidad organizó las primeras cuatro ediciones del "Coloquio Silvia Bleichmar", dedicado a la obra de dicha autora (con la que además se formó). Ha traducido a Jean Laplanche para Amorrortu Editores (Problemáticas V) y ha publicado sus propios textos en las revistas Caliban (FEPAL), Aperturas Psicoanalíticas (Madrid), Actualidad Psicológica y Topía entre otras. Además, ha colaborado en libros colectivos publicados por la Editorial de la Universidad Nacional de La Plata (EDULP), Editorial Sulina (Porto Alegre, Brasil), así como en el Diccionario de Psicoanálisis Argentino publicado por la Asociación Psicoanalítica Argentina para el cual redactó la entrada "Silvia Bleichmar". E-mail: marinaicalvo@gmail.com

Resumo: A psicanalista Marina Calvo, filha de Silvia Bleichmar, oferece um testemunho íntimo e reflexivo sobre a trajetória vital e intelectual de sua mãe, com quem compartilhou não apenas laços familiares, mas também um profundo envolvimento com a psicanálise. Ao longo da entrevista, Marina destaca aspectos centrais do pensamento de Bleichmar, especialmente sua concepção singular do psiquismo e do processo de subjetivação, com ênfase no recalque originário entendido como uma condição estrutural ligada à inscrição de marcas constitutivas no sujeito. Ressalta ainda o compromisso ético e clínico de Bleichmar, que sempre buscou interrogar a prática psicanalítica a partir de uma escuta não dogmática e atenta à singularidade de cada um. Para Marina, a psicanálise proposta por sua mãe aposta na neogênese, na possibilidade de produzir algo novo, abrindo espaço para transformações mesmo diante da repetição. Trata-se, assim, de uma psicanálise viva, que resiste à rigidez teórica e mantém-se comprometida com a potência transformadora do processo analítico.

Palavras-chave: Subjetividade. Constituição psíquica. Neogênese.

– 1) ¿EN QUÉ MOMENTO DE SU VIDA SE ACERCÓ A LA OBRA DE SU MADRE, LA PSICOANALISTA SILVIA BLEICHMAR? ¿Y QUÉ FUE LO QUE MÁS LE CONECTÓ CON SUS ESCRITOS?

Es una pregunta interesante ya que marca mi doble posicionamiento respecto a Silvia Bleichmar, en tanto madre por un lado y como referente en relación al psicoanálisis por el otro.

Como madre e hija —tal como ya he tenido oportunidad de compartir—, tuvimos una relación muy próxima, amorosa, respetuosa, y, aun así, no exenta de desacuerdos y diferencias que jamás implicaron distanciamiento afectivo.

Mi madre era muy joven en el momento de mi nacimiento, 22 años, y en ese sentido —tal vez también por la marca cultural de los años sesenta— tuve la posibilidad de estar cerca de su derrotero vital y profesional, desde muy pequeña.

Es más, habiendo hecho ella la carrera de sociología con anterioridad, cursó sus estudios de psicología durante mi primera infancia, con lo cual —aún en la asimetría que define al vínculo materno-filial— mis recuerdos se extienden también a esos años de la debutante Bleichmar analista.

Compartimos el viaje a París donde presentó sus ideas a Jean Laplanche para que la acogiera como doctoranda, la aguardé en la pequeña sala de espera de la Rue de Varennes mientras se desarrollaba esa entrevista, y luego, salimos a festejar caminando por la ciudad mientras comíamos las uvas más enormes que habíamos visto en nuestra vida.

Como hija, estuve allí viéndola estudiar, construir ideas, debatirse con maestros y pares. Como analista, fui yo la que se acercó tardíamente a la obra. No porque no la considerara una obra brillante y original —que lo es, por supuesto—, sino porque mi recorrido profesional durante largo tiempo se realizó por fuera del campo psi.

No podría haberme acercado, ni a sus textos, ni al psicoanálisis, si no hubiera sido a partir de su generosidad y respeto por el pensamiento ajeno, pero también, gracias a mi propio análisis con Marilú Pelento, quien con su inteligencia y escucha amorosa me permitió descubrir de manera legítima cómo se hace propio lo que se hereda, tal como recuperaba Freud citando a Goethe.

Los escritos de mi madre —como suele decir Juan Carlos Volnovich— “contagian inteligencia”, interpelan al lector confiando conmoviendo al sujeto crítico que lo habita; son profundos y rigurosos, pero, a la vez, guiados por una voluntad de transmisión que no resulta ni simplificada ni infantilizante; textos contruidos con el anhelo de revisar lo establecido cuando deviene alienante y que apuntan a pensar con los demás, tanto nuevas respuestas como nuevas preguntas.

En lo personal, considero que su primer libro, *En los orígenes del sujeto psíquico* (publicación de su tesis de doctorado defendida con honores en Paris VII), contiene ya su originalísima propuesta respecto a la represión originaria y un salto “del mito a la historia” partiendo de las condiciones de constitución del aparato psíquico. Pero también, es el puntapié para un pensamiento cada día más personal con un profundo anclaje en la revisión problemática de quienes la antecedieron en la disciplina.

Lo histórico y lo traumático recorren todos sus textos, pero no en un deslizamiento hacia las ciencias sociales, sino como fundamento respecto a un aparato fundado de manera exógena a partir de la implantación de la pulsión que produce el otro; y cuyo carácter inconsciente, infantil, autoerótico y deseante, sienta las bases de un conflicto intrapsíquico central cuyo destino marcará también los destinos del sujeto.

Basta recorrer los títulos de su obra para identificar de qué manera el teorizar sobre alguna cuestión en particular —siempre sobre la base de los interrogantes que la práctica le planteaba— la confrontaba con nuevos dilemas u obstáculos.

Sus primeros libros implican una teórica que se despliega respecto a los tiempos de constitución del aparato psíquico y el impacto de esta misma tanto en la psicopatología como en la clínica: de la implantación de la pulsión a la instalación de la represión originaria y el clivaje del aparato; del narcisismo trasvasante y primario a la constitución de la instancia yoica y el narcisismo secundario; del amor del semejante a su constitución como objeto de amor ligado también respecto a las instancias ideales; etc.

Sin embargo, sus preocupaciones (y su escritura) iban un poco más allá.

Convocada por una voluntad de mitigar el sufrimiento psíquico del semejante, la interpelaban, tanto los efectos del traumatismo ampliado cuyas marcas seguían agitando de modo fantasmático las almas de quienes la consultaban, como aquellos del traumatismo en sentido restringido tan frecuente a partir de las dramáticas catástrofes sociales que atravesaron a sus congéneres y conciudadanos... Silvia se regía más por una concepción de humanidad ampliada sostenida en un contrato social igualitarista y democrático que por la restringida categoría de *coetáneos*.

La vida en América Latina, siempre requirió esfuerzos de simbolización y metabolización particulares: el Terrorismo como forma de gobierno, el exilio, la tortura, la desaparición y exterminio de su generación, la sobreexplotación y la miseria, así como las catástrofes naturales amplificadas por la corrupción y el retiro del Estado —terremotos, aludes, inundaciones, etc. Y hacia allí dirigió su afán.

Volviendo a la cuestión de mi propia conexión con la obra, me interpelan tanto su rigurosidad como la generosa curiosidad que la atraviesa, su posicionamiento ético, su marcada lucidez, su irreverencia y esa capacidad notable de agitar el pensamiento de quien la lee obligando a un reacomodamiento siempre estimulante, alejado de la repetición y de la pulsión de muerte.

– 2) **SILVIA BLEICHMAR HA DESARROLLADO UN TRABAJO QUE ENFATIZA LA CONSTITUCIÓN DEL APARATO PSÍQUICO A PARTIR DE LA INSCRIPCIÓN DE MARCAS ORIGINARIAS, ASÍ COMO EL LUGAR DE LA ALTERIDAD EN LA CONSTITUCIÓN DEL SUJETO PSÍQUICO. DESDE ESTA PERSPECTIVA, ¿QUÉ REFERENCIAS Y EXPERIENCIAS EN LA TRAYECTORIA DE SILVIA BLEICHMAR CREE QUE FUERON FUNDAMENTALES PARA LA CONSTRUCCIÓN DE SUS FORMULACIONES TEÓRICAS?**

Aquí diferenciaría las *experiencias* de las *referencias*.

Respecto a las primeras, las *experiencias*, diría que —como Silvia misma describió en la introducción de su primer libro— en la Argentina de los 70, la clínica con niños pivoteaba fuertemente entre el estructuralismo francés lacaniano y la tradición endogenista kleiniana; dos referentes centrales que moldeaban mayoritariamente los modos de intervención.

Esto, sostenía, la dejaba en una posición tanto de encorsetamiento respecto a la práctica (todo lo que no se podía o debía hacer), como de desesperanza terapéutica (sea por la inmanencia de la estructura o por la inmutabilidad de la pulsión) frente a sus pacientes.

Si este obstáculo la llevó a repreguntarse respecto de los modelos teóricos vigentes, la lectura del Coloquio de Bonneval y la discusión allí presente respecto al realismo del inconsciente, le allanó el camino para una indagación en pos de rastrear los tiempos de estructuración del aparato, cuestión central para la intervención en tiempos de infancia.

La propuesta freudiana, enunciada pero no desplegada en la Metapsicología,² de una represión anterior a la represión secundaria (o propiamente dicha), como condición necesaria para el clivaje del aparato, le resultó una vía estimulante para trabajar sobre una estructura con una génesis y para dar cuenta de sus diversos momentos de organización claramente identificables.

A partir de una “estructura edípica de partida”, lo traumático vivencial proveniente del encuentro con el otro de la sexualidad, produce de manera exógena inscripciones inéditas que por vía de metábola generan un producto único, no anticipable por sus condiciones previas de producción

Los tiempos del aparato psíquico quedan así por lo tanto delimitados por momentos de reorganización estructural, contingentes, definidos por:

- La implantación de la pulsión y la emergencia del autoerotismo; primer tiempo de la sexualidad (pero segundo tiempo de la vida biológica) que puede o no ocurrir.
- La instauración de la represión originaria y clivaje del aparato con la correlativa fundación de una tópica en conflicto a partir de la existencia tanto del lcc como del sistema Pccc-Cc (segundo tiempo de la sexualidad)
- La producción de las instancias ideales en relación al atravesamiento edípico, pero cuyas condiciones anteriores se sostienen en el amor *del* y *al* semejante, entendiendo la castración como castración ontológica y no como fantasma o amenaza imaginaria en una novela edípica con sesgos tanto de época como de género.

Entre las *experiencias*, también señalaría su intervención en momentos de dismantelamiento de la subjetividad —o caída del yo— por el impacto tópico de lo traumático en sentido restringido, en un aparato constituido a dominancia neurótica, pero, con corrientes que no se subsumen del todo a este modo de organización general del aparato.

La eficacia limitada de ciertos modelos teóricos para dicha intervención, su histo-

² “Pues bien; tenemos razones para suponer una represión primordial, una primera fase de la represión que consiste en que a la agencia representante {Representanz} psíquica (agencia representante-representación) de la pulsión se le deniega la admisión en lo consciente. Así se establece una fijación; a partir de ese momento la agencia representante en cuestión persiste inmutable y la pulsión sigue ligada a ella” (Freud, 1992b, p. 143).

ria política, una concepción materialista (y no espiritualista) de los fenómenos, así como el frecuente sufrimiento psíquico presente en nuestras geografías, la condujeron a una problematización de recursos heredados que se mostraban insuficientes —cuando no netamente iatrogénicos— respecto a la práctica (hoy llamada situada).

Respecto a las *referencias*, podría decir que en su obra estas son múltiples.

Siendo una esforzada intelectual, la atravesaba un profundo respeto por los intentos de resolución de los grandes problemas que conmovían y conmueven aun hoy a nuestro campo. Los maestros históricos, pero aún vigentes, con Freud a la cabeza... Lacan, Klein, Winnicott, Laplanche, Bion, Mahler, Etchegoyen y otros, encuentran un lugar en su pensamiento.

No se trata de una combinación pragmática o ecléctica, ni de alienación al maestro de manera dogmática; la obra de todos ellos es atravesada por una lectura problemática, pero, sobre todo, devienen interlocutores válidos en un diálogo que reconoce tanto su sostenido esfuerzo de dilucidación de los grandes interrogantes del campo, como sus impases y contradicciones.

El mismo trabajo que no sin zozobra realizamos hoy respecto a la obra de la misma Silvia para sostener su vigencia (en aquello que sí lo tiene) y su alcance en aquello que nos resulta punto de partida y no de llegada.

Pero sumaría además que entre las *referencias* esenciales se encontraban sus pacientes; la teoría nunca fue, como dijo alguna vez, “una paquetería”³. Su obra se despliega entre la herencia teórica de quienes la precedieron en el campo del psicoanálisis con honestidad y curiosidad genuina, pero es inseparable de *Dani* (el niño que no podía dormir), *Wanda* (y las marcas de lo traumático), *Paula* (callándose, mientras caían tanto ella como su madre), *Alberto* (pidiendo ser nombrado por Silvia para que su cabeza lograra detenerse), y tantos otros que poblaron su consultorio con una exigencia de trabajo indelegable.⁴

– 3) LA TRANSMISIÓN TEÓRICA DE SILVIA BLEICHMAR ES PODEROSA PARA PROFUNDIZAR LAS REFLEXIONES SOBRE LA CONTEMPORANEIDAD Y SUS COMPLEJIDADES. EN LA RECIENTE CATÁSTROFE VIVIDA EN RIO GRANDE DO SUL DEBIDO A LAS INUNDACIONES DE MAYO DE 2024, VARIOS PSICOANALISTAS DE LA SIGMUND FREUD ASOCIACIÓN PSICOANALÍTICA REALIZARON MOVIMIENTOS DE ESCUCHA E INTERVENCIONES EN DIFERENTES CONTEXTOS. COMO SOPORTE TEÓRICO, LAS IDEAS ABORDADAS EN “PSICOANÁLISIS EXTRAMUROS” SE MOSTRARON ACTUALIZADAS EN TÉRMINOS DE PROPORCIONAR APOYO METAPSICOLÓGICO PARA LA COMPRESIÓN DE LO TRAUMÁTICO Y LAS POSIBLES INTERVENCIONES. EN ESTE SENTIDO, ¿QUÉ DESTACARÍA COMO PUNTO NODAL DEL LEGADO DE SILVIA BLEICHMAR EN UN MUNDO ATRAVESADO POR LA VIOLENCIA, EL TRAUMA Y LAS CATÁSTROFES?

Respecto al traumatismo en sentido restringido, que es aquel al que hace referencia la pregunta (el terremoto mexicano, las inundaciones en Rio Grande do Sul, la violencia institucional y las formas de la crueldad del capitalismo tardío), recuperaría que, en tanto analistas, hemos conservado una afirmación presente en el texto *Psicoanálisis Extramuros*, que resulta altamente fecunda para orientar nuestras intervenciones: “el terremoto está en la cabeza de cada uno” (Bleichmar, 2010, p. 42).

Habiendo trabajado tanto respecto al traumatismo de los orígenes (traumatismo en sentido ampliado) como lo traumático para el yo, la figura de un “terremoto interior” permite no atribuir significación a priori al impacto de lo real en el psiquismo.

³ Ver texto completo en link <https://silviableichmar.com/es-la-teoria-una-paqueteria/>

⁴ *Dani*, *Wanda*, *Alberto* y *Paula*, son los nombres elegidos por Silvia para algunos de los historiales de uno de sus libros y cuyas vivencias y padecimiento sirvieron, no para ilustrar la teoría, sino para conmovierla. Ver Bleichmar (1993).

Por supuesto, la cuestión del traumatismo es una *vía regia* para pensar un aparato abierto a lo real, pero este real, este orden de lo acontecimental, no deja de inscribirse en una serie psíquica determinada por las posibilidades de simbolización de cada psiquismo afectado por cualquier tipo de catástrofes.

Bleichmar trabajó fuertemente en esta dirección definiendo lo traumático en términos de ecuación: el impacto de aquello con lo que el psiquismo debe lidiar o aquello a lo que se ve confrontado, por un lado, y su capacidad ligadora, metabolizante, simbolizante, respecto a dicho resto de lo real.

La diferencia entre traumatismo y catástrofe se apuntala precisamente allí: las catástrofes, naturales, socio-históricas, singulares (abusos intrafamiliares, por ejemplo), implican un factor económico que podemos ubicar como del orden de la *fuerza traumática*, en ese sentido lo traumático implica el arrasamiento del psiquismo en términos económicos (la perforación de la membrana antiestímulo/paraexcitación, el anegamiento del sistema, choque y efracción).

Pero, además, la posibilidad de que dicho acontecimiento logre o no ser simbolizado, es decir, inscripto en una serie psíquica por medio de representaciones —que es la única manera en que se producen los procesos de ligazón: entre dos representaciones o entre un afecto y una representación—, va a residir también en la capacidad “metabolizante” del aparato.

Y —para jugar con las dos escenas freudianas planteadas en los estudios sobre la historia— en la *idoneidad determinante* del acontecimiento respecto a los recursos representacionales del psiquismo de manera altamente individual.

Ahora bien. Lo actual incita nuevas formas de lo traumático. Nuestras certezas colectivas se encuentran en jaque, la idea de exterminio sobrevuela nuestras mentes —y lo que es aún peor, la de la generación que nos relevará en términos de especie—, las derechas avanzan en el mundo, la crueldad se ejerce y expresa sin veladura, las redes y los medios amplifican imágenes distópicas de manera altamente traumatizante.

El psicoanálisis no se encuentra al margen de estos cambios y, sin embargo, su potencia radica no solo en ser una gran teoría de la subjetividad en términos de Silvia, sino también en su capacidad de intervenir allí donde la desligazón ataca, no solo al psiquismo sino también a sus objetos de amor, ante el fracaso de la potencia ligadora de lo sexual-desexualizado.

En ese sentido, no deja de ser esperanzador que tantos seres humanos se acerquen a nuestra práctica no para afinar sus estrategias de supervivencia en un mundo cada vez más competitivo y cruel, sino para comprender y resolver el sufrimiento que se desprende de los modos en los que aman, odian y enfrentan, tanto los enigmas que los conmocionan, como la finitud de sus propias vidas.

– 4) A LO LARGO DE SU OBRA, SILVIA BLEICHMAR SOSTIENE UN EJE DE INVESTIGACIÓN QUE SE PROPONE DEFINIR LOS MOVIMIENTOS FUNDADORES DEL INCONSCIENTE, RESITUANDO EL PARADIGMA DEL ORIGINARIO, QUE HA POSIBILITADO IMPORTANTES AVANCES TEÓRICOS Y AMPLIADO LOS LÍMITES DE LA ANALIZABILIDAD. ALGUNAS DE SUS PROPUESTAS MÁS ORIGINALES SE CONSTRUYEN SOBRE ESTE TERRENO, COMO LA DIFERENCIACIÓN ENTRE “SÍNTOMA” Y “TRASTORNO”. AL DELIMITAR LAS ESPECIFICIDADES DE CADA UNO DE ESTOS OPERADORES TEÓRICOS, EXPLICA QUE EL TÉRMINO “SÍNTOMA” SE REFIERE A UN CONFLICTO INTERSISTÉMICO (ES DECIR, INTRASUBJETIVO) Y “TRASTORNO” DESIGNA UN FALLO PARCIAL O TOTAL EN LA CONSTITUCIÓN DE LA TÓPICA PSÍQUICA. EN SU TEORIZACIÓN, SILVIA BLEICHMAR HACE HINCAPIÉ EN EL PROCESO DE NEOGÉNESIS, AFIRMANDO QUE, ESPECIALMENTE CUANDO SE INTERVIENE EN LOS MOMENTOS ESTRUCTURANTES DEL APARATO PSÍQUICO, COMO ES EL CASO DE LAS INTERVENCIONES

DURANTE LA INFANCIA, ES POSIBLE PRODUCIR ALGO QUE NO ESTABA ALLÍ Y QUE SE PRODUCE «IN SITU» COMO RESULTADO DE LA INTERVENCIÓN ANALÍTICA. EN SU OPINIÓN, ¿QUÉ IMPACTO TENDRÍAN ESTAS FORMULACIONES EN LA CLÍNICA PSICOANALÍTICA?

Es una pregunta muy compleja ya que incluye una multiplicidad de variables.

Pero vayamos a la cuestión de los procesos de neogénesis para plantear, en principio, que los mismos podrían producirse en todo análisis y no solamente en aquellos que se despliegan en tiempos de infancia...

Dejemos para otro momento la diferenciación entre síntoma y trastorno que depende no solamente de los tiempos de estructuración del aparato (si bien los trastornos son la modalidad príncipes del sufrimiento en niños y niñas muy pequeños), sabiendo además que algunos trastornos pueden coexistir con síntomas simbólicos, tratándose de presentaciones sufrientes simultáneas y diversas en sujetos bien constituidos.

El aparato psíquico es un aparato abierto a lo real por su polo de ingreso, en tanto que el lcc encuentra sus vías de progresión hacia la motilidad y el sistema Prcc-Cc, coartadas tanto por la fuerza de fijación y caza de la represión como por los esfuerzos de contrainvestimento permanentes que se le aplican como fuerza contraria (que pueden resultar, cuando fracasa la represión, incluso empobrecedores).

En este sentido, y contrariamente a la idea tan escépticamente sartreana de que “la suerte está echada”, en el trabajo de análisis no todas las cartas están de inicio sobre la mesa.

Así como los movimientos de apertura no definen todas las jugadas posteriores, no todo es mera repetición... ni en el psiquismo ni en la vida de quienes nos consultan. Esta falsa vía empobrecedora solo ha logrado analistas aburridos con su propia tarea y analizantes adiestrados en racionalizaciones recortadas de la teoría que en nada modifican de sus propios síntomas.

Pero siguiendo la máxima freudiana de que el método se despliega entre la asociación libre y la atención flotante, la idea de procesos de neogénesis amplía el campo de intervención más allá de lo que se supone “emerge” levantando represiones o por vía *di porre* o *de levare*.

Para Silvia, el análisis implica un trabajo no solo de “resignificación”, en términos de mutación del campo semántico, sino de desligazón y religazón, que por apres-coup, y en una temporalidad no lineal, modifica a posteriori —o con efecto retardado o retroactivo— no solo los “falsos enlaces” simbólicos freudianos, sino también las condiciones de producción del sufrimiento psíquico en sí mismas.

En este sentido, puede haber neogénesis respecto a formaciones de compromiso sintomáticas (y no porque se debele una supuesta verdad inmanente e inconciente oculta bajo los esfuerzos defensivos del yo en tanto instancia de desconocimiento), sino porque el mismo trabajo analítico permite que se produzca una recomposición de las relaciones al interior del sistema de huellas o representaciones que sostienen los pensamientos concientes, pero también de aquellos pensamientos parasubjetivos o “no pensados por nadie” en términos de Bion.

En su libro *La fundación de lo inconciente*, Silvia sostiene que la materialidad psíquica es heterogénea y diversa... Y aun tomando en cuenta la *Carta 52* como primer modelo freudiano de estratificación de las huellas mnémicas (Ps como signos de percepción o primera inscripción, incluso respecto a lo traumático; lcc o representaciones-cosa, aun no nombradas como tales; representaciones-palabra como patrimonio de la conciencia, por ejemplo) (Freud, 1992a, p. 275), afirma —mi madre— que en el aparato psíquico de todo sujeto neurótico “conviven” materialidades diversas cuyo procesamiento es también desigual en un sistema altamente complejo y diferenciado que opera representación a representación (aquí tomo como modelo el trabajo de la represión secundaria misma).

Pero incluso en el lcc tópicamente definido, coexisten materialidades y formaciones diversas:

- Representaciones efecto de la represión secundaria: aquellas que podrían eventualmente bajo la forma de retorno de lo reprimido dar origen a síntomas con carácter simbólico.
- Representaciones originariamente reprimidas, que nunca tuvieron estatuto de lenguaje ni fueron articuladas en el doble eje de la lengua y que no pueden por lo tanto ser recuperadas por medio de asociaciones libres. Y que, al igual que ciertas inscripciones efecto de traumatismos severos, mantienen su estatuto de signo de percepción y no logran ser fijadas al lcc (Bleichmar, 1993, p. 257-258) ... y, además, que solo pueden ser cercadas, recuperadas o capturadas por medio de representaciones propuestas en el análisis con carácter abductivo.
- Bloques representacionales complejos, fantasmas, por ejemplo, arrojados a lo lcc y cuya eficacia varía.

En ese sentido los procesos de neogénesis en análisis no corresponden a un tiempo particular de la vida sexual y psíquica, sino que pueden —como decía previamente— producirse sobre materialidades psíquicas muy diversas con efectos no anticipables en la estructura de partida.

Es allí donde radican, tanto su riqueza, como su novedad.

REFERENCIAS

- BLEICHMAR, Silvia. *La fundación de lo inconsciente*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1993.
- BLEICHMAR, Silvia. *Psicoanálisis extramuros*. Puesta a prueba frente a lo traumático. Buenos Aires: Editorial Entreideas, 2010.
- FREUD, Sigmund. Carta 52. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas (v. I)*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992a.
- FREUD, Sigmund. La represión. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas (v. XIV)*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992b.

SUBJETIVIDADES CONTEMPORÂNEAS SOB A TELA: DO LIKE AO BURNOUT

CONTEMPORARY SUBJECTIVITIES UNDER THE SCREEN: FROM LIKE TO BURNOUT
SUBJETIVIDADES CONTEMPORÂNEAS BAJO LA PANTALLA: DEL GUSTO AL BURNOUT

Bruna Mello da Fonseca¹

LIVRO: ENTRE O LIKE E O BURNOUT: REFLEXÕES PSICANALÍTICAS

AUTOR: MARIELLE KELLERMANN

SÃO PAULO: BLUCHER, 2023. 150 P.

Resumo: O livro *Entre o like e o burnout: reflexões psicanalíticas*, de Marielle Kellermann, é cirúrgico ao tocar em problemáticas tão contemporâneas de forma clara e em profundidade. Publicado pela editora Blucher no ano de 2023, o livro traz importantes reflexões acerca das relações estabelecidas entre os sujeitos e as novas modalidades de virtualidade impostas pela cena tecnológica. Parte do aporte psicanalítico para a interpretação das vicissitudes de nossos tempos, revigorando a psicanálise e trazendo para o debate este que vem sendo um tema urgente. Aborda as análises online, o crescente culto à imagem e a valorização posta em likes, assim como ocupa-se de pensar o fenômeno do burnout, assunto tão comentado de forma coloquial, e que merece a consistência ética do exercício psicanalítico. Compreende-se ser um livro de valor à clínica contemporânea, pelas subjetividades que estão em curso, bem como pelo compromisso ético-político com o laço social e suas manifestações.

Palavras-chave: Psicanálise. Like. Burnout. Subjetividades. Virtualidade.

Abstract: The book Between like and burnout: psychoanalytic reflections, by Marielle Kellermann, is absolutely precise in touching on such contemporary issues clearly and in depth. Published by Blucher in 2023, the book brings important reflections on the relationships established between subjects and the new modalities of virtuality imposed by the technological scene. It takes the psychoanalytic contribution towards the interpretation of the vicissitudes of our times, reinvigorating psychoanalysis and bringing what has been an urgent topic to the debate. It addresses online analyses, the growing cult of the image and the appreciation placed on likes, as well as thinking about the phenomenon of burnout, a subject that is talked about in a colloquial way and that deserves the ethical consistency of psychoanalytic exercise. It is understood to be a book of value to contemporary clinics, due to ongoing subjectivities, as well as the ethical-political commitment to the social bond and its manifestations.

Keywords: Psychoanalysis. Like. Burnout. Subjectivities. Virtuality.

Resumen: El libro Entre el me gusta y el burnout: reflexiones psicoanalíticas, de Marielle Kellermann, es quirúrgico al abordar temas tan contemporáneos de forma clara y profunda. Publicado por Blucher en 2023, el libro trae importantes reflexiones sobre las relaciones

¹ Psicóloga, psicanalista, especialista em Saúde Mental e Desenvolvimento Humano, mestranda no PPG Psicologia Social e Cultura da UFSC na linha de pesquisa Psicanálise, Política e Cultura. Bolsista FAPESC. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-3528-7512>. E-mail: bruna.fonsecam@gmail.com

que se estabelecem entre los sujetos y las nuevas modalidades de virtualidad impuestas por el escenario tecnológico. Parte del aporte psicoanalítico a la interpretación de las vicisitudes de nuestros tiempos, revitalizando el psicoanálisis y trayendo al debate lo que ha sido un tema urgente. Aborda los análisis online, el creciente culto a la imagen y el aprecio otorgado a los me gusta, además de reflexionar sobre el fenómeno del burnout, tema del que tanto se habla coloquialmente y que merece la coherencia ética del ejercicio psicoanalítico. Se entiende como un libro de valor para la clínica contemporánea, por las subjetividades que están presentes, así como por el compromiso ético-político con el vínculo social y sus manifestaciones.

Palabras clave: Psicoanálisis. Me gusta. Burnout. Subjetividades. Virtualidad.

A escrita fluida de Marielle Kellermann em *Entre o like e o burnout: reflexões psicanalíticas* nos permite adentrar de forma leve um tema tão denso, sério e necessário. Basta olharmos para os lados para vermos sujeitos imersos em seus celulares, tablets e computadores. Em questão de 10, às vezes 5 minutos, estaremos novamente conferindo a chegada de alguma mensagem, a conversa em tempo real em algum grupo, um meme que chega até nós para problematizar uma questão política, as curtidas e interações em nossas redes sociais. Ainda que em muitos momentos tomemos a virtualidade tecnológica como um campo a ser problematizado pelas demandas da clínica, devemos considerar a nossa própria inserção neste fenômeno da cultura e, portanto, nosso pertencimento ao laço social em que tais ocorrências se dão.

É também a este olhar que Kellermann nos conduz com sua escrita. Mostra já em seu prólogo como o tema atravessa sua vivência psicanalítica, seja do ponto de vista de analisanda, seja de analista. Sustenta que é assim que emerge em si a inquietação com a relação entre sujeito e tecnologia. Compreende a pandemia como um fomento à virtualidade das experiências e questiona-se por que as pessoas fazem a escolha de compartilhar suas informações on-line. Pergunta-se e pergunta-nos: “De que forma a virtualidade interfere, influencia na nossa subjetividade, sujeitos da contemporaneidade?” (2023, p. 26).

Segue seu caminho teórico-clínico propondo pensarmos sobre a ocorrência das análises não presenciais, também enquanto uma consequência produzida pela vivência pandêmica, e que pede atenção à técnica psicanalítica, assim como pede revisitação à sua sustentação ética. Mais que afirmar uma rigidez, é categórico da psicanálise a premissa por seu rigor. Assim sendo, esta é uma das riquezas do livro de Kellermann: que possamos elaborar o trânsito dos consultórios físicos para os consultórios virtuais-tecnológicos — ainda que pautados na experiência de que a transferência é, via de regra, um fenômeno de virtualidade, como outrora também apontaram Surreaux (2022) e Figueiredo (2020).

Kellermann propõe reflexões acerca da experiência digital, compreendendo que “o que é mundo externo e o que é próprio do mundo interno tendem a se mesclar, perdendo seus contornos evidentes” (2023, p. 21). Resta, então, muito da confusão contemporânea e do “borramento de limites” que vivenciamos.

Em seu quarto capítulo, Kellermann compartilha a experiência de ter sido contratada para fazer uma análise acerca da divulgação e compartilhamento de conteúdos íntimos na internet, os conhecidos *nudes*. Revela-nos que tal demanda se apresentou pelo fato de que o mercado pornográfico via-se perdendo clientela, uma vez que estes conteúdos vinham sendo veiculados e compartilhados de forma on-line e gratuita. Dessa forma, a autora consegue relacionar a virtualidade tecnológica com o campo da sexualidade, matéria-prima da psicanálise. Este tema também se faz relevante ao considerarmos o significativo aumento de práticas criminosas envolvendo cyberbullying, exposição, suicídio e transtornos psicológicos associados à divulgação de fotos e vídeos íntimos sem a autorização dos autores.

Em seu quinto capítulo, Kellermann aborda o fenômeno dos Youtubers e as identificações que a geração atual de crianças e adolescentes vem tecendo com estes sujeitos e seus modos de viver e compartilhar suas vidas. Com essas análises, é possível tensionar como os jovens vêm concebendo em seus imaginários a representação do trabalho, do dinheiro, do esforço e das conquistas, visto que as redes sociais idealizam vidas e tornam a grama do vizinho sempre mais verde. Com isso, o aumento dos comparativos, a insatisfação e a distorção de imagem são temas urgentes para pensarmos a juventude atual.

Kellermann, em sua obra, conversa também com as propostas do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, autor do famoso livro *A sociedade do cansaço*, e que se ocupa de compreender e interpretar as formas de relacionamento e sofrimento vigentes na cultura. Nessa articulação com Han, Kellermann entende as sintomatologias contemporâneas, tais como o incremento de quadros de depressão e *burnout*. Ao nos debruçarmos sobre os valores cultuados na atualidade, vemos a importância dada ao consumo, à produtividade, ao imediatismo, ao ter em detrimento do ser. Valores operados pela lógica neoliberal e que produzem formas próprias de sofrer, como vemos em nossos consultórios e em nossas telas.

A fim de comunicar uma psicanálise acessível, ética e comprometida com o social, Kellermann também traz questões sobre a própria transmissão da psicanálise. Partindo do podcast *Lá fora — coisas do mundo atual pelo olhar da psicanálise*, junto com seus colegas psicanalistas Pedro Colli Badino de Souza Leite e Vanessa Figueiredo Corrêa, conta que este projeto se deu “no sentido de ansiar por uma psicanálise mais encarnada no mundo” (Kellermann, 2023, p. 123). Divide aqui com os leitores o compromisso que vem tecendo de aproximação com o público leigo e com temas que sejam mais cotidianos que técnicos, sem perder a profundidade própria de seu fazer.

Por fim, vemos Kellermann fazer um percorrido pelas reflexões anteriores e que culminam na seriedade e implicação deste livro acerca dos padecimentos contemporâneos. Notamos uma leitura clínica, crítica, implicada, com sólida base teórica e com um olhar generoso para os fenômenos da cultura. De acordo com Kellermann (2023),

A proposta do meu olhar para a relação sujeito-mundo digital sempre foi a de hospitalidade diante do inédito e do desconhecido, tendo cuidado para tomar distâncias seguras de pensamentos nostálgicos ou defensivos que podem vir a obliterar a clareza do olhar e as experiências desconcertantes em face da ruptura do novo (p. 23).

Assim sendo, indica-se a leitura desta que é uma valiosa obra para recém-chegados à psicanálise, assim como para aqueles que acreditam na vivência de uma técnica que requer sempre atualização e reflexão, sustentada em seus alicerces éticos e políticos, sem perder de vista o frescor das dimensões socioculturais que chegam da clínica ao mesmo tempo que dela emergem. É a partir de leituras como essa que conseguiremos tanto compreender as nuances do campo subjetivo, sem a necessária condução à atrofia dos diagnósticos, como adentrar as complexidades do campo coletivo.

REFERÊNCIAS

- KELLERMANN, Marielle. *Entre o like e o burnout: reflexões psicanalíticas*. São Paulo: Blucher, 2023.
- FIGUEIREDO, Luís Claudio. A virtualidade do dispositivo de trabalho psicanalítico e o atendimento remoto. *Cadernos de Psicanálise CPRJ*, v. 42, n. 42, p. 61-80, 2020.
- SURREAUX, Helena Ardaiz. Virtualidade e psicanálise: novas sendas para o encontro humano? *Jornal de Psicanálise*, v. 55, n. 102, São Paulo, jan./jun. 2022.

AS MÚLTIPLAS VOZES DA PSICANÁLISE BRASILEIRA

THE MULTIPLE VOICES OF BRAZILIAN PSYCHOANALYSIS

LAS MÚLTIPLES VOCES DEL PSICOANÁLISIS BRASILEÑO

Júlia Gerhardt¹Guilherme Berti²**LIVRO: PSICANÁLISE À BRASILEIRA****AUTOR: FERNANDA CANAVÊZ E JOEL BIRMAN****SIMÕES FILHO: DEVIRES, 2024. 227 P.**

Resumo: O livro *Psicanálise à brasileira*, originado a partir do encontro realizado no Grupo de Trabalho (GT) *Psicanálise, Subjetivação e Cultura Contemporânea* da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP) de 2023, organizado por Fernanda Canavêz e Joel Birman e publicado pela Editora Devires, é uma contribuição fundamental para a psicanálise no Brasil. A obra propõe um movimento: uma psicanálise que não permanece estanque, que questiona suas teorias e seus vínculos com dispositivos de poder, que reconhece os discursos críticos ao campo e reflete profundamente sobre o território. Busca resgatar o discurso político de forma afirmativa na psicanálise, evidenciando a impossibilidade de falar de psicanálise brasileira sem enfrentar as desigualdades, violências, silenciamentos e a colonialidade em nosso país.

Palavras-chave: Psicanálise. Brasil. Política.

*Abstract: The book *Psicanálise à brasileira*, originating from the meeting held at the *Psicanálise, Subjetivação e Cultura Contemporânea* working group of ANPEPP in 2023, organized by Fernanda Canavêz and Joel Birman and published by Editora Devires, is a fundamental contribution to psychoanalysis in Brazil. The work proposes a movement, a psychoanalysis that does not remain stagnant, that questions its theories and its links with devices of power, recognizes critical discourses in the field and is deeply rooted in our territory. It seeks to rescue political discourse in an affirmative way in psychoanalysis, highlighting the impossibility of talking about Brazilian psychoanalysis without facing the inequalities, violence, silencing, and coloniality in our country.*

Keywords: Psychoanalysis. Brazil. Politics.

¹ Psicóloga pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó) em 2018, Pós-graduada em Psicoterapia de Orientação Psicanalítica pela Unochapecó em 2019. Psicóloga clínica e Psicanalista, ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-0339-2691>. E-mail: juliagpsicologia@gmail.com

² Psicólogo pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI-Erechim) em 2019, Especialista em Saúde Pública pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 2021, Mestrando de Psicologia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6045-8871>. E-mail: guilhermebeerti@gmail.com

Resumen: El libro Psicanálise à brasileira, surgido de la reunión realizada en el grupo de trabajo de Psicanálise, Subjetivação e Cultura Contemporânea de la ANPEPP en 2023, organizado por Fernanda Canavêz y Joel Birman y publicado por la Editora Devires, es un aporte fundamental al psicoanálisis en Brasil. La obra propone un movimiento: un psicoanálisis que no se queda estancado, que cuestiona sus teorías y sus vínculos con dispositivos de poder, reconoce discursos críticos en el campo y está profundamente arraigado en nuestro territorio. Busca rescatar el discurso político de manera afirmativa en el psicoanálisis, destacando la imposibilidad de hablar del psicoanálisis brasileño sin enfrentar las desigualdades, la violencia, el silenciamiento y la colonialidad en nuestro país.

Palabras clave: Psicoanálisis. Brasil. Política.

Por fim, quero abordar uma situação que pertence ao futuro, que para muitos dos senhores parecerá fantástica, mas que, a meu ver, merece que tenhamos o pensamento preparado para ela (Freud, 2010, p. 290).

O que caracteriza a psicanálise brasileira? Essa é a questão, de forma corajosa e necessária, abordada no livro *Psicanálise à brasileira*, organizado por Canavêz e Birman (2024) e publicado pela Editora Devires. A resposta, como é de se esperar, é múltipla, assim como a psicanálise brasileira: “feita de muitas vozes, do centro e das margens” (Canavêz, 2024, p. 3). Reunindo diversas perspectivas, ao longo de 16 capítulos, esta obra deve ser recebida com entusiasmo pelos psicanalistas brasileiros, pois coloca em debate questões fundamentais, como a branquitude, a pureza, a colonização e a mimetização europeia da psicanálise em nosso país (Canavêz, 2024).

Psicanálise à brasileira surge a partir do encontro realizado em 2023 no Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), dentro do Grupo de Trabalho (GT) Psicanálise, Subjetivação e Cultura Contemporânea da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP). O livro reflete profundamente sobre nosso território e resgata o discurso político na psicanálise, destacando a impossibilidade de falar sobre a psicanálise brasileira sem confrontar as desigualdades, violências, silenciamentos e a colonialidade presentes em nossa sociedade.

Em terras brasileiras, este livro não fundiu o “ouro da psicanálise” ao “cobre da sugestão e da hipnose” (Freud, 2010), nem recorreu à antropofagia (evitando o risco de perpetuar o colonialismo, idealizar o indígena e apagar contradições). Em vez disso, colocou a psicanálise para “gingar”. “Gingar” é a expressão usada por Canavêz e Gondar (2024) que faz referência ao movimento fundamental da capoeira, relacionado ao jogo de cintura e à astúcia. O “gingado” remete a uma abordagem fluida, flexível e distinta de uma postura rígida. Na psicanálise, significa flexibilizar a teoria e a clínica, respeitando e incluindo as complexidades das experiências subjetivas e coletivas no Brasil, sem se submeter a uma visão purificada ou idealizada do campo psicanalítico. Nesse sentido, *Psicanálise à brasileira* é uma obra que reflete sobre as consequências de uma psicanálise no território onde é teorizada e praticada. Trata-se de uma psicanálise para o povo, construída pelo povo (Silva, 2024), rigorosa, que não se submete a uma visão filosófica de mundo nem impõe essa visão de maneira violenta (Freud, 2010).

A dimensão política na psicanálise, como sabemos, durante muito tempo esteve esvaziada e silenciada, devido ao poder institucional de parte do movimento psicanalítico, representado principalmente por Ernest Jones (1879-1958), que afirmava que os escritos psicanalíticos sobre cultura e sociedade não contribuem para a psicanálise (Birman, 2024). *Psicanálise à brasileira* surge, então, na contracorrente e em boa hora, com a integração da política no discurso psicanalítico, assim como Freud havia feito em textos como *Delírio e sonhos na*

Gradiva de Jensen (1907), *A moral sexual civilizada e a doença nervosa moderna* (1908), *O futuro de uma ilusão* (1927), *O mal-estar na civilização* (1930), entre outros.

O livro reúne diversas psicanálises que dedicam atenção aos fenômenos sociopolíticos que se configuram à brasileira (Farias; David, 2024), coloca os conceitos clássicos em diálogo com a nossa realidade (Belo; Farias, 2024), busca construir uma psicanálise a serviço do povo (Silva, 2024) e não se limita a uma identidade fixa, mas apresenta proposta de movimento com respeito ao outro (Canavêz; Gondar, 2024).

Fábio Belo e Camila Peixoto Farias (2024), por exemplo, no capítulo “Subjugação e violência: o traumático encontro com a alteridade no Brasil”, ao abordarem a ordem traumática do encontro com a alteridade no Brasil, afirmam que, para avançarmos em um movimento de descolonização da psicanálise, é necessário que nossos corpos e realidades sejam incluídos na conversa. Não é possível pensar criticamente a escuta e a produção de conhecimento psicanalítico no Brasil sem articulação com a história que marca os corpos envolvidos nesse processo. A escuta nunca é neutra. Então, o que, afinal, marca a escuta de um psicanalista brasileiro? Pergunta similar, nesse mesmo sentido, é investigada por Marcio Farias e Emiliano de Camargo David (2024, p. 26) no capítulo intitulado “Psicanálise e demanda negra: reflexões sobre a escuta crítica”: “Pode a psicanálise brasileira escutar o racismo?”.

O encontro com os diferentes corpos e experiências, no território brasileiro, sem dúvida, convoca os psicanalistas a um movimento de contracolonização, com a recusa do pacto narcísico que tem o homem branco europeu como modelo de indivíduo. Não se trata de negar a teoria psicanalítica, mas de colocar os conceitos clássicos em diálogo com a pluralidade da realidade brasileira (Belo; Farias, 2024).

Rosimeire Bussola Santana Silva (2024), no capítulo “A experiência da periferia: uma psicanálise na periferia, da periferia e para a periferia”, interroga de maneira imprescindível a psicanálise universitária e institucional e a sua presença (ou ausência) no território periférico. Por quais meios a psicanálise chega às periferias e de que forma o faz? Tendo em vista, historicamente, o elitismo na psicanálise e a relação hierarquizada com a população, a autora levanta esses pontos em um contexto marcante: o V Encontro do GT Psicanálise, Subjetivação e Cultura Contemporânea na UFRJ, durante o qual alguns bairros periféricos do Rio de Janeiro passavam por operações policiais, o que impediu muitos alunos de frequentarem as aulas.

Em *Psicanálise à brasileira*, a pluralidade de perspectivas resulta em um trabalho brilhante e de grande relevância para a psicanálise no Brasil. É um livro que propõe um movimento: psicanálises que não permanecem estanques, que resistem, subvertem e inventam (Hartmann; Estevão, 2024), que ousam pensar em modos de transmissão horizontais, interrogam suas teorias e seus vínculos com dispositivos de poder e reconhecem os discursos críticos ao próprio campo (Cunha; Pombo, 2024). Propõe psicanálises permeáveis a outros campos do saber, dentro e fora das universidades e escolas de formação, territorializadas, periféricas, antirracistas e marcadas pela alegria nos processos de subjetivação de nossa brasilidade.

Ao reunir diversos pontos de vista que atravessam as questões da branquitude, da colonização, da violência e da marginalização, o livro destaca que a psicanálise brasileira se constrói a partir de múltiplas vozes — não homogêneas, mas que se complementam e se desafiam mutuamente. Esse movimento de resistência e reinvenção da psicanálise no Brasil revela a potência de nossa psicanálise, produzida em terras brasileiras, pelos corpos que constituem nossa realidade, e que ousa questionar seus próprios fundamentos e tradições. Nesse sentido, o livro representa uma contribuição essencial para todos aqueles que buscam compreender e praticar a psicanálise de formas que ressoam com a complexidade e a diversidade do Brasil, ao mesmo tempo em que abre caminho para um novo futuro psicanalítico, mais inclusivo e verdadeiramente plural.

REFERÊNCIAS

- BELO, Fábio; FARIAS, Camila Peixoto. Subjugação e violência: o traumático encontro com a alteridade no Brasil. In: CANAVÊZ, Fernanda; BIRMAN, Joel (Orgs.). *Psicanálise à brasileira*. Simões Filho: Devires, 2024.
- BIRMAN, Joel. *Guerra e política em psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.
- CANAVÊZ, Fernanda. Apresentação. In: CANAVÊZ, Fernanda; BIRMAN, Joel (Orgs.). *Psicanálise à brasileira*. Simões Filho: Devires, 2024. p. 3-12.
- CANAVÊZ, Fernanda; BIRMAN, Joel. *Psicanálise à brasileira*. Simões Filho: Devires, 2024.
- CANAVÊZ, Fernanda; GONDAR, Jô. Sob o signo da inconstância: alguns pontos sobre a psicanálise que ginga. In: CANAVÊZ, Fernanda; BIRMAN, Joel (Orgs.). *Psicanálise à brasileira*. Simões Filho: Devires, 2024. p. 62-72.
- CUNHA, Eduardo Leal; POMBO, Mariana. Dissidências de gênero e periferias da psicanálise: travessias possíveis. In: CANAVÊZ, Fernanda; BIRMAN, Joel (Orgs.). *Psicanálise à brasileira*. Simões Filho: Devires, 2024. p. 128-141.
- FARIAS, Marcio; DAVID, Emiliano de Camargo. Psicanálise e demanda negra: reflexões sobre a escuta crítica. In: CANAVÊZ, Fernanda; BIRMAN, Joel (Orgs.). *Psicanálise à brasileira*. Simões Filho: Devires, 2024. p. 25-36.
- FREUD, Sigmund. Caminhos da terapia psicanalítica. In: FREUD, Sigmund. *História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- HARTMANN, Fernando; ESTEVÃO, Ivan Ramos. A subversão como núcleo da psicanálise. In: CANAVÊZ, Fernanda; BIRMAN, Joel (Orgs.). *Psicanálise à brasileira*. Simões Filho: Devires, 2024. p. 91-103.
- SILVA, Rosimeire Bussola Santana. A experiência da perifernálise: uma psicanálise na periferia, da periferia e para a periferia. In: CANAVÊZ, Fernanda; BIRMAN, Joel (Orgs.). *Psicanálise à brasileira*. Simões Filho: Devires, 2024. p. 54-61.

Artigo enviado: 18 de dezembro de 2024

Artigo aceito: 22 de janeiro de 2025



Sigmund Freud Associação Psicanalítica
Rua Rua Doutor Timóteo, 752
Moinhos de Vento · Porto Alegre, RS · Brasil
CEP 90570-140 · (51) 3062.7400
www.sig.org.br · sig@sig.org.br
revista@sig.org.br

